

**MONSENHOR LANDRIOT
ARCEBISPO DE REIMS**

A MULHER FORTE



CONFERÊNCIAS FEITAS ÀS SENHORAS DA ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE

**VERSÃO DA 10ª EDIÇÃO FRANCESA
POR
ALFREDO CAMPOS**

**LIVRARIA INTERNACIONAL
1877**

(TOTAL DE 17 CONFERÊNCIAS)

1ª CONFERÊNCIA



Mulierem fortem quis inveniet? Procul et de ultimis finibus pretium ejus. Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit: Reddet ei bonum et non malum, omnibus diebus vitae suae.

Quem encontrará a mulher forte? Ela é mais preciosa que as pérolas que vêm das extremidades do mundo. O coração do seu marido põe nela inteira confiança e não terá necessidade de riquezas estranhas. Ela dar-lhe-á o bem e não o mal durante os dias da sua vida.

(Prov., XXXI, 10-12)

Senhoras.

“Qualquer escrito divinamente inspirado, é útil para instruir e para ensinar, a fim de que nos façamos perfeitos, e próprios para todas as boas ações.” (II. TIM. III, 16-17) A Sagrada Escritura, dizem os Santos Padres, é como um vasto prado, esmaltado de flores, onde as plantas mais formosas, mais variadas, de mais admirável matiz, crescem e se desenvolvem para agrado da vista, preparando para os dias do outono, saborosíssimos frutos. Com efeito, nada há mais profundo que o ensino das Divinas Escrituras, nada mais belo, mais simples, e, ao mesmo tempo, mais gracioso. As palavras dos livros santos têm um sabor particular, uma luz que lhes é própria, uma claridade e um calor, que penetram de certo modo, que atraem o coração por um movimento, tão doce quanto enérgico. Nunca as obras dos homens produziram resultado tão maravilhoso. Uma única palavra da Bíblia converte-se em semente que produz centuplicados frutos e desenvolve na alma uma farta seara de virtudes, quando encontra o terreno bem preparado.

Vede esse grãozinho que a brisa suspende no ar: se o examinardes de perto, achá-lo-eis munido de um aparelho, alternativamente sólido e delicado, semelhante a umas asas. Com ele ondula ligeira e graciosamente! Segue à mercê da Providência, cujo olho maternal o acompanha sempre; e quando lhe chega a hora de germinar, dir-se-ia que

uma mimosa e providente mão o abate sobre um fragmento de terra. Cai, penetra-a, desenvolve-se, cresce e carrega-se de numerosos e fecundos frutos. Assim vão as palavras da Escritura Sagrada: graça à pregação evangélica, o ar está cheio desses germens divinos, e as sementes aladas volteiam por toda a parte; e quando uma alma está preparada, o sopro da graça leva-lhe um destes maravilhosos átomos, que vêm não se sabe de onde, e que pode produzir com o tempo uma floresta de alentadas árvores: - *Et terra gignet germen suum, et pomis arbores replebuntur.* (Levit. XXVI)

Eu já por várias vezes, senhoras, nas nossas conferências mensais, tive ocasião de apresentar às vossas meditações algumas frases da Bíblia, sobre os vossos principais deveres, e muito feliz me julgo por fazer-vos a justiça de crer que a semente divina caiu sempre em terras excelentes, o que não é, de certo, a menor consolação, nem a menor recompensa do vosso pastor. Havia muito tempo que eu alimentava a idéia de comentar um admirável capítulo dos Provérbios, sobre a mulher forte; parecia-me, até, ter antecipadamente visto nele numerosas e interessantes conclusões para a prática da vossa vida, porque a Bíblia que fala muitas vezes da mulher e dos deveres que lhe cumprem, parece ter resumido, em tal capítulo, a substancia do seu ensino.

Começaremos, pois, agora, e prosseguiremos sucessivamente, a par e passo dos desenvolvimentos que se apresentarão ao meu espírito.

Quem encontrará a mulher forte? - *Mulierem fortem quis inveniet?* O Senhor estabelece as suas obras duas a duas, diz a Sagrada Escritura, e o contraste é uma lei da criação: *Intuere in omnia opera Altissimi: duo et duo et unam contra unum* (Eccl. XXXIII, 15).

Este contraste é frisantíssimo na criação do homem e da mulher, e na distribuição das suas qualidades diferentes. Ao homem, d'um modo mais especial, conferiu a inteligência, o conselho e a força; a mulher, a inteligência do coração, a flexibilidade. É certo que as riquezas d'uma destas duas maravilhosas criaturas não são completamente recusadas à outra: designo somente as qualidades que, segundo as leis ordinárias, dominam n'uma mistura, em que os dons são continuamente variáveis.

Assim, a força não é geralmente tida como caráter próprio e predominante da mulher, o que, por sem dúvida, não é afirmar que a mulher não possa ser forte e corajosa, nem tão pouco que o homem em muitas circunstâncias não seja mais fraco que a mulher. Trata-se unicamente do que mais habitualmente se apresenta, do que resulta da constituição primitiva, dos dons especiais concedidos a mulher e da sua missão neste mundo.

Diremos ainda que, ao lado de cada uma das nossas boas qualidades, se acha um defeito posto, e que em consequência das enfermidades da natureza e das misérias do pecado, a flexibilidade de caráter, e agilidade de constituição facilmente degeneram em fraqueza e inconstância. Foi isto o que fez dizer a São Tomás que as imperfeições do temperamento entram por muito na fraqueza censurada às mulheres - *propter imperfectionem corporalis naturae.* (Eth. I.VII, liç. 5.) Também o sábio responde ao pensamento dos séculos e ao julgamento da experiência, quando exclama: - Quem encontrará a mulher forte?

Talvez que a resposta fosse mais fácil se se perguntasse: Quem encontrará a mulher volúvel, inconstante, sucessivamente ardente e fria? Quem encontrará esses caracteres entusiastas, que passam com extrema rapidez duma e outra convicção, cheios de indolência e inconsistência, e semelhantes aos seres gelatinosos, que se decompõem sobre a área, na praia, junto ao mar? Quem encontrará as naturezas móveis como o vento, que mudam de opinião conforme as variações do tempo, oi os caprichos da multidão insensata?

A tais interrogações seriam imediatamente as respostas e numerosas as aplicações.

Quem encontrará a mulher forte? Essa mulher que sabe beber n'uma quotidiana coragem e energia necessária para fazer face a todas as dificuldades da sua posição, aos enfados diários, as preocupações de todas as horas e as contrariedades incessantes? A mulher forte que resiste aos numerosíssimos embates da vida, as tristezas da família, aos atritos da vida interna e a todos os íntimos pesares, que, semelhantes às legiões de insetos do outono, de contínuo cercam o coração da mulher?

A mulher forte, que preside com imperturbável sabedoria aos trabalhos da sua casa, as minudências da vida do lar, aos cuidados dos filhos, a vigilância dos criados, e a ordenança dessa multidão de pequenos serviços, que, na família, se sucedem tão rapidamente como as nuvens no céu? Quem encontrará a mulher forte, mais forte que a desgraça, que os enlaces da fortuna, que as calúnias, que a maldade humana, e que, após a passagem de todas as ondas, permanece como uma coluna do farol, em pleno mar, para iluminar e fortalecer os pobres náufragos? *Mulierem fortem quis inveniet?*

Mais tarde, na explicação dos versículos seguintes, teremos ocasião, senhoras, de voltar mais minuciosamente a este importante assunto. Limitemo-nos, hoje, a algumas rápidas reflexões. A razão, a firmeza de caráter e um conjunto de qualidades naturais, podem contribuir muitíssimo para edificar esse temperamento moral, essa natureza perfeita que a escritura apelida de mulher forte; e o que admiro em todos os Santos Padres da Igreja é a maravilhosa arte com a qual sabiam cultivar o solo da natureza, explorando-lhe com divina habilidade as menores riquezas, para lhe lançarem a sementeira do Evangelho e a regarem com a graça de Jesus Cristo. Mas só a religião poderá dar ao vosso caráter a fixidez, a superioridade de energia e a perseverança que coroam o uso das nossas mais esplêndidas faculdades. Fora de Deus e da sua assistência sobrenatural, a natureza é muito fraca e demasiado miserável para frutificar e, sobretudo amadurecer o fruto da virtude, essa exquista produção duma árvore por toda a parte sob o nome de mulher forte: *Mulierem fortem quis inveniet?*

Sede verdadeiras cristãs, sede profundas e sinceramente piedosas, fazei de Deus o alimento habitual de vossas vidas, e só então vos podereis aproximar do ideal da força e do vigor, de que as heroínas cristãs nos deram sobejos exemplos, e que faziam exclamar os filósofos pagãos: - Que admiráveis mulheres não são as cristãs! *Papae! Quales mulieres apud christianos sunt!* (Chrysost. t.I)

Á força de provar Deus, de O saborear e de constituir como amigo e confidente de vossos pesares e alegrias, indentificar-vos-ei com Ele, pois esse contato superior será o cimento invisível dos vossos pensamentos, dos vossos desejos, das vossas resoluções e sentimentos. As pedras da vossa vida, isto é, as vossas ações, serão conjuntamente unidas e consolidadas, como nos edifícios do povo romano, de que tantas vezes reza e

história e que afrontaram a injúria das idades, porque um cimento tão duro como o bronze as converteu em monumentos imperecíveis. Foi assim que se formaram todas as mulheres cristãs que deram tão admiráveis exemplos a posteridade; foi em tal escola que beberam o seu heroísmo as virgens e as mulheres mártires, as Inezes, as Perpétuas, as Apolonias; foi nessas escolas que outras mulheres, cuja força se desenvolveu numa esfera menos brilhante, tomaram a energia que sofre o martírio lentamente, o martírio da vida diária, o martírio em que a natureza se imola e arde sobre o altar do dever, imolação sublime de que santo Ambrósio dizia: -"Que desconhecido número de mártires de Cristo, na secreta obscuridade da vida quotidiana!" e São Gregório o Grande: - " Se conservamos a verdadeira paciência no meio dos pesares da existência somos mártires, sem necessidade de algozes e cutelos!".

É ainda ali, e em conseqüência d'uma infiltração divina, que se exercem e crescem a paciência cheia de doçura e o espantoso vigor dessas virgens consagradas a Deus, nas escolas dos pobres, nos orfanatos, nos hospitais e nas visitas aos desgraçados de toda a espécie. Nada menos é preciso do que a força que criava os mártires, para multiplicar todos os dias semelhantes prodígios. No cristianismo não deve, pois, ser tão difícil a esta interrogação: - Quem encontrará a mulher forte? O sangue de Cristo fez a sementeira e ela germinou por toda a parte. Possa a graça multiplicar-lhe os frutos na nossa Associação! E se houver embaraços em encontrar uma solução às palavras da Bíblia, que facilmente se possa vir procurá-la entre vós, e entre vós se encontrem sempre os exemplos duma rara virtude: - *Mulierem fortem quis inveniet?* Não foi a uma mulher cristã que São Crisóstomo dirigiu este magnífico elogio? – “Vós possuís uma ciência superior a todas as tempestades; tendes a energia dum espírito superior, que é mais poderoso que numeráveis exércitos, e mais seguro que as altas muralhas e elevadas torres.” (Epist. 6. Olymp.)

Difícilmente poderemos acreditar que a raça de caracteres tão belos se extingue entre as mulheres cristãs. A Sagrada Escritura ajunta, que a mulher forte é mais preciosa que as pérolas que vêm das extremidades do mundo. - “Nada é melhor que uma excelente mulher, diz São Gregório Nazianzo, e nada pior do que uma mulher má.” (Orat. in funere patris)

A mulher excelente é um preciosíssimo tesouro para a sua casa; é a vida do lar, a luz com os seus mil reflexos graciosos, a alma que tudo penetra, e em toda a parte deixa vestígios dos seus contatos deliciosos. O Espírito Santo tratando este assunto, não receia empregar um termo de comparação, que ordinariamente é o reservado para descrever a ação benéfica e misericordiosa da Divindade: - "Assim como o sol derrama das alturas a luz e o calor e parece vivificar a natureza inteira, assim o rosto d'uma mulher virtuosa é o ornamento da sua casa." E como se temesse não dizer o bastante continua o seu progressivo elogio, e compara a fisionomia dessa mulher à luz brilhante que cintilava no candelabro d'ouro do templo de Jerusalém : - “*Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei, sic mulieris bonae species in ornamentis domus ejus: lucerna splendens super candelabrum sanctum.*” (Eccl. XXVI, 21-22)

Bem vedes, senhoras, que a Sagrada Escrituras tem palavras severas a respeito das mulheres, ela as redime com usura, prodigalizando louvores as que pelas virtudes e eminentes qualidades fazem glória do vosso sexo. Como ordinariamente nada há de medíocre na vossa natureza, entrai para o número das mulheres excelentes, a fim de que se possa dizer de vós, com inteira verdade, que valeis mais do que as pérolas compradas

por alto preço nos países longínquos, e para que, nem mesmo de leve, se vos possa aplicar a outra frase dos livros santos: “A malícia da mulher má encerra e excede todas as outras malícias”. (Id. XXV)

“O coração de seu marido, continua o sábio, põe nela inteira confiança, e não terá necessidade de riquezas estranhas.” A confiança, senhoras, é a alma da vida, a ventura da existência, o encanto das relações e o lago dos corações. A confiança é tudo na vida. Onde não há confiança existe a morte, e alguma coisa pior ainda do que ela, que é uma existência que não tem os seus elementos e cuja respiração é continuamente oprimida. Se eu tivesse de pregar a vossos maridos, dir-lhe-ia: - Fazei por merecer a confiança de vossas esposas, porque a íntima confiança do coração é uma coisa que se não dá, nem se impõe, mas que é necessário conquistar pela virtude. De tão elevadas coisas depende a confiança, que Deus não a quis pôr à livre disposição do homem, e eu devo agradecer-Lh’o, porque Ele não podia proteger mais vitoriosamente o mais nobre patrimônio da humanidade: - o respeito das grandes e das belas coisas. Eu perguntaria ainda a vossos esposos: - Quando perdeis o respeito e a confiança de vossas mulheres, não sois vós os que, principalmente, mereceis a acusação?

Mas é a vós, senhoras, que me dirijo, a vós que eu intento fazer boas, excelentes, perfeitas, quaisquer que possam ser os defeitos que vos rodeiam. Merecei sempre a confiança de vossos maridos, e merecê-la-eis infalivelmente por uma vida exemplar, por uma doce virtude, paciente, constantemente invariável, mesmo em meio de tudo quanto possa ferver-vos. Um homem pode ter grandes defeitos, vícios graves; pode ter as suas horas de irritação, em que tratará a sua companheira com termos tão duros quão injustos. Não importa: se a mulher for o que deve ser, respeitá-la-á, apesar de tudo, porá nela inteira confiança, e a despeito das palavras violentas, nas quais, muitas vezes, a paixão finge crer, quando a cólera as profere, o coração permanecerá fiel, o coração curvasse-a perante a virtude, o coração terá confiança, porque um outro privilégio da verdade é que, não é permitido ao homem desprezar muito tempo e seriamente uma virtude que nada abala, e que persiste no meio de duríssimas experiências.

Mas quando mais feliz não é o lar onde o coração dos dois esposos é atraído por uma confiança recíproca, onde existe a fusão das almas, onde elas se inclinam naturalmente uma para a outra, como dois vasos, um dos quais encerra o licor necessário ao outro! As iguais uniões são uma das mais preciosas bênçãos do céu; são a riqueza e a felicidade da existência, como lhe chama São Crisóstomo, são o paraíso na terra; são depois das alegrias celestes e dos júbilos de fé, neste exílio da terra, o antegosto de melhor da vida, de vida em que tudo quanto o coração pôde sonhar será o objeto da nossa íntima posse: - o respeito, a confiança, o amor puro e a eternidade.

O marido nesta vida de confiança mútua, derrama na alma da mulher a inteligência, a luz, o vigor e o conselho, pelo seu lado, entretece para o esposo uma coroa de flores graciosas; ela dá-lhe, como árvore fecunda, a frescura e os frutos da alma afetuosa, recompensa-o das fadigas da vida, bebe-lhe as lágrimas e infiltra-lhe nas veias um óleo de alegria e de felicidade. “A mulher forte, diz o Espírito Santo, é o jubilo de seu esposo, porque lhe fará viver em paz todos os anos da existência.” (Eccl. XXXVI, 2) “Introduzir-lhe-á o vigor nos ossos - *impinguabit ossa illius*.” (Id. XXV, 16),

Ditoso o homem que possui uma companheira assim! Não terá necessidade de riqueza estranhas: *spollis non indigebit*. Terá no lar o tesouro do seu coração, e não lhe

produzirá atrativos tudo quanto for, além disto, tudo quanto for exterior. A graça, a virtude, a afeição da esposa, serão um laço preparado pela Providência para conservá-lo na linha do dever. Poderia, dizer-se ainda, tomando as expressões em outro sentido, que o marido não terá necessidade de riquezas estranhas, porque a mulher, como mais tarde a explicaremos, se tornará pelos cuidados e atenção, a sua providência e a sua economia, uma fonte de riquezas no santuário da família, que o despirá da necessidade de recorrer a esses meios de fortuna, cuja indústria fraudulosa, unida à agiotagem, ocorrem a todas as despesas: *et spollis non indigebit*.

“A mulher forte dará a seu marido o bem e não o mal, durante os dias da sua vida: *reddet ei bonum et non malum, omnibus diebus vitae suae.*”

Nobre confiança que a Providência concede à mulher! Fazei constantemente o bem e nunca o mal! Fazer o bem, sobretudo a seu marido, porque se identifica com ele; fazer o bem em todas as circunstâncias, e por toda a espécie de meios, pelas palavras, pelas ações, pelos conselhos e mesmo pelo silêncio! Fazer o bem prevenindo em embutes e os pesares que podem ferir o homem, e trabalhando para os desviar! Fazer o bem quando ele é feliz, gozando-o conjuntamente com ele, partilhando-lhe a ventura; fazer o bem, sobretudo quando é desgraçado e mártir, compartilhando das penas, aliviando-as pelas mil delicadas atenções que tão engenhosamente sabe encontrar a mulher quando tem boa vontade! Fazer sempre o bem e nunca o mal: *reddet ei bonum et non malum*. Não! nunca o mal! E insisto sobre esse ponto, porque sei que a mulher tem muitíssimos meios para praticar quando quer; porque sei que ela tem imensos recursos para se vingar, alastrando de espinhos todas as vias, quando tem o coração ulcerado! Eu peço-vos, senhoras, que não useis semelhantes processos, ainda mesmo que vossos maridos sejam coléricos, vingativos e egoístas, ainda mesmo que sintais o coração ferido no que ele tem de mais íntimo: Peço- vo-lo em nome de Deus, dos vossos mais caros interesses, da vossa família, e do vosso sangue! Mas eu engano-me; tendes, é verdade, um excelente meio de vingança: - fazendo o bem, opondo um ato de abnegação e de renunciamiento a cada ato de egoísmo; a cada palavra áspera uma palavra meiga, ou pelo menos o silêncio, não o silêncio provocador, mas o do amor e da paciência, e no dia seguinte, ou na própria noite, como continuação de tão nobre vingança, dai mais verdade a vossa afeição, mais atenção e mais engenho à vossa ternura! Ah se vós soubésseis vingar-vos assim, que de vitórias não alcançaríeis! Que lutas magnânimas! Que triunfos completos e pacíficos!

Foi assim que Santa Mônica soube combater seu marido, que era violento, arrebatado e entregue a desordens doloríssimas para um coração de esposa. Ela evitava discussões que irritariam ainda chagas abertas e esperava o dia da misericórdia divina. Opunha a todos os arrebatamentos a seriedade e o silêncio somente, e quando julgava conveniente dar-lhe conta do seu procedimento, esperava que ele se acalmasse. Foi isto, continua Santo Agostinho, o que fez com que ela ganhasse a admiração e o respeitoso amor de seu marido: *reverenter amabilem atque mirabilem viro* (Confess., IX, c.9), e que preparou a conversão daquele que ela havia suportado com tanta paciência. A quantas mulheres vinham queixar-se-lhes das discussões internas respondia ela acusando-lhes as línguas e dando-lhes conselhos, com modos de amável gracejo. E quando estas mulheres, conhecendo o violento amor do pai de Santo Agostinho, não podiam admirar-se muito por não terem nunca ouvido dizer que ele tivesse batido em sua esposa, ou que a sua perfeita harmonia houvesse sofrido um único dia de interrupção, perguntavam a Santa Mônica o motivo de tal coisa e ele ensinava-lhes o seu modo de proceder. As que

o ensaiavam felicitavam-se, as que o abandonavam continuavam a viver numa dura escravidão. A própria avó da santa havia-se deixado prevenir contra ela por pérfidas insinuações, mas desarmada por uma paciência infatigável, por um sofrimento cheio de respeito e de doçura, caiu em si e denunciou o seu filho às línguas viperinas que perturbavam a paz no lar, e dali em diante viveram juntas e no encanto da mais afetuosa benevolência: *Nullaque Jam audente, memorabili inter se benevolentiae suavitate virxerunt.* (Confess., 1. XI, c.9.)

Imitai senhoras, este esplêndido modelo: será a melhor resposta a muitas objeções, o meio mais seguro de evitar numerosos perigos e de fazer desaparecer uma grande parte de obstáculos que se opõem a paz das famílias. Imitai esta santa alma, de que Santo Agostinho dizia, que ainda entre os dissentimentos e as animosidades, intervinha somente para pacificar, e a qual, muitas vezes, confidente de propósitos cheios de fel e azedume, não dava as pessoas interessadas senão as palavras que podiam servir para as aproximar uma das outras: *Nisi quod ad eos reconciliandos valeret.*

Terminemos este entretenimento com as últimas palavras do versículo: Ela lhe dará o bem e não o mal todos os dias de sua vida! *Omnibus diebus vitae suae!* Sim, todos os dias da sua existência. Quando o marido é novo, elegante, e conserva os traços de alguns encantos da mocidade, é talvez fácil fazer-lhe bem. Mas chegam mais tarde as rugas da velhice; as enfermidades com o seu cortejo triste batem à porta; o caráter torna-se algumas vezes sombrio, difícil e suscetível em razão da fraqueza. É este o momento da experiência para a verdadeira dedicação; é então que se torna preciso uma duplicação de cuidados, de atenção, de serviços e, sobretudo, de cordial afeição.

Diz-se que o vinho é o leite dos velhos: esta frase é ainda mais verdadeira para o vinho dos afetos. Deveis ter no coração algumas gotas desse licor; deveis tê-lo até em abundância para o pouco que conservais o da juventude e o da virilidade. Ministrai a vosso marido, diariamente, uma taça dele, tão cheia que desborde, a vosso marido que já sucumbe, e em cuja frente há já os traços dos últimos dias do outono e o selo dos primeiros do inverno. Dai vinho aos que tem coração triste, diz o Espírito Santo: *Date vinum his qui amaro sunt animo.* (Prov. XXXI, 6) E o melhor líquido, o que mais aquece o sangue da alma, quando ele pudesse ser gelado ao sopro da indiferença, é o vinho da afeição.

A natureza, senhoras, desfaleceria muitas vezes nesta penosa tarefa: mas é a mulheres cristãs que eu me dirijo para lhes dizer que a piedade acabará por aliviar o que nem sempre seria agradável a pobre humanidade, n'uma vida de sacrifícios.

Só a religião pode formar as mulheres verdadeiramente fortes em todas as circunstâncias da vida, as mulheres verdadeiramente superiores, que dominam os acidentes, as desgraças da existência, as repugnâncias da natureza, os defeitos do caráter e os atritos contínuos em que a alma é como que triturada no meio de pesadas pedras, ou, o que não é menos doloroso, lacerada entre mil afiados espinhos. Só uma piedade profunda e séria poderá desenvolver, entre as mulheres, o temperamento moral que resiste às dificuldades, e torná-las semelhantes às aves, para se elevarem acima das nuvens e das tempestades, e melhor cumprirem os seus deveres, na severidade d'uma paz inteiramente celeste. Mas para ser semelhante à ave é necessário ter asas, e Deus só pode dar à alma as asas divinas, tão sólidas como leves, com as quais sobe e desce, como para disputar o prêmio da força e da agilidade dos príncipes do ar. Segundo a

comparação do Profeta, *qui in avibus coeli ludunt* (Baruch III, 17). A força consiste, muitas vezes, no emprego dessas asas da alma, sobretudo, quando são animadas por um espírito da inteligência: *A spiritus in alis earum* (Zach.V,9).

Possa o Senhor dar-vos duas como a mulher de que reza a Sagrada Escrituras, pois não vos serão inúteis para cumprirdes com energia e perseverança a vossa missão de mulheres fortes: *Datae sunt muliers alae duae* (Apoc. XII, 14).

2ª CONFERÊNCIA



*Quaesivit lanam et linum, et operata est consilio manuum suarum.
Ela procurou a lã e o linho, e trabalhou-os com mãos sábias e engenhosas.*

(Prov., XXXI, 13)

Começamos no passado entretenimento a copiar o retrato da mulher forte, tal como o Espírito Santo o traçou no livro dos provérbios: a mulher forte, de caráter simultaneamente doce e enérgico, compreendendo os seus deveres e cumprindo-os com uma perseverança que nada abala; a mulher forte, superior as misérias deste mundo, a malícia dos homens, e a injustiça da opinião; a mulher forte, presidindo com nobre dignidade a todas as minudencias da sua casa, semelhante ao sol que ilumina e aquece o universo: *Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei.* (Eccl. XXVI)

A mulher forte é uma coisa rara, e tão preciosa como as pérolas que vêm das extremidades do mundo. Depende isto da delicadeza da constituição, que tivesse grandíssima influência sobre a moral e comunicasse as idéias, as resoluções, aos projetos, alguma coisa de menos enérgico e mais mobilidade?

S. Thomaz, e Alberto, o Grande, não receiam dar esta primeira razão. Depende da indolência da educação, da enervação dos hábitos, da ausência dos princípios religiosos, perfeitamente conservados, que encadeiam a vida íntima?

Eu creio que todas estas causas podem contribuir para isso, e ajuntarei, tomando as coisas pelo melhor lado, que o Criador derramou os seus dons, de um modo desigual, sobre as obras de suas mãos, e que em face de uma criatura que possua uma qualidade predominante, se acha outra, em a qual ou não existe essa qualidade, ou existe em diferentes graus. Os dois versículos seguintes forneceram-nos um resumo muito exato dos principais deveres da mulher, com respeito a seu marido: deve-a merecer-lhe a confiança pela virtude e conjunto de qualidades preciosas; deve consagrar a vida a embelezar a dele por uma constante benevolência: *Reddet ei bonum et non malum, omnibus diebus vitae suae.*

O sábio prossegue: A mulher forte procurou a lã e o linho e trabalhou-os com mãos sábias e engenhosas. Este versículo leva-nos a falar dos trabalhos da mulher; e para que nada fique incompleto neste assunto, trataremos hoje dos vossos trabalhos manuais e na seguinte conferência dos intelectuais. Uma das principais ocupações da mulher deve ser o cuidado do lar doméstico. Ao homem os trabalhos exteriores, o movimento dos negócios, o manejo das funções civis e militares, o foro, a medicina, as preocupações científicas. À mulher, um papel mais modesto, o domínio da sua casa, o império do interior, cujos vassallos são as pessoas e as coisas que tem relação com as minudencias da vida doméstica: *Sicut vir publicis officiis*, diz Santo Ambrósio: *ita mulier domesticis ministeriis habilior aestimatur* (De Parad. c. II, nº 50).

A missão da mulher, como a do homem tem suas vantagens e inconveniências; em todos os jardins da terra, pertença à mulher ou ao homem, se há flores há também espinhos; e, muitas vezes, a ventura depende da maneira mais ou menos hábil e prudente com a qual se colhem as rosas, deixando os espinhos de parte. Há caracteres que tem o desgraçado talento de não encontrarem um espinho sem se aproximarem dele com uma espécie de desastrada complacência; deste modo as feridas não podem faltar-lhes, e tanto mais quando eles sabem - aonde os não há - fixar os espinhos da própria natureza, que não são os menos numerosos nem os menos pungitivos.

Aceitai, pois, senhoras, a posição que Deus vos deu neste mundo; aceitai a esfera de ação que vos foi imposta pela divina Providência. Sede rainhas no vosso império, mas pela vossa felicidade, pela vossa tranquilidade pelo bom êxito nos vossos serviços, não procureis ser rainhas em outra parte. Aconselhai, insinuai, dirigi pela afeição se a prudência vo-lo permite, se a sabedoria vo-lo aconselha; mas serei tanto mais fortes, quanto mais fordes, principalmente, o que deveis ser, o que Deus vos fez. Fazer o bem dentro da devida esfera de ação, sem procurar sair dela, a menos que vo-lo supliquem, é, muitas vezes, a melhor prédica e o meio mais ativo para regular indiretamente o que não marcha ao vosso lado.

São Gregório Nazianzo diz, falando de sua mãe: Praticava perfeitamente os conselhos encerrados no livro dos Provérbios: de tal modo fez prosperar os negócios domésticos, que dir-se-ia que nem tempo tinha para se ocupar das coisas do céu. E, todavia, era tão

piadosa que até parecia estranha aos serviços do lar. Nenhuma destas duas obrigações era prejudicial à outra: bem pelo contrário mostravam fortificar-se e aperfeiçoar-se reciprocamente: *Quin potius utrumque alterius ope fulcivit et confirmavit*" (Orat. 18, nº 8) Estas palavras, senhoras, são a evidentíssima confirmação de várias verdades muito pouco conhecidas, e que muitas vezes tenho tentado desenvolver nas nossas piadas reuniões. Nada prejudica a piedade quando é verdadeira, antes melhora tudo, mesmo até os cuidados dos negócios temporais. Duplica as forças do espírito e do coração, e dá uma atividade maravilhosa; e o que se concede a Deus, muito longe de ser nocivo aos nossos negócios, antes nos multiplica a atenção por eles, a dedicação e os faz produzir melhor resultado. A piedade e os deveres religiosos semelham-se então ao alimento e a bebida que se dá ao ceifador, no meio do trabalho e durante as grandes calmas do estio. Evidentemente, sob o ponto de vista matemático, este ceifador perde algum tempo a tomar a refeição e a beber o vinho e a dar descanso ao corpo. No, entretanto, quem ousaria dizer que perde o seu tempo? Dá-se o mesmo com a piedade: se for esclarecida e bem entendida, em nada prejudicará o cuidado do lar e a atenção que se deve aos negócios domésticos.

Eu desejo, senhoras, que cada umas de vós possa merecer o elogio que São Gregório fez a sua mãe; e se todas as mulheres compreendessem assim a piedade, essa filha do céu seria menos maltratada no mundo. Queria que se pudesse dizer de cada uma de vós: esta mulher encontra o meio de trabalhar tão bem e tão produtivamente para os interesses da sua família, que parece não reservar nenhum tempo para Deus e para os interesses de sua alma; e, todavia, é tão piada que mostra viver independente das coisas externas. É difícil de operar esta divina mistura, convenho; mas porque não tentá-la, se seria tão bela tão útil para os vossos interesses e para a honra da religião?

Após estas considerações preliminares voltemos à explicação do nosso versículo: - "Ela procurou a lã e o linho e trabalhou-os com mãos sábias e engenhosas" e a Escritura ajunta mais adiante: - A mulher forte tomou o fuso: *Et digiti ejus apprehenderunt fusum*.

Um das grandes calamidades de muitas mulheres é a de não saberem ocupar-se, e ocuparem-se de trabalhos de inteligência, e em breve vos falarei deles. Mas, senhoras, não se ferem impunemente as leis da Providência, e se há casos excepcionais, a regra geral nem por isso subsiste menos. Deus fez-vos para as ocupações do lar, para o regulamento dos negócios do interior, para o cuidado das mínimas particularidades. Para isto tendes uma certa soma de atividades que a Providência vos repartiu; se a não a empregais poderá voltar-se contra vós, mudar-se em veneno ou talvez em vício. Que há mais comum na vossa época do que a mulher incompreensível? Não quero dizer demasiado mal dessas imaginações, muitas vezes doentias, e que, sob este ponto de vista, tanto são para lamentar, como para censurar; mas não trabalham elas próprias em tornar o seu mal incurável? E se a alma é incompreensível, não vem isso de ser o seu gênero de vida também alguma coisa incompreensível? Em vez de se ocuparem de coisas que convenham ao seu sexo, gastam o tempo a sonhar; tem o cérebro em constante trabalho fantástico; levantam castelos no ar.

As mulheres sérias preferem o terreno das realidades e naturalmente não compreendem aquelas quando as encontram. Nada há mais próprio para o desenvolvimento de vapores ilusórios do que o gênero de existência mais ou menos chimericos; os nervos continuamente distendidos fastigam-se e acabam por se irritarem, tomando uma tensão

doentia; a doença torna-se crônica, e deste modo nascem às existências inclassificáveis, que são, no meio das realidades da vida, como verdadeiras sensitivas que tudo retrai e que tudo irrita, e das quais a primeira causa de irritação está no próprio interior sem que elas o pensem.

Recordo-me de ter outrora encontrado nas montanhas de Morvan mulheres que viviam em uma espécie de covis; levantando-se ao romper da manhã, e passeando por toda a parte uma saúde florescente e um rosto sempre radioso; posso assegurar-vos que elas não tinham ilusões, porque lhes falecia o tempo para as alimentarem.

Se quereis, senhoras, passar bem de corpo e espírito, evitai, com extremo cuidado os estados cismadores, os hábitos dos passeios aéreos, em que a inteligência e o coração se esgotam no vácuo.

Eu gostaria se não tivésseis outra ocupação, que fosseis passear ao Mail (Passeio de La Rochelle, junto ao mar); ao menos a brisa do mar faz bem e dilata o peito, enquanto a atmosfera de certos devaneios estiola a existência física e moral, sobretudo quando se junta a isto a desgraça das leituras de romances mais ou menos sensuais que são para a alma o que são para o corpo o ópio e certas plantas marcóticas do Oriente. Devaneios indolentes, pesarosos, e, algumas vezes, voluptuosos! Devaneios acompanhados de leituras romanescas, vós tendes matado mais mulheres do que as enfermidades!

A ocupação é um dos principais remédios contra esse mal, mais grave do que se julga, e eu falo primeiro da ocupação exterior, do trabalho manual. Escutai Clemente de Alexandria: "Os trabalhos do corpo convêm às mulheres: todas as obras de agulha e bordado, todos os diversos cuidados, que delas reclama o bem estar interior da família, de que são as protetoras naturais e obrigadas. Cumpre-lhes velar pelos objetos de que há necessidade seus maridos, e de lhes darem elas próprias; conservar e entreter em bom estado os vestidos às suas famílias; arranjar por suas próprias mãos, em caso de necessidade, o beber e o comer, e apresentá-los a seus maridos com a graça de uma afetuosa amenidade... Atuando assim, a saúde fortifica-se em um sábio equilíbrio, e Nosso Senhor ama as mulheres deste caráter; gosta de vê-las se, preocupadas com trabalhos úteis, tomando o fuso e agulha...e não corando por darem, como Sara, aos viandantes fatigados, todos os cuidados de uma benévola hospitalidade." (Pedag. 1.3, c. 10)

As mulheres mais distintas da antiguidade, senhoras, as princesas e as rainhas, entregavam-se aos trabalhos de agulha; faziam vestuários de lã, e não desdenhavam nenhum dos trabalhos que outra talvez considerassem em nossos dias como uma desonra.

O historiador latino conta que depois de ter feito prisioneiras a mãe de Dário e uma parte da família real, Alexandre, o Grande, lhes enviou vestidos feitos por Macedônia, com os próprios alfaiates, a fim de que a família de Dário pudesse tirar os modelos e fazê-los iguais. A rainha-mãe pôs-se a soluçar, considerando esta proposição como uma injúria, e realmente os persas, nação afeminada e abastardada, tinham tal serviço como indigno de mulheres educadas. Alexandre, sabendo-o, julgou-se na obrigação de lhes pedir desculpa: "Eu enganei-me-lhes disse ele - tratando-vos conforme os usos da Grécia, pois este vestuário que trago é não só um presente de minhas irmãs, mas um trabalho das mãos delas."

Plutarco diz, na vida de Augusto, que este imperador romano não usava senão os vestidos feitos por sua esposa, sua irmã, sua filha e pelos outros membros de sua família. Forçoso é confessarmos que estamos muito distanciados destes hábitos passados. Valemos mais por isso? Floresce mais a saúde? São mais severas as imaginações? Os usos mais verdadeiros e mais em harmonia com a sã natureza?

Seja, ao menos, permitido duvidá-lo.

Desejais autoridades cristãs sobre o mesmo assunto? Temo-la de sobra.

São Jerônimo aconselha as mulheres os trabalhos de lã, o exercício do fuso, e tudo quanto se relaciona a este gênero de ocupação (Epist. Ad Demed.), e chama as coisas pelos seus verdadeiros nomes, não receando designar o fio, o fuso, a trama, a roca, o açafate, sem contar o polegar que faz habilmente manobrar o que se lhe confia: *Discat et lanam facere, tenere colum, ponere in grêmio colathum, rotare fusum, stamina pollice ducere*. (Idem ad Laetem).

Carlos Magno mandava ensinar as suas filhas todo o trabalho manual, e perguntando-se-lhe a razão disto, respondeu: - “É, primeiro, para lhes evitar a curiosidade, e depois, não podemos garantir-vos contra os golpes da sorte, se alguma vez a adversidade as ferir, terão um meio de preverem as suas necessidades”.

As razões de Carlos Magno são sérias e profundas; meditai-as alguns instantes comigo.

Primeiramente é essencial evitar a mulher à ociosidade, porque é a mãe de todos os vícios. A mulher ociosa experimenta a necessidade de sair de casa e de passear por toda a parte a sua inação; sem este cuidado, que se lhe torna uma necessidade desgraçada, abafaria em casa. Mas, saindo, fere a caridade, cria inimigos, divulga os segredos de família e comete uma multidão de imprudências pelas palavras e ações, e quando se recolhe vai mais doente do que quando saíra. É a ociosidade a que, arrancando a mulher ao seu centro e criando-lhe urgências externas, introduz no lar a mais completa desordem, a mais deplorável negligência. Tudo se entrega aos criados-serviços e crianças; tudo se deteriora física e moralmente; o marido descontenta-se; nada avança, vai tudo em debandada, e o interior da família, que deveria ser um ninho de amor e de repouso, torna-se insuportável para todos!

Os maus pensamentos também tomam facilímo nascimento em uma alma entregue a ociosidade, e esta semente perigosa espalha-se e pulula em breve como as parasitas em um jardim abandonado. Um momento chega em que a mulher cai: ignora-se como, e nem ela própria sabe. A queda foi tão rápida como uma escorregadela no gelo. A primeira e a principal causa foi à ociosidade. Foi ela que insensivelmente e a maneira de recreio, conduziu a alma ao canteiro verdejante, o canteiro tinha em alguns pontos inclinação para os precipícios; um passo bastou, e, uma vez no declive, rola-se, e não há parar.

Um outro inconveniente da ociosidade é o enfado que ela passeia como um véu fúnebre sobre a existência inteira. O trabalho, que é um peso, é, também, uma felicidade. Substitui a existência, fecunda-a, e a gente sente que vive e é feliz na plenitude desta força vital. Mas o homem ocioso está no vácuo, abafa, estiolam-se-lhe as faculdades, e enervam-se, e ao estilarem-se fazem sofrer uma agonia cruel à alma que se envenena

lentamente. Um homem riquíssimo, cuja família conheci, passava uma parte de cada dia a dizer: Como me aborreço! Sou rico e sempre aborrecido! Teria sido muito mais feliz com a pobreza por patrimônio e o trabalho por tesouro!

A causa principal era uma vida sem ocupações, vazia, e recaindo sobre si própria como os ramos de um chorão. A segunda razão dada por Carlos Magno é verdadeiramente admirável na boca deste imperador. Receava que suas filhas empobrecessem um dia, e, queria que estivessem prevenidas contra a miséria. Concebia-se que as testas coroadas da nossa época tivessem esta linguagem, mas que Carlos Magno, à frente de um vasto império, em que as idéias revolucionárias eram desconhecidas, exprima semelhantes temores, eis o que, pelo menos a primeira vista, pode parecer bem extraordinário. Mas este monarca tinha o olhar perspicaz e desconfiado do gênio; como os homens superiores, elevados acima dos outros, sentia mais o vácuo das coisas humanas, tinha pouca confiança na mobilidade das coisas passageiras. Seja como for, o seu conselho é de excessiva utilidade para as gerações atuais. Vivemos em uma época de tal modo atormentada, que uns por um motivo, outros por outro, se podem achar em graves embarços, e bom é sempre ter várias cordas o seu arco...

Quantas famílias eu conheço eu que tem abençoado a Providência, por lhes ter inspirado o gosto do trabalho, mesmo em dias de prosperidade! Uma hora soou na existência e a família inteira pôde assentar-se à sombra de um talento exercido de há muito tempo, e de uma honesta abundância procurada por antigos e preciosos hábitos. Ninguém podia ter maior certeza no futuro do que Carlos Magno, e uma vez poderoso imperador receava pelo futuro de seus filhos, não vos deixais adormecer, por modo algum; sem que sejais pessimistas, não vos entregueis a uma confiança ilimitada; respeitai para vós e para vossos filhos o trabalho como uma coisa santa, e, ao menos, altamente útil, e inspirai sempre em volta de vós o amor das ocupações sérias.

Há uma objeção a que quero responder e então terei ocasião de tirar dela um conselho salutar para vossas almas. Notou-se que os trabalhos manuais, os trabalhos de agulha, em particular, tinham um grande inconveniente para as mulheres e era que a cabeça caminhava ainda mais depressa que o instrumento; a cada golpe da agulha a imaginação efervescente andava vários quilômetros, e, muitas vezes em países áridos, doentios, ou sob uma atmosfera abafadiça; o cérebro excita-se os nervos sobem, e deste modo, o trabalho manual apresenta dupla fadiga. (Jornal de M.elle Eugenie de Guerin). Outrora, quando a piedade reinava nas almas e as faculdades estavam equilibradas pela tranqüilidade da fé, o trabalho das mulheres não tinha este perigo, ou pelo menos não o tinha em tão elevado grau; as almas abertas tinham sempre sítios verdejantes para descansarem; as penetrações da agulha apenas fatigavam a mão, e em consequência de um exercício prolongado. Hoje, que as imaginações são exaltadas por mil criações das cabeças em movimento, e, muitas vezes, pelas leituras de obras, em que se poderia dizer, que os autores depuseram grânulos de pólvora, que esperam à hora da explosão, entre os espíritos ardentes; hoje, que nem as idéias, nem os sentimentos, nem as convicções estão assentes em certas almas, concebo que uma ocupação puramente manual fatigue e opere reações perigosas em um cérebro já incandescente. E para mal tão sério apenas vejo um remédio.

Sede verdadeiramente cristãs, e não tereis a cada instante a cabeça e o coração como leite sobre o lume; assentai os pensamentos e as afeições na serenidade de uma consciência tranqüila, e podeis crer que o trabalho das mãos não será deste modo,

ocasião e origem de vertigens morais, nem de febres da idéia que atormenta a nossa época. Imitai mesmo os nossos bons antepassados. Se a decência e o lugar o permitirem cantai. Trabalhando; não receeis os cânticos alegres e as ingênuas expressões de uma alma feliz. O canto parece ter asas que arrebatam a tristeza e tudo harmonizam. Mesmo as cabeças desconcertadas.

Na próxima instrução, senhoras, a fim de que este assunto não fique incompleto, tratarei dos trabalhos intelectuais da mulher.

Hoje termino por expor ainda alguns pensamentos. - Ocupai-vos seriamente no interior do vosso lar; é certo que não podeis fazer tudo, mas fazei, ao menos, alguma coisa, e quando não façais tudo, lançaí a tudo os vossos olhos. Não tenhais como indigno o descer à tulha, ao celeiro, a adega: a vigilância é sempre útil. Fazei compreender aos vossos criados que irradiais luz em toda a casa, que não desconheceis a mínima coisa, que não vos escapa um recanto, que em qualquer ocasião podereis dizer que tal objeto falta em determinado lugar, e que podeis dar-lhes lições práticas sobre as suas diferentes funções. Nada põe tanto em alerta os criados, como esta convicção, e suponho até que, deste modo, tudo se faz sem embaraço, com prudência e caridade. É ainda para se notar, que quando a dona da casa exerce vigilância e atividade, embora não toque em nenhum objeto, há sempre uma circulação de vida, reina sempre um ardor e uma avidez alegre que outra coisa não poderia produzir. É que a mulher forte, segundo a esplendida imagem dos livros santos, é, em verdade, como o sol no interior da casa. Suponde um instante que o astro desaparece subitamente: os objetos da natureza permaneceriam do mesmo modo, mas ainda assim em breve se extinguiriam, secariam e morreriam; faça-se com que o astro reponte no horizonte e tudo renascerá logo, tudo se aquecerá, animará e desenvolverá.

Do mesmo modo, a mulher ativa e boa, é o sol que reponta nas alturas, projetando pelo rosto a luz em todo o lar: - *Sicut sol oriens mundo inm altissimis Dei, sic mulieris bonae species in ornamentum domus ejus.* (Eccl. XXVI, 21)

3ª CONFERÊNCIA



*Mulier sensata et tácita, non est immutatio eruditae animae.
Uma mulher sensata gosta do silêncio: nada   comparável a uma mulher instruída.*

(Eccles., XXVI, 18)

Senhoras.

Parece-me que me não distancio do nosso programa, pedindo hoje o meu texto a um outro livro da Sagrada Escritura, que completa o dos Provérbios, sobre as qualidades da mulher forte; e tanto mais, quanto, sendo constante o sopro inspirador da Bíblia, se pode dizer, com verdade, que só se cita um autor.

Um dos principais deveres da mulher   o cuidado do seu interior, o governo do lar, e tudo quanto se relaciona   economia doméstica. A mãe de S.Gregório Naziano,   sob este ponto de vista um admirável modelo, porque praticava perfeitamente, diz este santo doutor, os conselhos contidos no livro dos Provérbios, fazendo de tal modo prosperar os negócios domésticos, que dir-se-ia não dispor de tempo para tratar das coisas do céu, quando, no entanto, era tão piedosa que parecia estranha a todas as dependências do lar. Estas duas obriga es não se prejudicavam uma   outra, antes pelo contrário reciprocamente se fortificavam e aperfei avam.

Na passada conferência tratamos especialmente do trabalho manual, dos cuidados no lar e da atividade que a mulher deve desenvolver nele para vigiar tudo, e sustentar todas as coisas em uma ordem admirável, e fixamos as grandes vantagens destas ocupa es diferentes, vantagens para a conserva o da virtude e da saúde, vantagens para fugir   ociosidade, e, muitas vezes, a uma grande desordem em todos os serviços e interesses.

Não dissimulei t mbe m as obje es que me podiam ser feitas. – Quereis rebaixar a mulher, convertendo-a em um simples instrumento de casa, condenando-a a vigilância da sua cozinha?... Isto não   esquecer o que a mulher pode ter de grande, de nobre na inteligência e no cora o? Não   calcar aos p s todos os germes intelectuais, que se

acham no espírito das mulheres e que, a final de contas, embora diferentes, nem por isso deviam de valer tanto como aqueles de que os homens se orgulham e vangloriam?

Neste mundo, senhoras, em qualquer parte se encontra o estreito de Messina: desculpai a comparação geográfica, que só vem para melhor vos fazer compreender a minha idéia.

Entre a Calábria e Sicília há um estreito de cerca de três léguas de largo: dois mares, cada um deles em sentido inverso, estabelecem ali fortíssimas correntes. Para atravessá-lo pelo centro é necessário que o piloto haja grande perícia. Pois bem, o estreito de Messina representa magnificamente a maior parte das questões humanas: isto é, exagerações e correntes extremas de cada lado. Passar no centro nem sempre é fácil, e tanto mais, quanto das duas margens opostas partem muitas vezes balas ardentes, isto é, cóleras e contradições, mais ou menos violentas.

Assim, senhoras, na questão que nos ocupa, se recomenda às mulheres que tratem seriamente do seu interior, os partidários da emancipação intelectual e moral delas apresentam-se completamente armados, e exclamam: - Quereis atoleimar a mulher? - A exageração pode vir também da dose da bebida intelectual, da medida na aplicação, da direção dos estudos e das suas conseqüências práticas; pois, como muito bem disse Fenelon: “Tudo está perdido se a mulher para cuidar do seu espírito se desgosta dos cuidados domésticos.” (Conselhos sobre a educação) E realmente as mulheres estão tanto mais expostas – permiti ainda esta confidência ao arcebispo de Cambrai – “quanto correm o risco de tocarem os extremos em tudo.” (educação das meninas)

A linha do centro é a linha da sabedoria, diziam os antigos, e essa a que desejo aconselhar-vos neste instante.

Pode e deve a mulher ocupar-se de estudos, em leituras, na poesia, na literatura, nas artes, na música?

Seria difícil responder a interrogação, posta, assim, de um modo geral. Há mulheres que evidentemente não podem entregar-se a esta espécie de estudos, umas porque lhes falece o tempo, outras porque a natureza lhes recusou a devida capacidade. Assim, o bom senso, cria-nos o dever de eliminarmos logo certa categoria de mulheres, cuja prática sabedoria, mais ainda que as teorias abstratas deve determinar o número.

Mas que resposta dar às que dispõem de tempo, e tem em maior ou menor grau a capacidade necessária?

Antes de entrarmos no estreito e perigoso atalho de uma resposta clara e precisa, será conveniente fixarmos três condições essenciais, que deverão sempre acompanhar o estudo na vida das mulheres. A direção do lar não deverá nunca sofrer, e os negócios da família serão sempre regulados; o estudo não deve prejudicar os deveres principais, e no dia em que eles lhe colocar um obstáculo seria condenado, não em si, mas sim pelo excesso. Se a Providência vos reservou maior liberdade, se, por exemplo, não sois casadas, se não tendes filhos, se sois viúvas, se o trem de vossa casa não é considerável, dai então mais algum tempo à vossa cultura intelectual, e isto será bom; mas uma

segunda condição:- consultareis a medida do vosso espírito e não excedereis a dose que ele pode tomar.

Todo o espírito tem os seus limites e a sua energia, como cada vaso tem a sua grandeza e a sua força de resistência.

Tentáreis de balde lançar em um pequeno frasco o licor que encerra uma garrafa, nem fazer passar ondas de vapor, em temperatura elevada, em um tubo de mínimo diâmetro e muito frágil. Consultai igualmente a força do vosso espírito, segundo o conselho de Horácio:- “Experimentai, dizia ele, e vede o que podem os vossos ombros.” Se uma gota é bastante, tomai uma gota só; a ciência sobe ao cérebro como o vinho e embriaga, e produz vertigens. Desgraçadamente, entre os homens como entre as mulheres, o orgulho cega a muitos, sob este ponto de vista. Muitas vezes os espíritos, ao passo que são mais fracos e mais acanhados, têm-se como mais capazes, semelhando os indivíduos cujo cérebro quanto mais susceptível, tanto mais se crê em estado de afrontar impunemente os perigos de um licor pérfido. Meditai, pois, sobre este ponto, altamente essencial para vós; vai nele o vosso bom senso, e algumas vezes a vossa virtude, pois a cabeça uma vez partida, ninguém sabe o que será do coração.

A dose em tudo! Muitas vezes o vício não é mais que a infração desta grande regra. A dose! A sabedoria na combinação dos elementos físicos e morais. Se esta máxima se observasse bem, em toda a parte veríamos a ordem tomando lugar à desordem, e renovar-se o prodígio de que reza o poeta:

Aos accents d’Amphião as pedras se moviam

E de Thebas no muro em ordem se mettiam.

A terceira condição, que me parece indispensável, é a modéstia, é a tímida reserva, é o que Fenelon chamava “o pudor da ciência” (Educação das meninas). Tal pudor vos dirá o que deveis ignorar; ele vos ensinará a evitar nas conversações o modo afetado, e o ar sentencioso, que mais tem contribuído talvez para desconsiderar o estudo na vida das mulheres. Em vós, até a ciência deve ser simples, graciosa, flexível, cheia de amenidade e de modéstia.

Depois de postas estas três condições de medida, de tempo e de reserva, para regulamento dos estudos, temos mais liberdade para expormos a verdadeira doutrina, e não deveis esquecer que tais condições são pressupostas nos conselhos que vos vamos dar.

Podem convenientemente, e devem as mulheres ocupar-se de questões importantes, intelectuais, fora dos seus deveres de família?

M.de Tocqueville, na sua correspondência, faz uma excelente descrição da vida íntima, e eu recomendo-a às pessoas que são inimigas do estudo e do desenvolvimento intelectual entre as mulheres.

“O nosso excelente amigo... pede-te o meu parecer a respeito de M.elle... Eis o que sei dela e o que dela penso. É filha de um homem de espírito muito egoísta e de uma devota muito acanhada e tola... Tem, creio, quando muito dezesseis ou dezessete anos. É uma encantadora menina quanto ao físico, mas julgo-a uma nulidade completa e muito chata.

É tímida, bondosa, doce e limitada: - eis o retrato que, pelo menos, me ficou dela no espírito. Não creio que ali haja, até ao presente, alguma coisa com que fazer mais do que uma mulher estritamente honesta, e não conheço nela ponto que indique menos lados maiores. É, como te disse, muito formosa; gosta de luxo no meio da simplicidade suficientemente estúpida da vida que leva, e manifestou em verdes anos a arte de tirar o partido das menores coisas, das menores ninharias para se adornar e adornar as irmãs. Nunca ouvi atribuir-lhe senão esta capacidade, a qual reunida à pouca extensão do seu espírito, ameaça convertê-la em um pequeno ser muito lindo e muito insignificante. A chateza do espírito é a atmosfera de toda aquela casa... Grandes virtudes burguesas, envoltas em idéias infinitamente pequenas.” (Correspondência.t 11) *

Este esboçosinho foi como que dirigido aos que pretendiam fazer da chateza uma boa qualidade da mulher, e uma virtude da ignorância e da tolice. Nós não consideramos nunca a pessoa de que M. de Tocqueville nos deixou o retrato, como o modelo da mulher cristã.**

Por outro lado achamos um escolho oposto, que assinalava Madame de Maintenon: - “As mulheres, dizia ela, e talvez com alguma exageração, só sabem metade, e o pouco que sabem torna-as geralmente altivas, desdenhosas, questionadoras, e cheias de desgosto pelas coisas sólidas.” (Entret. Sobre a educação)

O poeta latino também pedia um larzinho, um teto singelo e sem fumo, uma fonte d’água límpida, a selva do prado e uma mulher que não fosse muito sábia, non doctissima conjux. (Marcial, Epig) Fenelon temia, sobretudo, as mulheres muito lidas em teologia e aprovando completamente o verdadeiro e sólido conhecimento da religião, desconfiava da arrogância doutoral que estava em voga nessa época: - "Gosto mais, dizia ele, que a mulher se instrua nas contas que lhe dá o seu criado, do que nas disputas de teologia sobre a graça." (conselhos sobre a educação)

Eu creio senhoras, que é fácil evitar todos os excessos. Uma mulher, depois de ter cumprido todos os outros deveres, pode muito bem ocupar-se com as ciências elementares, com a literatura, com a filosofia até; e aperfeiçoar-se em todos estes contatos cheios de encantos e de luz. As ciências têm diferentes regiões e se nem sempre se chega ao seu cume, pode-se ao menos subir um pouco a encosta para o gozo de um admirável panorama. Nada há tão belo como a filosofia cristã quando é convenientemente apresentada.

Tendes o coração triste?

Depois da oração não conheço melhor remédio para tal sofrimento do que algumas horas de leituras nos escritores, cuja nobreza de sentimento e sublimidade de estilo vos transportam às regiões serenas, onde se esquecem os homens e as coisas mundanas. Muitas vezes, em um sonho do espírito, no momento em que é sufocante a atmosfera que nos cerca, diz-se: - Meu Deus! Se eu pudesse refugiar-me em uma alta montanha, descansar ali alguns dias e permanecer sozinho na vossa presença, diante do sol e dos esplendores da natureza, que felicidade não seria a minha! Que vida e que alegria para o corpo e para a alma!

Para que sonhar assim?

Vós podeis encontrar a desejada felicidade sem que deis um passo fora do vosso gabinete. A leitura e a meditação criam asas: o espírito subtrai-se à matéria, e sobe, e voa, e equilibra-se sobre as montanhas intelectuais, em cuja altura se encontra a paz e a serenidade.

O estudo tem grandes vantagens: - Eleva o espírito; influi secretamente na mulher fazendo com que ela não viva no meio das ninharias, como diz M.de Tocqueville, e fazendo com que não conserve mais a pequena personalidade que se envolve em pensamentos infinitamente mesquinhos.

A alma engrandece-se ao contato das idéias; o estudo da literatura dá-lhe um tom gracioso, torna-a flexível e comunica-lhe, simultaneamente, a finura e a firmeza; a poesia inflama-a e inspira-lhe alentos divinos; a música põe-lhe a alma em equilíbrio e dá-lhe o sentido da harmonia em tudo. A cultura das belas artes desenvolve-lhe o sentimento do belo e ao pensamento, horizontes completamente desconhecidos. Suponde uma bela alma, uma inteligência distinta em uma organização de mulher, desse-lhe uma educação dirigida sob estes princípios, faça-se com que as Musas e as Graças se congreguem para lhe formarem o espírito e fazerem desabrochá-la no meio de uma doce harmonia de faculdades, consegui que ela conserve sempre, como guardas da sua casa, a virtude e a sabedoria, e eu ousarei apresentar tal criatura como o ideal que eu gostaria de sonhar de uma mulher cristã. Bom seria imitar esse ideal, mesmo de longe.

A mulher desenvolvida deste modo será o ornamento de sua casa; saberá falar à cozinheira e entender-se com ela a respeito das minudências de um excelente jantar; mas ao subir ao salão, ainda melhor saberá sustentar uma conversação, sem gastar o seu espírito em volta dos objetos de toilette, reservando-o para entretenimentos sérios e interessantes, semeados de notas tão sólidas quanto delicadas. Chego mesmo a não excluir o latim dessa educação completa, e se alguém me censurasse pelas muitas concessões à mulher sábia eu invocaria duas autoridades cuja competência ninguém contestará – a de Fenelon e a de Madame Swetchine. Citarei esta última: - “O vosso latim - escreve ela a uma das suas amigas - causa-me, pelo menos, tanto prazer como o resto. A língua da fé não devia ser excluída de nenhuma educação religiosa, e muito menos da que se dá na vossa idade em que se aprende ainda tudo quanto se deseja. O pedantismo não está no que se sabe, está em querer mostrar o que se não sabe”.(Carta t.11)

Uma mulher formada deste modo não aborrecerá o seu marido, e entre as qualidades do sexo frágil não ponho na última linha a de não enfadarem as mulheres os seus maridos. Ora de todas as fontes do aborrecimento eu não conheço nenhuma, sobretudo para um marido que não fez voto de paciência, mais abundante e perene do que uma virtude acanhada e muito tola, para repetir a frase de M. de Tocqueville. A tolice, sobretudo quando se tem o talento desgraçado de dobrá-la com piedade mal compreendida, têm o privilégio de estragar todas as coisas, mesmo as melhores. Insisto neste assunto porque é essencialíssimo sob o ponto de vista da paz de vossas famílias e da virtude de vossos maridos.

As qualidades físicas, quando subsistem só têm uma influência temporária e que facilmente se gasta. Depois da virtude nada conheço mais próprio para conservardes a estima e o coração de vossos maridos que a qualidade de um espírito culto, delicado, apanhando em todas as coisas o ponto de vista elevado, amável, gracioso e divino.

Para se conseguir isto não é absolutamente necessário ser um gênio; neste caso seria difícil acreditar com que facilidade esta maneira de encarar as coisas se desenvolve naturalmente, instintivamente, nas naturezas em que a virtude e uma instrução conveniente se dão as mãos para caminharem conjuntamente. É como solo constituído de terra, pela qual os jardineiros têm grande veneração: - as flores brotam nele espontaneamente. O número de mulheres que perderam o coração, e, mais tarde a virtude de seus maridos, aborrecendo-os, é talvez, muito considerável. Vejo, porém, que parecendo dar-vos somente conselhos literários, tive também o pensamento e o desejo de atingir outro alvo, e realmente, dou-vos conselhos religiosos.

O estudo tem ainda uma grande vantagem para a mulher: o produzir-lhe o desgosto pelas coisas inúteis e frívolas, e por conversações em que quase todas as virtudes cristãs são mais ou menos comprometidas; ele liga-a ao lar e liberta-a de uma multidão de perigos. Como é boa, ao calor do lar, a leitura de um livro interessante, que fale de Deus, da alma e dos deveres da vida! Deste modo facilmente se esquecem os humanos e os contatos com eles são tão difíceis e, muitas vezes, tão penosos!

“Quando os vivos me aborrecem - dizia o cardeal Cheverus - converso com os mortos.” Bem-aventurados mortos! Que deixastes o vosso alento nos livros! Vós valeis mais, ordinariamente que os autores de carne e osso. Perdestes as pontas e as arestas se as tínheis; ficou de vós o espírito encantador, o espírito graciosamente misturado de doce gravidade.

Vós sois como o licor dos nossos arrabaldes, que depois de limpo de quanto tinha de duro, de espesso e de grosseiro nos resíduos da cepa, toma uma forma substancial, que quase dá o espírito sem a matéria. - Como eu gosto de conversar convosco! Tendes ainda uma outra preciosa: - Não sois susceptíveis; quando sois abandonados, mesmo injustamente, por capricho ou por frivolidade, não vos zangais; e quando alguém vos interpela tornais-vos tão graciosos como antes. Nunca tão longe foi a complacência e a condescendência que esquece e perdoa.

Dizia o autor da Imitação de Cristo, que, depois de uma conversação com homens, entrava menos homem em casa. Vós, deixando certas conversações mundanas não vos tendes sentido menos mulher, menos sérias, menos amáveis em casa, menos aplicadas aos vossos deveres? Não vos acháveis mais levianas, mais gastadoras, mais afeiçoadas ao brilhantismo e às superficialidades, mais vaidosas e repletas do imoderado desejo de agradar?

Se em vez destes entretenimentos inúteis e, muitas vezes perigosos, vos tivesses, durante um quarto de hora, durante meia hora, entregado à leitura, à meditação, teríeis como que sentido palpitar em vós a vida da mulher nobre, dedicada, de sentimentos esquisitos e palavras perfumosas; de virtude, a vida da mulher forte, da mulher cristã. Um autor pagão empenha as mulheres em lerem as obras dos filósofos e os tratados de ciência. Assim - diz ele - não pensarão nunca nas danças, nas frivolidades, porque terão a alma repleta das grandes idéias que encerram os livros dos nossos célebres escritores, e estarão sob a influência de um encanto espiritual. (Plutarco, preceitos conjugais).

Eu recomendando-vos a cultura das letras não vos empenho em que estudeis do mesmo que os homens. O vosso espírito, como o vosso corpo, é mais franzino, tem mais flexibilidade, tem as formas mais graciosas, tem alguma coisa de mais fino do que os

homens, e falo, pelo menos, em geral, porque é necessário contar sempre com as exceções. Dir-se-ia que a vossa inteligência tem o olfato mais delicado; vedes mais facilmente as malhas mais desligadas das coisas, e quando tem menos profundidade, é ordinariamente mais pronta, vê de um lance e como que por intuição. Ali, onde o homem raciocina, vós pressentis, o que fazia dizer aos germanos, que tínheis na alma alguma coisa de profético: - *Inesse sanctum aliquid et providum putant.* (Tácito, Costumes dos germanos)

Outra qualidade - e quantos defeitos a par dela! -: o vosso espírito, se não tendes cuidado, caminha sempre conduzido pelo coração; quando amais alguma pessoa tudo deve ser excelente nela, à primeira vista, e todos os que vos contradisserem neste ponto, não devem, por certo, ter senso comum. Se, sobretudo, está em jogo uma pequenina paixão do coração, quando adotais uma coisa, um projeto, uma determinação, tal coisa, tal projeto e tal determinação, devem ser - sem que haja necessidade de exame - o que há de mais perfeito no mundo, e desgraçado do que ousasse fazer-vos uma objeção!

É este, senhoras, o lado a vigiar na direção do vosso espírito, porque a verdade acima de tudo, como base dos nossos juízos, a verdade antes do nosso amor próprio, antes das nossas preferências exclusivas, antes das mil paixões que são os ventos do espírito! O defeito que assinalo é tanto mais importante para vigiar, quanto mais é talvez uma das causas principais da versatilidade que não é absolutamente estranha à natureza da mulher. Se Deus vos criou mimosas violetas, não tenteis imitar o arbusto; se sois o lírio deslumbrante pela alvura, não aspireis ao tronco gigantesco do carvalho vetusto; estudai proporcionalmente às vossas aptidões, à natureza da vossa vocação, ao caráter do vosso espírito, e não procureis tornar-vos sábias à maneira dos homens: na criação, cada ser conserva a sua cambiante refletindo a luz do sol. Assim colhereis as rosas da ciência sem lhe tocades os espinhos, e, sobretudo, os espinhos envenenados que derramam no sangue da alma um suco pestífero, que não é fácil extinguir completamente. Indicando-vos, pois, estas boas qualidades, misturadas de defeitos que dependem da natureza do vosso espírito, dou-vos, ao mesmo tempo, regras para a escolha e método dos vossos estudos. Em um jardim, cada flor tem uma posição diferente; no jardim das ciências e das letras desenvolvi-vos, segundo a natureza de vosso espírito e a espécie de fruto que deveis produzir. Só a verdade é sólido fundamento dos nossos julgamentos e convicções - as bases com que pretendermos substituí-la, quando ausente, desaparecerão imediatamente. Quem pode, além disto, garantir o movimento do coração e impedir-lhe os sobressaltos, quando as suas opiniões não assentam no verdadeiro e no real? O próprio coração tem os seus desvios para a verdade, que desconcertam a paixão.

Indicando-vos, pois, estas boas qualidades, misturadas de defeitos que dependem da natureza do vosso espírito, dou-vos, ao mesmo tempo, regras para a escolha e método dos vossos estudos. Num jardim, cada flor tem uma posição diferente; no jardim da ciência e das letras desenvolvi-vos segundo a natureza do vosso espírito e a espécie de fruto que deveis produzir. Se Deus vos criou mimosas violetas, não tenteis imitar o arbusto; se sois o lírio deslumbrante pela alvura, não aspireis ao tronco gigantesco do carvalho vetusto; estudai proporcionalmente às vossas aptidões, a natureza de vossa vocação, ao caráter do vosso espírito, e não procureis tornar-vos sábias à maneira dos homens: na criação, cada ser conserva a sua cambiante refletindo a luz do sol. Assim colhereis as rosas da ciência sem lhe tocades os espinhos, e, sobretudo, os espinhos envenenados que derramam no sangue da alma um suco pestífero, que não é fácil extinguir completamente.

Clemente de Alexandria menciona em uma das suas obras, as mulheres gregas que se deram à literatura, a ciência e à filosofia. O princípio do capítulo tem uma significação muito especial para o assunto que nos ocupa. Quer este padre provar que as mulheres, como os homens são capazes de chegar à perfeição, e parece desejar que se entreguem ao estudo para encherem o quadro da vida perfeita: - "As filhas de Diodoro - diz ele - faziam prodígios na dialética... Várias mulheres seguiam os cursos de Plantão; as lições de Aspásia não foram inúteis a Sócrates, não contando as que brilharam na poesia e na pintura." (Stromat., I. IV, cap. 19) Disto tira ele a seguinte conclusão: "O Estudo da filosofia é, pois, tanto um dever para as mulheres como para os homens, se bem que estes pela sua superioridade ocupam o primeiro lugar".(Ibidem.) - e sabe-se que os antigos e particularmente Clemente de Alexandria, entendiam por estudo da filosofia, o estudo de todas as ciências e a prática de todas as virtudes. Nós também lemos nas atas de Santa Catarina [de Alexandria] que ela conhecia toda a literatura sagrada e profana, e ela própria o declarou perante os seus algozes:- "Eu exercitei-me - disse ela - em todas as partes da retórica, da filosofia, da geometria e outras ciências." (V.Surius)

Santa Mônica é ainda um admirável modelo, digno de vos ser citado, sobre este assunto; comprazia-se em discutir com Santo Agostinho e os seus amigos os elevados problemas da filosofia, *arcem philosophiae*, e fazia-o com uma largueza de vistas e uma elevação de idéias que espantavam os assistentes. Uma vez entrou no aposento de seu filho, no momento em que se tratavam profundas questões, e indagou do assunto da conversação. Santo Agostinho pediu ao secretario para que a elucidasse. "Então! - exclama a santa - nunca vistes mulheres tomarem parte nesta espécie de discussões!" - "Eu desprezo o juízo dos orgulhosos e dos tolos - replica o santo - certifica-vos, minha mãe, que vários indivíduos ficarão encantados sabendo que estudais filosofia comigo, e mais satisfeitos do que se nos entregássemos a outra qualquer ocupação séria ou recreativa, pois entre os antigos as mulheres dedicavam-se à filosofia, e a vossa, particularmente, agrada-me muito..."

Santo Agostinho continua e mostra a sua mãe quanto havia de forte, de elevado e de filosófico no seu caráter. A santa interrompe-o dizendo-lhe que nunca ele mentira tanto e com tanta amabilidade. (De ordine, I.I) Em outra discussão semelhante, Santa Mônica animou-se tão calorosamente, e tal impressão produziu a sua palavra, que nós esquecemos - diz Santo Agostinho - que ela era uma mulher, parecendo estarmos algum filósofo ilustre: *Ut obliti penitus sexus ejus, magnum aliquem virum considerare nobiscum crederemur*. (De beata vita, c.10)

Mas nada há tão belo e tão sublime como o colóquio de Santo Agostinho com Santa Mônica à beira-mar, no porto d'Ostia. Alguns dias depois o santo devia perder aquela que ele amava com tanta ternura; aquilo era, pois, e sem que o pensassem, um como canto de cisne moribundo. Estavam sós, apoiados em uma janela, contemplando a imensidade. "Conversávamos - diz Santo Agostinho - com inefável doçura, e esquecendo o passado e devorando o futuro, falávamos dos magníficos destinos que nos esperam... Levados por um novo elo de amor para o Ser infinito o nosso coração transpôs o espaço e o firmamento suspenso sobre nossas cabeças: ele procurava a sabedoria incriada... Falávamos assim; de súbito, erguidos pelo amor, pareceu-nos termos tocado, por um vôo do coração, na eterna sabedoria, objeto de nossos suspiros; deixamos-lhes as primícias de nossa alma, e regressamos á terra, onde se ouve o ruído da

voz. Mas o que é a palavra humana? Que tem ela de semelhante, ó meu Deus, á vossa palavra infinita?" (Confissões, 1.IX, c.10)

Este magnífico diálogo, entre Santo Agostinho e sua mãe é acompanhado de considerações elevadíssimas sobre o tempo e a eternidade, sobre a criação e as suas relações com o Ser infinito. Isto é uma das melhores provas de que as mulheres podem ter lugar na escola de uma grande e bela filosofia, e de que até o êxtase de tal ciência pode ser conhecido delas, o êxtase, a hora dos júbilos serenos e profundos, em que a alma é arrancada a si própria e parece entrever o face a face, de que fala S.Paulo.

Eu, senhoras, deveria, talvez, antes de terminar, dizer-vos alguma coisa sobre as leituras, mas não teria tempo de tratar convenientemente tal assunto; mas é provável que em qualquer dia das nossas reuniões mensais o possa fazer. Oxalá que hoje tivesse seguido convenientemente o centro do estreito de Messina, sem exageração para um ou para outro lado! Não é minha intenção fazer-vos mulheres sábias, no sentido ridículo da palavra, desejo, sim, que alcanceis o que eleva a inteligência e enobrece o coração. A alma da mulher é da mesma origem que a do homem e também tem necessidade de luz. Não deve estiolar-se esta planta divina, antes é forçoso que produza os seus frutos, que se são diferentes dos que se colhem no jardim do homem, nem por isso são sem valor***, uma vez que cheguem à conveniente maturação.

Uma sábia distribuição de luz na alma da mulher nunca lhe fará mal: põe as idéias no verdadeiro lugar, que é a única coisa que, muitas vezes, falta a certas cabeças, retifica o juízo, fortifica a vontade e dá ao andar, no caminho da vida, um passo mais digno e mais firme. Oxalá que possais, depois de fiado o linho e a lã, por vossas mãos engenhosas, tornar-vos igualmente hábeis em seguides uma conversação e uma questão séria, em meditardes um livro, cujo principal assunto seja uma idéia nobre e grande. Juntai a isto o que Fenelon chamou o pudor da ciência nas mulheres, e então merecereis que se vos apliquem as palavras na Bíblia, que tomei para texto:

Mulier sensata et tática, non est immutatio eruditaе animae. (Eccles, XXVI, 18)
Uma mulher sensata gosta do silêncio: nada é comparável a uma mulher instruída.

NOTAS DA TRANSCRIÇÃO

* Ao pesquisar sobre Tocqueville foi possível verificar que ele foi um francês liberal do séc. XIX. Não acreditamos que o texto esteja perdido pelo fato de Mons. Landriot citá-lo, pois o uso (mesmo distorcido) que faz da citação permanece dentro do senso comum e do catolicismo.

** Neste ponto, a tradução que temos em mãos acrescenta a seguinte frase: "O Deus que adoramos é o Deus da ciência, e se os ignorantes entram no reino do céu isso não é regra." Essa frase ficou fora de contexto, pois como sabemos a ignorância que fecha as portas do Céu é a dos princípios religiosos e isso até os mais "simples" podem aprender. Portanto ao retirarmos a frase ajudamos o autor do texto a não provocar equívocos nos seus leitores.

*** A tradução diz: "não são menos excelentes". Ousamos fazer aqui uma pequena alteração, pois a obra intelectual de uma mulher não há de ser igual à do homem.

4ª – CONFERÊNCIA



*Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum.
Ela converte-se n'um como navio d'um mercador, que traz de longe as suas riquezas.*

(Prov., XXXI, 14)

Senhoras.

A mulher deve vigiar o interior de sua casa; está nisto um dos princípios dos seus deveres. Não se humilha nunca descendo às minudencias do lar, porque é um modo de descer que em nada compromete a dignidade, a autoridade e o caráter. Nós vemos todos os dias à luz do sol, que, sem nada perder do seu brilho e da sua esplendida majestade, a toda parte chega, iluminando os planos mais inferiores. O trabalho manual, qualquer que seja a sua forma, quer se fie a lã ou o linho, quer se tome o fuso ou a agulha, quer se vigie a cozinha ou a preparação dos vestidos, o trabalho manual é um dos maiores e mais úteis recursos na vida das mulheres. Ora um dos cancos da nossa época é vê-lo abandonado, ou, pelo menos, raramente praticado.

Quer isto dizer que o trabalho intelectual deve ser abandonado e que o papel da mulher tem de limitar-se à vigilância da cozinha e ao fabrico de rendas?

Creemos ter estabelecido o contrário, indicando-vos a linha do centro entre todos os extremos. Sem querer fazer de vós mulheres sábias, o que seria um papel ridículo e comprometedor sob diversos pontos de vista; sem querer obrigar todas as mulheres a estudarem, o que, muitas vezes, seria impossível, pareceu-nos que para várias, que para algumas e em diferentes graus de iniciação, o estudo é uma coisa muito útil, e fácil nos foi confirmar estes princípios por autoridades consideráveis, e em particular, pelo exemplo da mãe de santo Agostinho.

Continuemos a explicação do livro dos Provérbios, seguindo sempre a ordem dos versículos.

“Ela converte-se n'um como navio d'um mercador, que traz de longe as suas riquezas”.

Um navio a mulher!

Esta idéia da Escritura parece-me tão bela e tão fecunda em bosquejos cheios de graça e de verdade, que vos solicito permissão para nela me deter, e, até, para a ela consagrar inteiramente esta conferência. Devo dizer-vos que este entretenimento é absolutamente rochelez, porque o compus com as minhas recordações dos passeios à beira-mar.

Vede aquele navio habilmente construído; é gracioso e solido, e quando se lança sobre as vagas, munido de todas as velas, elegante e donairoso, é um dos ornamentos do oceano. De longe poderia ser tomado por uma ave gigantesca, que, com as asas abertas, adejasse sobre a superfície líquida.

Não basta que o navio seja gracioso; é necessário que seja solidamente construído para que se não desconjunte na primeira agitação, nem soçobre com a primeira rajada de vento. Mas escolheu-se a madeira para construí-lo; trabalharam-se com minucioso cuidado os materiais que se juntaram com toda a arte. Algumas vezes, quando a embarcação é de grande lote e tem de afrontar o mar largo, forra-se de cobre, para que possa resistir a todos os choques, e para que o ferro, depois de ter sofrido uma preparação elétrica, se não oxide ao contato da água.

Maravilhosa imagem da mulher forte!

Ela é graciosa como um navio bem construído: a sua palavra, os gestos, os modos, tudo tem a beleza e a elegância da embarcação. Ela é o ornamento da família e da sociedade; nas reuniões de pessoas gradas apresenta-se como as *yoles* que se admiram no nosso porto, cuja história e origem se desejam conhecer. Ela é a aplicação viva da letra da Bíblia: A mulher graciosa encontrará a glória: *Mulier gratiosa inveniet gloriam* (Prov. XI,16).

Mas a graça seria inútil, tornar-se-ia, até, perigosa, se não fosse acompanhada; assim a mulher forte é sólida como navio, o seu temperamento cristão é vigoroso, e ela pode resistir aos grandes mares, afrontar as vagas não respeitosas e continuar a sua derrota pelo meio delas; é forrada e cavilhada de cobre, isto é, de virtudes sérias, à prova do choque das paixões. Gosta de permanecer na onda salgada entre os perigos da vida, porque se conserva intacta, fazendo respeitar o pavilhão de sua família.

O navio tem numerosas velas, de todas as grandezas, de todas as formas e em todas as posições; tem-nas para qualquer direção do vento; desfranda-as com engenhosa arte e segundo as circunstâncias, e ora são todas soltas, perfeitamente pandas, apresentando um formoso quadro aos olhos do espectador, ora parecem reservar-se produzindo-se somente em uma ordem, e conforme uma escolha determinada. Quando os ventos são contrários, a embarcação, inteligente, aproveita-os ainda no seu fim, manobra habilmente, parece desviar-se da sua derrota e corre por diferentes abordagens, forçando o vento espantado a tornar-se-lhe favorável. Em tempo seco, quando a calmaria no mar apresenta a imagem da imobilidade, a embarcação utiliza-se de um recurso que a ciência lhe põe à disposição; ascende as caldeiras, e agita-se um movimento desconhecido, e o mar é obrigado, no meio da sua surpresa, a abrir-lhe uma larga e rápida esteira.

A mulher forte também tem velas no espírito e no coração; possui uma multidão de

recursos, que combinados com toda a honra, retidão e probabilidade, servem para a conduzir na direção sempre difícil dos negócios do mundo.

Quando o vento é favorável navega com todas as velas, e deixa que o sopro da prosperidade a conduza ao porto suspirado, mas como sábio piloto põe os olhos no vento e não confia na fixidez das coisas deste mundo, como o marítimo na constância do oceano.

Tanto que ela percebe uma modificação nos homens ou nas coisas, varia as suas combinações com a retidão de uma alma prudente, dispõe os meios para as conseqüências e arria as velas que seriam inúteis a até perigosas. Se o vento se torna absolutamente contrário, a mulher forte muda logo de orientação, dá outra posição ao barco, põe inteira confiança na vigorosa construção dele, tem a certeza da contextura sólida das velas, e, todavia, não é tão temerária que lute, face a face, com a tempestade. Adota uma posição média, em que se tomam as abordagens, em que se força o vento a cair obliquamente sobre as velas com ímpetos moderados, com força demasiado fraca para poder virar o navio, mas bastante poderosa para lhe poder dar um impulso, e fazê-lo ir precisamente aonde o vento não quererá ... Depois, se o vento cessa rapidamente e a derrota da embarcação é ameaçada de outro contratempo – a calma – a mulher forte recorre ao vapor, à energia da sua alma, ao vigor de um caráter rijamente temperado.

Quero dizer que a mulher com a finura do seu espírito, com a ductilidade do seu caráter, a flexibilidade da sua natureza, a perspicacidade da sua inteligência e a faculdade adivinhadora do seu coração, pode, quando põe todos os recursos á disposição da sabedoria e da virtude, livrar-se de todos os perigos, de todas as situações difíceis, e forçar, pouco e pouco, todos os elementos contrários a prestarem-lhe justiça e a auxiliá-la na sua viagem.

Mas para conseguimento disto, senhoras, é necessário que pertençais a classe das mulheres fortes, na calma, e possuir-vos do vigor moral; é preciso que haja alguma coisa de viril no vosso caráter. A mulher perde demasiadas vezes o equilíbrio no meio da tempestade, e cai desfalecida; ou agita-se ela própria, e altera-se algumas vezes, mais tempestuosamente ainda que o mar. Em tais violências ou prostrações o navio sofre sempre.

Não nos cansamos em contemplar a graciosa embarcação. Tem ela uma qualidade muito preciosa e muito rara, qual é a de se bambolear sobre as vagas, a de ter uma força de elasticidade com a qual as segue: sobe com elas, com elas desce, e, todavia, prossegue na derrota. Ela gosta mais deste modo de avançar do que da luta, prefere a agilidade dos movimentos á violência que se precipitaria de contínuo, procurando cortar bruscamente as ondas. Eu recomendo-vos, senhoras, - esta ciência do equilíbrio sobre as vagas, porque é a melhor das táticas, em muitas circunstâncias. Sim, o melhor, o mais seguro, o mais perfeito, é, muitas vezes, deixar as ondas no seu vai e vem, deixá-las bater o navio em todos os sentidos, e exclamar tranquilamente como o Profeta: “Meu Deus! É a vossa providência quem governa e abre a senda no meio dos mares, quem prepara uma via segura por sobre as ondas; mostrais assim que podeis salvar a gente de todos os perigos, ainda mesmo quando se embarca sem conhecimentos náuticos: *Etiamsi sine arte aliquis adeat mare.*” (Sabedoria XIV, 3-4)

Depois desta oração do marítimo, o melhor, muitas vezes, é não fazer coisa alguma e

esperar, seguir o movimento das vagas e não procurar mesmo contrariá-las. É preciso, sim, conservar com cuidado a destreza e imponderância que nos colocam sempre á superfície das vagas; é preciso nada perdermos dos nossos hábitos e das nossas convicções verdadeiras, e flutuarmos á mercê de Deus, esperando dias melhores. Nada aplaca tanto as ondas como este procedimento, pois elas acabam por compreender que nada ganham atacando certos navios, e resignando-se a sorte de não serem escusadas, acalmam-se muito mais facilmente. Uma piedade séria e profunda, enraizada na alma poderá dar-vos a destreza e a energia que luta tanto mais, quanto mais parece ceder. O que sobre este assunto parece tão simples, tão natural, tão necessário, é extremamente difícil. Custa muito ao amor próprio chegar lá; são necessários sacrifícios a todos os instantes, sacrifícios de idéias e de afetos; são necessárias imolações constantes, pois a vaidade julga-se ferida, atacado o caráter, e todas as susceptibilidades despertam ao mesmo tempo. Não, a natureza abandonada a si própria nunca produzirá tais efeitos, com quanto pareçam tão simples, tão fáceis, tão indispensáveis á felicidade; quando muito compreender-lhe-á beleza ideal; mas o amor próprio terá as suas revoltas e tornar-se-á mau conselheiro, não quererá ceder, gostará mais de resistir e sofrer as conseqüências deploráveis da sua pertinácia. A verdadeira piedade, destacando-nos do humano, levantando-nos da terra e elevando-nos o caráter, predispõe-nos naturalmente para o estado vigoroso e forte do equilíbrio, em que a prudência é o nosso lastro, e em que os movimentos impetuosos do nosso amor próprio são contidos por uma sabedoria superior.

O navio tem ainda outro recurso: se o tempo está mau, lança ancora, que é um grosso instrumento de ferro, recurvo para dois lados, em uma extremidade, e que anda suspenso nos flancos da embarcação. Em mares alterosos e perigos na derrota, arria-se a ancora. Esta massa desce ao mar, e, pelo peso, fixa o navio, convertendo-se em uma espécie de fundamento sólido, no meio dos abismos. A alma deve ter também uma ancora, ou várias ancoras suspensas nos seus lares, para que, quando a tempestade estale, as lance nas profundidades do Ser divino, permanecendo imóvel, esperando a bonança.

As ancoras da alma são de várias espécies, e sob este nome compreendo tudo quanto pode sustentar-nos e ficar-nos: - princípios sólidos e vigorosamente estabelecidos, uma grande firmeza de caráter, amizades sérias e cheias de confiança, e, sobretudo, uma crença inabalável em Deus, uma energia de fé capaz de transtornar as montanhas. Tais são as verdadeiras ancoras para a alma, e nunca a corrente que as suspende se quebra quando é fabricada no céu. Eu suplico-vos, senhoras, para que, no meio das dificuldades da vida de família, no meio das alterosas vagas, que chegam subitamente e agitam o navio humano em todos os sentidos, peço-vos para que sigais o meu conselho: lançai ancora e permaneci assim! E que fazer depois? – me perguntais vós. Nada mais que sustentá-la e orar. Não é isto o que faz o nauta em pleno mar?

Todo o navio tem uma bússola. Com este pequeno instrumento o marítimo sabe onde está e as regiões a que se dirige, e pela agulha magnetizada conhece a situação da derrota do baixel.

Os astros podiam bastar-lhe em muitas circunstâncias, e a estrela polar é a melhor indicação para a direção ao norte, mas as nuvens cobrem muitas vezes o céu, e a cintilação das estrelas está oculta. Neste caso a bússola é indispensável, porque substitui a luz das alturas. Pois na vida ainda é necessário ter uma bússola, um indicador celeste para se não andar caminho errado. A maior desgraça de muitas mulheres é não a terem

tido em muitas circunstâncias da sua vida, e, sobretudo, na sua mocidade. Um dia estalou a tempestade e as trevas condensaram-se, e não sabendo aonde se dirigiam despedaçaram-se de encontro a uns escolhos. A melhor bússola da mulher será uma piedade esclarecida, e tão doce como firme; a luz da fé deve sempre iluminar-lhe a derrota, e no interior da alma deve ter uma prudência cheia de sabedoria, um instinto celeste, uma consciência reta que sirva para dirigi-la na marcha e para lhe indicar a verdadeira posição dos objetos.

Com estas precauções, senhoras, não flutuareis á mercê de qualquer vento de doutrina, e sabereis que há derrotas que a mulher cristã não deve seguir, e que há certos escolhos que devem ser evitados se não quer naufragar. A bússola pode ainda estender-se de outro modo: - há imaginações que a não têm, ou que as têm desorientada, e, neste caso, colocam o norte ao sul, o oriente ao ocidente, e não poucas vezes vêem os objetos invertidos. Perdem, de contínuo, o norte, para me servir de uma expressão marítima: nada tem de fixo, nada certo, ou antes, tem uma mobilidade perpétua, um reviramento de bordo, tão freqüente como inopinado, de modo que delas se pode dizer que só logram constância na inconstância.

Que conselho a dar-lhes, uma vez que a religião os deve ter para todas as situações da vida e para todas as formas de caráter? Ser-lhe-á especialmente útil a prática da humildade; e uma profunda desconfiança de si próprias e das suas apreciações, uma sábia lentidão nos seus movimentos e resoluções servirão para prevenir numerosos perigos e impedir passos em falso. Eu aconselho-as, além disto, a fazerem-se rebocar por outra embarcação, munida de bússola e governada por um hábil piloto, a deixarem-se dirigir e conduzir por pessoas sábias e dedicadas, e a não fazerem coisa alguma sem prévio conselho. Deste modo suprirão, quanto é possível, a impotência natural, e sem esta indispensável precaução, o número dos seus naufrágios será incalculável.

Continuemos, pois, na análise do nosso navio.

Como se chama as árvores limpas de córtex, despidas de ramos e de folhas que se elevam no meio dele? Três principais conto eu: servem de ponto de apoio ao cordame, ás vergas e a todo o aparelho da embarcação. Quando o barco tem os mastros partidos perde a força, luta mais dificilmente e está próximo da sua ruína. Do mesmo modo é necessário que a alma tenha pensamentos fortes, princípios sólidos que sejam uma como armação da vida moral, e não aplico este conselho somente em matérias religiosas, mas ainda em tudo quando pode interessar a vida humana, nos negócios temporais, e nas regras de conduta nas relações com os homens e as coisas. Em tudo são necessários princípios, não princípios sistemáticos, porque o sistema é um perigo e uma causa de continuas imprudências, de faltas mais ou menos graves; são necessários princípios, que, sem saírem da linha da verdade, tenham bastante elasticidade para se prestarem a todas as exigências da sabedoria e da caridade. Eles convertem-se em pontos de apoio da existência, e mastros do navio humano; em volta deles grupam-se e ligam-se as idéias da alma, o conjunto dos seus projetos e resoluções, e os cabos e cordas variadas que compõem a rede da vida.

Desditosa a alma que não tem mastreação!

Porque não terá resistência nem poderá lutar no meio das contradições e das correntes

opostas, e porque terá um movimento irregular e desordenado como o de uma embarcação que navega á mercê de todos os ventos contrários.

Não basta ainda a mastreação, é necessário também um leme, - pequena peça de madeira meio oculta na água. O piloto, sem que isto se perceba, comunica-lhe um movimento que varia constantemente nos lugares difíceis, e a mobilidade do leme é a verdadeira força que conduz o barco, que lhe dá um impulso que pode variar a cada instante, e que lhe inclina a marcha em sentidos postos. O navio dirigido, assim, por mão hábil e inteligente, transpõe todos os escolhos, vence todas as dificuldades. – A alma também deve ter o seu leme, isto é, um espírito de sabedoria, largo e esclarecido, que em um olhar abraça o horizonte, descubra as dificuldades da travessia e comunique á derrota a linha reta; que sem sair das vias da verdade e da justiça, possa desviar, segundo as circunstâncias, obliquar tanto para bombordo como para estibordo, e fazer da existência uma linha quebrada, composta de linhas retas.

Será isto bastante para a condução do navio?

Não, senhoras; a embarcação mais sólida, melhor equipada, mais provida de velas, com excelente mastreação e leme habilmente manobrado, poderia soçobrar depois de algumas horas ou de alguns dias de viagem. É necessário que o piloto conheça perfeitamente o estado dos mares e das costas, a profundidade da água, a posição dos escolhos, dos bancos de areia, o sopro dos ventos e da direção das correntes; é necessário que tenha, mas bem a fundo, o conjunto de conhecimentos que constituem a ciência náutica. Além disto, uma carta minuciosa aonde tudo se ache consignado, para que saiba que em tal lugar encontrará uma costa perigosa, um cabo aonde o mar é furioso, um recife aonde facilmente iria abalroar, um baixio que lhe faria encalhar a embarcação e uma corrente que a sepultaria. Vós deveis ter também, senhoras, uma carta do mar, mais que todos, difícil e tempestuoso, o mar da vida. Eu me explico: conheceis, tanto quanto possível, o forte e o fraco do que vos cerca; não vos apoiéis em certas praias, porque ireis de encontro a grandes rochedos, e desconfiai do desfiladeiro de homem ou das coisas, onde sois obrigadas a passar. Em tal lugar há correntes pérfidas, e, tanto mais, quanto menos se anunciam á superfície. Mais longe está um banco de areia.

O que é um banco de areia? – perguntais vós. É o homem, é a mulher, é o caráter com o qual contáveis, talvez. Não vos apoiéis nele, peço-vos; é um banco de areia sem solidez, o vosso baixel encalharia nele, e, uma vez encalhado, seria, talvez, difícil retirá-lo.

Há naturezas de que não se desfaz a gente como se pretende, quando se está preso na areia sem fim; parecem-se muito com o estreito de Maumusson, onde os navios, tendo tocado o fundo, descem gradualmente e com uma força, cuja potência a lentidão não modifica.

Vós contaís tal praia, freqüentais tal companhia e pretendeis que o vento vos é ali favorável. Engano, talvez: O vento sopra, é verdade, do vosso lado quando estais presentes; mas voltai às costas e pedi notícias a algum marítimo dedicado que permaneceu na praia, e ele vos dirá que as vossas palavras, os atos, a vossa própria recordação, tudo foi despedaçado por uma brisa fria e violenta. Que mais direi ainda? No mar há peixes guarnecidos de dentes que rasgam as carnes dos nadadores, surpreendendo-os no momento em que menos o pensam, porque estes seres malvados

navegam sempre entre duas águas. Do mesmo modo há também caracteres que caminham sempre debaixo da água, para me servir de uma expressão de São Gregório de Nazianzo: - “Os armênios – dizia ele – não são nem simples nem francos, são absolutamente dissimulados e semelhantes aos rochedos que se escondem sob as águas do mar.” (Oraç. XLIII, nº 17) Vós não pensáveis talvez na existência destes peixes humanos, e só começais a suspeitá-la quando vos ferem com os seus dentes cruéis e tanto mais perigosos, quanto mais ocultos. Escondem-se no oceano, ou sob veludo, quando habitam a terra, porque estes seres são anfíbios.

Volto, porém, ao nosso navio. Quereis comigo descer ao interior? Como tudo está admiravelmente disposto! Que sábia distribuição! Que limpeza! Que bom arranjo na sala de jantar, na câmara e nos beliches! O capitão vigia tudo e tudo se faz em perfeita ordem. Nenhum embaraço da carga, nem a mínima alteração entre os passageiros; a equipagem é numerosa, mas obedece como se fora um só homem. – Do mesmo modo a alma da mulher forte: visitai comigo os seus numerosos compartimentos; a sabedoria é o comandante do navio; tudo está em ordem, os pensamentos, os desejos, os projetos, as resoluções. O maquinismo interior funciona todo com maravilhosa simplicidade, o vapor da imaginação é perfeitamente regulado, cada coisa está no seu lugar, e pode em verdade dizer-se que a principal beleza da alma consiste no seu interior: *Omnibus gloria ejus ab intus*. Que diferença quando a comparais com outras almas! Se fosse possível percorrer-lhes o interior com um archote na mão! Que câmara escura! Que desordem! Os objetos mais disparatados postos em monte, uns sobre os outros; os mais estranhos pensamentos a abalroarem-se, os desejos mais bizarros procurando aproximar-se; em uma palavra, a imagem da mais formosa desordem, da mais completa ausência de regularidade, podendo dizer-se que estão sempre ocupadas nos eu desarranjo.

Não terminei ainda a explicação do texto:

“A mulher forte converte-se n'um navio d'um mercador, que traz de longe as suas riquezas”.

Não basta que a embarcação seja graciosa e solidamente equipada, que tenha velas, mastros, vapor e um hábil piloto a bordo, conhecendo perfeitamente a derrota e o estado dos mares: é também necessário que se enriqueça. Bem vedes, o navio parte, vai á Índia, na América, e volta carregado de mercadorias. Assim a mulher forte deve também enriquecer a família pelos seus cuidados, atenção, economia e contínua vigilância: é isto o seu negócio, o seu comércio, as suas viagens. Tem-se visto muitos mercadores fazerem consideráveis fortunas com pequenos lucros; mas os grãos de areia amontoaram-se pouco e pouco, cada vaga foi trazendo alguns, e, a final a praia cobriu-se; a água da cisterna tornou-se considerável, e no entanto caiu gota a gota.

A mulher pode também pelos cuidados, pela vigilância e pela severa economia chegar a admiráveis resultados; no fim de cada mês, ou mesmo de cada semana, pode entrar no porto da família com um carregamento inesperado. Mas, senhoras, na vida outra coisa há além do dinheiro. Quantas riquezas morais e intelectuais não pode recolher a mulher forte, em cada dia, nas suas relações com as almas, e, sobretudo, com as almas sérias e cristãs! Pode tirar a nata ás conversações, ás leituras, aos discursos e fazer uma rica pirataria nos mares intelectuais; é nobre o officio e perfeitamente honroso. E quando entrar na família, dar-lhe-á parte das suas riquezas, abrir-lhe-á o porão do navio, e todos os filhos correrão pra quinhoarem da carga, como a família dos mercadores que esperam

uma valiosa carga expedida da América, ou melhor ainda, como os pequenos peixes que se vêm a espreitar os navios que chegam, e lançar-se sobre eles, como sobre uma presa a que tem algum direito. Assim, sobre todos os pontos de vista da riqueza material ou espiritual, a mulher forte é verdadeiramente como o navio de um mercador que traz de longe os seus tesouros.

Um dos mais graciosos espetáculos que eu gozei na Rochelle, senhoras, foi o de ver, algumas vezes, nos meus passeios matinais, uma multidão de barquinhas saindo do porto e cobrindo o mar. Dir-se-ia que se enfileiravam em ordem de batalha contra o inimigo desconhecido que vinha desafiá-las, mas felizmente a flotilha só era dirigida contra peixes. Tinham um aspecto deslumbrante; os galhardetes, as cores variadas, as velas soltas, os movimentos e os pequenos balanços das embarcações, tudo contribuía para atrair a vista. Estas flotilhas partem vazias, mas regressam com seus carregamentos de riquezas.

Que elas sejam a vossa imagem, senhoras! Lanchas graciosas, saí em ordem de batalha! Ide à pesca das almas! Que o socorro material seja o anzol do vosso coração, e a alma de vossos irmãos o fruto da vossa santa e abençoada pesca!

Ser-me-á sempre consolador e doce o ver-vos avançar assim, esperando-vos na praia, agradecendo a Deus o bem que tiverdes feito aos nossos queridos pobres, e rogando-Lhe que vos pague centuplicadamente.

5ª CONFERÊNCIA



*De nocte surrexit.
A mulher forte madruga.*

(Prov., XXXI, 15)

Senhoras.

A mulher forte possui a beleza, a elegância e a força do navio, tem numerosas velas, cuja direção ela varia, conforme o tempo e as circunstâncias; tem todos os recursos dum espírito hábil e perspicaz, sabe combiná-los de mil maneiras e de modo a não contrariar muito os ventos, mas a tomá-los de lado e a forçá-los a não contrariarem o navio antes de acelerarem-lhe a marcha. Ela não procura fender violentamente as vagas: gosta antes mais de segui-las, de se bambolear sobre elas, em ondulações, mais ou menos rápidas, mas sempre mais doce que um choque em linha reta, cujos movimentos seriam bruscos e precipitados. Se o tempo se emborrasca tem as âncoras que lança ao mar e que lhe servem de apoio contra o furor das ondas, sendo estas âncoras a confiança em Deus, os princípios fixos e vigorosamente temperados duma alma cristã, e uma grande firmeza de caráter. O nosso navio é ainda munido duma bússola, que dirige a derrota no meio das obscuridades da noite, que indica a linha segura através dos escolhos, que retrai os desvios de uma imaginação desorientada. Possui, afinal, uma mastreação forte e perfeitamente organizada, que serve de ponto de ligação às cordas, aos cabos e a todo o aparelho que acompanha ordinariamente a tripulação. Lançai ao mar este navio com bom piloto, com um capitão que possua a carta minuciosa de todos os mares; instalai perfeitamente o interior do barco, sem luxo, mas confortavelmente temperado por uma mistura de sóbria simplicidade, e ele transporá os mares confiadamente, e regressará carregado de ricas especiarias.

Tal é, senhoras, o símbolo, tão verdadeiro como gracioso, da vida as mulheres, e este assunto foi o que desenvolvemos na passada reunião. Nas duas instruções que vão seguir-se, a nossa tarefa será talvez menos fácil; empreendamo-la, entretanto, embora o navio tenha de encalhar.

O assunto é fornecido pelo texto: A mulher forte madruga. Falemos, pois, do sono e das questões que se ligam a ele. Dividamos este trabalho em duas conferências: principalmente na de hoje e terminaremos na do próximo mês.

É um combate a vida do homem, uma experiência, uma luta em que as forças se gastam. Muitas vezes, ao fim do dia, a gente tem vontade de exclamar com o Profeta: - Porque foi dada a luz aos desgraçados? Porque foi concedida a existência aos que vivem na amargura? (Job, III, 20) A providência, sempre maternal, previu os esgotamentos e as fadigas diárias, porque nos preparou, em cada noite, um banho reparador, em que parecemos renascer.

Após um doce e profundo sono, o homem parece inteiramente retemperado na força e no vigor da mocidade. Enche-se-lhe de vida o corpo, refresca-se-lhe o coração, o ar torna-se-lhe mais leve, e mais dilatado o peito para aspirá-lo.

“O sono doce, diz Shakespeare no *Macbeth*, afasta do cérebro os dolorosos traços dos cuidados e é a morte suave da vida de cada dia, o banho após as durezas do trabalho, o bálsamo das almas feridas, o segundo serviço à mesa da grande natureza, a iguaria mais nutritiva do banquete da vida.” Um filósofo antigo dizia, que o sono assegurava os bons resultados da medicina, porque era a liberdade dos prisioneiros, o voto dos enfermos, o alívio dos aflitos, o repouso de todos os espíritos, o hábito do rico e do pobre e a promessa de cada noite. (Fragment. phil. greg.). Daqui esta exclamação dos coros

antigos: - “Ó sono, tu que não conheces a dor e os cuidados, vem a nós com todos os teus encantos, ó rei da serenidade e da ventura, tu que curas os humanos!” (Sophocles, Philocteto.)

Nada é tão verdadeiro como estas descrições da influência salutar e da ação benéfica do sono: sem ele receitariam inutilmente os médicos, e o corpo cansado resistiria a potencia da arte deles; uma boa noite vale, algumas vezes, mais que todas as visitas dum habilíssimo doutor, e esta verdade da experiência nada tira à utilidade prática da ciência médica. O sono é a liberdade do prisioneiro, ao menos a liberdade temporária; parece arrancar-nos as exigências dos órgãos e a prisão do corpo; pois não ouvimos durante a sua ação, os gritos e as reclamações contínuas destes carcereiros que se chama os sentidos; vivemos em outro mundo.

Verdade é que, pela manhã, torna-se preciso retomarmos a grilheta; mas, após um bom sono, ela parece menos pesada e o prisioneiro mais forte para suportá-la. Estais doente? Doente na alma ainda mais que no corpo? Chamai o sono em vosso auxílio; ele afogará vossos cuidados nas suas ondas pacíficas, e se eles voltarem, surgindo ao lume d’água, ao menos terá havido uma salutar interrupção que tire ao mal o caráter da gravidade – a continuidade. O sono é riqueza de pobres e de ricos, direi mesmo que é uma propriedade mais especial do pobre, pois ele dorme melhor porque trabalhou mais, e porque a natureza, sempre justa, lhe confere um salário mais abundante. Ele dorme melhor, porque é mais sóbrio, e porque tem o estômago menos carregado dos vapores que sobem ao cérebro, agitam o sangue e os nervos e fazem um suadouro do banho refrigerante que a Providência nos preparou. (Nota de rodapé: Uma testemunha insuspeita disse: - “Os pobres dormem melhor sobre palhas que os ricos nos seus leitos magníficos.” – Mme. De Maintenon, Cartas sobre a educação.)

O sono é um presente que parece sempre novo, e que nunca produz a saciedade, quando é usado sobriamente. A gente cansa-se de todas as coisas, e até das melhores; aborrece-se dos jantares, das soirées, dos prazeres, das conversações, mas o pensamento do leito, em cada noite, pé uma aparição que faz sempre sorrir a natureza: o pensamento de um banho fresco no meio dos ardores do estio não produz melhor sensação. São Crisóstomo tem sobre o sono uma idéia cheia de encanto, de amor e de poesia cristã: - “As mães, quando querem excitar seus filhinhos ao sono, embalam-os sob os cortinados e deixam-os em paz. Do mesmo modo a Providência derrama sobre o mundo um como imenso cortinado de trevas e convida os homens a descansarem das fadigas” (De cumpunct., 1.II,nº 5)

O filósofo grego diz ainda que a noite é a sabedoria dos que têm insônias, e que o sono é a imagem da morte, *insomniosorum sapientia, mortis imago*.

Tens insônias algumas vezes? Não vos espanteis disso; nessas ocasiões quer Deus falar-vos talvez. Durante o dia, a alma é arrastada para os objetos exteriores, não vê nem ouve: tem os ouvidos fascinados pelas sereias que a cercam, como pode, pois, discernir a linguagem da verdadeira sabedoria? - “Muitas vezes - diz o Profeta – a palavra de Deus faz-se ouvir no meio da noite.”(Sab., XVIII,14) É que rasgam-se as nuvens e aparece-nos a luz serena da verdade: vemos a verdade, e o seu clarão é tão vivo e tão penetrante que não poderíamos duvidá-lo. Nós nem sempre temos a força para seguirmos esta luz divina, mas muito é já tê-la apercebido. Esta visão é um germen que se depõe na alma e que pode desenvolver-se numa circunstância imprevista. A noite

aconselha, diz a sabedoria popular, e aconselha, porque aplaca muitas coisas, e porque a alma, no silêncio e na serenidade da reflexão noturna, entrevê melhores resoluções. A noite será tanto mais conselheira quanto mais encantardes o tempo das vossas insônias pela recordação de Deus. A súplica é como a lâmpada noturna; deveria estar sempre ao vosso lado, porque quando acordássemos falar-nos-ia do céu. Não sei que misteriosa harmonia existe entre a noite e a oração; aquela pareceu sempre aos santos o melhor tempo para orarem. Dir-se-ia que o orvalho do céu escolheu, para cair sobre as almas, as mesmas horas que o orvalho terrestre, que se forma na obscuridade para vivificar as plantas.

De noite tudo é silencioso, serenam-se os ruídos da terra, e reina a paz em toda a parte, e deste modo a alma vê mais facilmente Deus e pode entreter com Ele misteriosos e íntimos colóquios, que lembram os doces entretenimentos de dois amigos, que se aprazaram para longe da multidão a fim de falarem mais à vontade. Ó doces entretenimentos da alma com Deus, vós formais uma parte da vida dos santos! O mistério é sempre amado por quanto há de mais terno e mais profundo no coração! Assim, quando o ser inteiro é como coberto pelos véus da noite e só a alma vela a luz divina, que inefáveis encantos e que deliciosa conversação não é a que conta a Deus aos seus segredos e recebe os d'Ele, falando-Lhe, face a face, como o amigo costuma falar ao seu amigo: *Facie ad faciem, sicut sole loqui himo ad amicum suum* (Ex., XXXIII, 11).

Tentai alguma vez, senhoras, provar esta ambrosia das noites; é o melhor banquete do coração, a mais doce luz do espírito. “À noite – diz Clemente de Alexandria - foi chamada boa conselheira pelos gregos, porque a alma, livre então do império dos sentidos, se retrate as inspirações da sabedoria.” (Strom., l. IV, c.XXII) Possa a Providencia conceder-vos sempre excelentes noites! Se, entretanto, a doença ou pesar perturbarem algumas vezes o vosso sono, desejo-vos com toda a afeição dum pai, um resultado semelhante ao que tão bem exprimiu uma mulher célebre: “Ele – Deus – dominava-me os pensamentos de noite como de dia, porque havia muito tempo que as minhas enfermidades me não permitiam dormir mais que uma hora e meia seguida, obrigando-me a sair de noite quinze ou vinte vezes do meu leito e a andar a maior parte do tempo. As bênçãos que Deus derramou sobre estas más noites, como se chamam no mundo, foram indizíveis.” (Mme. Swetchine, Cartas a princesa Galitzin) Era dessas deliciosas horas que Santo Ambrósio, dizia: - “São excelentes noites, noites luminosas, que têm estrelas: *Bonae noctes, noctes lucidae, quae habent stellas.*” (Epist. XXIII nº 5).

Felizes as almas que se levantam para contemplá-las!

O sono é uma imagem da morte. Nada há mais verdadeiro, mais doce e simultaneamente mais triste do que este pensamento. Vede este homem que dorme; está ausente por várias horas, e a sua alma parece que partiu para uma viagem; partiu quase como partem os mortos: na demora do regresso está à principal diferença. O próprio corpo está estendido como deve ficar um dia na campa, tem os olhos cerrados, as feições imóveis, e se não fosse o leve alento da respiração, que parece a última cadeiazinha da alma, a ilusão seria completa. Pois já contemplais o justo no seu leito fúnebre? Parece que dorme: a calma das feições, a serenidade da figura, a doce expressão da fisionomia, a graça de um ente vivo, tudo se encontra ali: - apenas falta a respiração.

Por isso davam os antigos o mesmo nome ao sono e a morte - chamavam-lhes o retiro da alma, com a diferença que no sono o retiro é temporário e definitivo na hora da morte. “O homem que está morto – dizia Heráclito – toca o sono, porque é privado de luz, e o ser vivo, quando dorme toca as regiões da morte; o cego tem algumas relações com o que dorme.” (Citado por Clemente d’Alex.) Assim, da cegueira ao sono, do sono à morte, há uma como transição graduada, e o mundo dos vivos toca o mundo dos mortos por uma cadeia não interrompida. Uma vez, pois, que o sono é a imagem da morte, o irmão da morte como lhe chamava o velho Homero (Iliada), não subais, senhoras, para o leito, sem que façais esta reflexão: - Um dia, e breve talvez, estarei deitada do mesmo modo, e pode ser que no mesmo leito; os meus parentes e amigos estarão em lágrimas diante de um cadáver; chamar-me-ão ainda, mas a minha alma terá partido para a sua longa viagem; estará perante o supremo Juiz. – Fazei esta reflexão quando vos deitardes em cada noite, fazei-a ao despertardes no meio da noite, porque esta será então para vós uma verdadeira e excelente conselheira; tereis assim, um magnífico e certo sermão, de que a noite será, por vezes, o melhor e mais eloquente predicador.

Era essencial, para chegar, mais tarde, as nossas conclusões, mostrar-vos que não sou inimigo do sono, e devia começar por fazer-lhe um elogio justamente merecido. O sono é um benefício da Providência para o corpo e para a alma; e o melhor dos facultativos; até nas suas interrupções é um tempo de refrigério, de paz e de fecunda calma; mas como sabeis, até das melhores coisas se pode abusar. E, porque o sono é excelente não se conclui que seja necessário entregar-se a gente a ele incalculadamente, com toda a confiança e segurança. O sono tornar-se-ia então um inimigo tão pérfido como o vinho.

Eis-nos sobre um terreno delicado, e acho-me neste momento, próximo do estreito de Messina, de que vos falei, num dos entretenimentos passados. Obrigado a comentar um texto da Escritura, e a comentá-lo com as reflexões da razão e da fé, corro talvez o risco de desagradar a uma parte do meu auditório e de pregar um pouco no deserto. Espero, porém, que tereis em consideração a minha posição difícil, e que as de entre vós que não gostarem da minha doutrina, dum modo prático, convirão, ao menos, que a minha linguagem é apoiada sobre a verdade e sobre os vossos verdadeiros interesses: não reclamo, neste momento outra concessão.

Antes de estabelecer uma série de proposições sobre o sono, faço todas as reservas para as pessoas doentes, sofredoras, de temperamento fraquíssimo, contanto que se não alargue muito o manto da noite para nele se abrigarem todos os raciocínios engenhosos da preguiça, disfarçados sob a forma de pretendidas enfermidades; pois poderia acontecer que se ficasse no leito oito grandes manhãs, para a cura das conseqüências duma enxaqueca futura se julgasse necessário sacrificar as oito manhãs seguintes. Por pequeno que fosse o mal durante todos os quinze dias, a preguiça acharia sempre a sua conta perfeitamente regulada.

Diz a medicina, que, quando se ultrapassam os limites da idade, em que a natureza se forma, seis a sete horas de sono bastam para os temperamentos vulgares. Os longos sonos têm imensos inconvenientes: condensam o sangue e tornam pesado todo o organismo; a alma ressent-se disto, faz-se pesada, preguiçosa e incapaz de um sacrifício; quando fraca e enervada, engorda em uma fofa ociosidade e os seus movimentos tem todos os inconvenientes e a lentidão da plenitude; é como saturada de

sono, para me servir da expressão dum antigo: *somno saginati* (Plínio, Hist., Nat., 1. VIII, nº 54).

Quando se dorme demasiadamente as idéias entorpecem-se ao mesmo tempo que os membros, a atividade do corpo e da alma embota-se e acaba-se por se estar meio dormente, mesmo quando se está acordado. Além disto, os grandes dormidores pouco fazem, porque dão ao sono a maior parte da sua existência, e a que lhes resta é consagrada a uma semi-sonolência que lhes é habitual. Escutai duas autoridades bem diferentes e que pela própria diversidade terão peso mais considerável: - “O sono excessivo não é salutar nem ao corpo nem a alma – diz Platão – porque é incompatível com as ocupações da vida; durante o sono ninguém é útil, é-se nem mais nem menos como morto. Todo aquele que quer ter o corpo são e o espírito livre, conserva-se acordado o maior espaço de tempo possível, não dormindo mais que o preciso para a saúde, e pouco será preciso quando disto se tenha feito um bom hábito”. (As leis, 1. VII) – “A donzela acostuma-se a dormir um terço mais do que preciso para conservar perfeita a saúde, e o longo sono não serve senão para amolecer, para torná-la mais delicada, mais exposta ás revoltas do corpo, em quanto que um sono medíocre, acompanhado de um exercício regulado, faz uma pessoa alegre, vigorosa e robusta, o que, sem dúvida, constitui a verdadeira perfeição do corpo, sem falar das vantagens que vão para o espírito.” (Da educação das meninas, 1. VII)

Vede, senhoras, como as vantagens do corpo, da alma, do espírito e dos deveres da vida se acham aqui reunidas. Dormindo-se demasiado o corpo debilita-se em lugar de se fortificar, é este o parecer de todos os médicos; o espírito torna-se cada vez mais pesado, menos ativo, a alma é mais fraca para resistir ao corpo, e com isto sofrem as ocupações notavelmente, porque a maior parte do dia lhes é roubada, e porque uma espécie de sonolência geral pesa sobre o resto da vida, ainda mesmo quando parece ser consagrada ao cumprimento dos deveres.

O sábio também disse: - “Não ameis demasiado o sono: *Non diligere somnum.*” (Prov. XX,13) Não o ameis com o amor sensual e voluptuoso, que o constitui um dos fins principais da vida.

O mais terrível dos combates que o homem tem a travar, nem sempre é num campo de batalha, é o que temos de sustentar á cabeceira do nosso leito. Não nos abandonemos ali, porque ali está um dos nossos inimigos, mais difícil de vencer, pois o soldado, intrépido em presença das bocas de fogo e dos perigos da guerra, muitas vezes perdeu a coragem nos plainos do travesseiro. Tomai, pois, sábias e enérgicas precauções contra este inimigo implacável. Tende principalmente a firmeza de um caráter perfeitamente decidido a não vacilar, mas não desprezeis as duas recomendações seguintes:

Se a vossa refeição noturna for demasiada, resultará dela uma espécie de digestão de alimentos duros, difícil e laboriosa, mais ou menos febrilantes, e no dia seguinte quando quizerdes levantar-vos, parecerá que tendes o corpo chumbado ao leito; os menores movimentos vos incomodarão, e a preguiça chegando neste meio tempo, terá facilidade em provar-vos que devis a vossa saúde não atormentardes um corpo languido. “É forçoso evitar o comer demasiado – diz Clemente de Alexandria – com receio de que o peso das iguarias nos não incomode durante o sono, como fardo que pesasse sobre o nadador, no meio das ondas. A sobriedade dar-nos-á um despertar fácil.” (Pedag. 1. II, c.9)

Porque é que nas comunidades religiosas, se encontram tantas pessoas de perfeita saúde, dormindo perfeitamente? Porque comem pouco, e dali o dormirem bem. Não desprezeis, pois, o sentido das minhas palavras, nem o invertais: eu digo que dormem bem, e não que dormem muito. Ceiam levemente e gozam depois um sono, que muitos opulentos comprariam por elevadas somas. Tudo é sereno, tranqüilo e profundo no repouso da alma justa, e, para esta, o despertar é tão fresco, como o despontar da aurora, num formoso dia de primavera. “Vós não podeis avaliar – dizia-me um dia o padre Lacordaire – o bem estar que se goza, depois do curto sono das noites religiosas.”

A segunda precaução respeita à forma e matéria do leito. Não tenhais leitos demasiado flácidos, evitai estes apuros de inteligente voluptuosidade que tudo combinam para dormirem sobre rosas; tais hábitos são outras tantas cadeiras que vos prendem, com pesar vosso, e que exercem sobre os vossos órgãos um império quase irresistível; quando dais armas aos vossos inimigos não vos admireis de que sejam sempre, e facilmente, os vencedores.

O corpo acostuma-se a tudo, e os hábitos de sobriedade que se lhe fazem adquirir acabam por se converterem no nosso melhor médico, e médico o mais econômico, o mais hábil de todos. Não vos digo que vos deitei sobre uma tábua, como fazem certos religiosos, pois conheci um monge, que me fez um dia esta singular confissão: - “Eu não posso exprimir-vos – dizia ele – a ventura que se goza deitando-se a gente num estrado; isto é tão verdadeiro, que, quando vou pregar fora do meu convento, não posso dormir nos leitos comuns, e arranjo uma espécie de cama, que se aproxima tanto da minha quanto é possível.” – Apesar da íntima e profunda ventura da tábua, não vos convidarei a que a useis, porque receio pela presença e pelo número das minhas ouvintes. Dir-vos-ei somente: quanto mais simples e mais sóbrio de precauções sensuais for o vosso leito, tanto mais sãmente dormireis, tanto melhor será para o vosso corpo, e tanto menos, talvez, trareis a alma exposta.

Se eu vos não tivesse acostumado desde muitos anos, senhoras, a considerardes a religião como uma amiga, que não deve ser estranha a nada de quanto vos diz respeito, parecer-vos-ia, ao menos, espantoso, ver-me entrar em semelhantes minudências. O exemplo dos Padres da Igreja seria, em caso de necessidade, a minha segunda desculpa: - “É nocivo à saúde – diz Clemente de Alexandria – o dormir sobre uma flácida pena, onde o corpo, arrastado pelo peso, se mergulha inteiramente e se sepulta, por assim dizer. Num fofo leito, o calor que se levanta de cada lado do corpo dificulta a digestão, queima e corrompe os alimentos; os leitos firmes e completamente unidos, que são como o ginásio natural do sono, facilitam a digestão, tornam-na mais sã, menos incômoda, e dão-nos a força, a destreza, a agilidade de que carecemos para as ações do dia seguinte.” (Pedag.)

A estas precauções higiênicas ajuntarei dois conselhos para bem dormir: - “O sono é doce para o que trabalha, diz o Espírito Santo: *Dulcis est somnus operanti*. (Eclesiastic. V, 2.) Ocupai-vos durante o dia e evitai a ociosidade. Que o vosso corpo e a vossa alma tenham a atividade de operação que o próprio Criador determinou por leis que presidem à nossa constituição, e à qual a gente não escapa nunca sem grandes inconvenientes; trabalhai, cada um segundo a sua vocação, e, exceto em caso de doenças, dormireis regularmente, o vosso sono será doce, tranqüilo e profundo, porque a natureza terá necessidade de reparar as forças perdidas.

Tal é a lei da natureza – diz Galiano. (Citado por Corneille)

Mas a saciedade do rico não lhe permite dormir, ajunta o Espírito santo: *Saturitas divitis non sinit eum dormire*. Eu aplico especialmente, estas últimas palavras ao rico ocioso, ao rico que não sabe o que fazer, à mulher cujo tempo é empregado em colher e repetir notícias, e de que a maior ocupação consiste em dizer e fazer nada, em pensar quase unicamente na toilette e nas mil frivolidade da vida. A noite chega, e esta pobre alma está farta, está saturada de tudo, de tudo enfadada, não fazendo de noite mais do que passear o seu aborrecimento sobre o leito: *Saturitas divitis non sinit eum dormire*. Para ela verifica-se, em verdade, e em toda a sua extensão a palavra do trágico latino: - “O sono é a melhor parte da sua existência: *Pars humanae melior vitae* (Sêneca , Herc., acto IV.)

Dormir! É o que melhor pode fazer! Pouco é, mas ainda assim, é melhor do que aborrecer-se, ou deixar vegetar a alma nos lugares inferiores. Desgraçadamente o sono nem sempre vem, porque a natureza providente e vingadora fez dele o prêmio do trabalho. Se quereis que o vosso seja doce tende uma boa consciência: “*Custodi legem atque consilium; si dormieris, non timebis: quiesces, et suavis erit somnus tuus.*” (Prov. III, 24) A virtude a tudo é verdadeiramente útil; favorece todas as boas ações a até o sono. Quando a consciência não é pura, e o vento das paixões a agita com maior ou menor violência, o interior da alma torna-se semelhante a um revolto mar, a onda levanta-se, rugindo sobre a praia, e as noites ressentem-se de tal tempestade, são agitadas, produzem sucessivas insônias e o corpo e a alma contorcem-se num leito de agonias: *Nec per noctem mente requiescit*. (Eccl. II, 23). Por paixões entendo tudo quanto a agita e a faz sair do seu equilíbrio: não somente as grandes paixões que transformam o corpo e a alma, mas os pequenos abalos do coração e da inteligência, o amor-próprio, a vaidade, a inveja, os ódios, os azedumes, as irritações, os atritos contínuos da vida, pois todos estes cuidados, todas estas agitações tiram o sono, diz o Espírito Santo: *Cogitatio illius aufert somnum*. (Eccl. XXXI, 1).

É necessário que a alma do verdadeiro cristão se separe de todos os elementos terrestres; que a alma do justo tenha um filtro, aonde deposite em cada noite os restos do velho homem, deixando em seguida passar o coração, como água límpida, que só conserva a clareza e frescura. Então o inteiro ser humano está estabelecido na paz, e a ação benéfica do sono pode exercer-se em toda a liberdade, pois um sono cheio de saúde está reservado ao homem pacífico, segundo o sentido de outro texto da Bíblia. (Ibidem.) Os órgãos repousam facilmente, porque nada contraria a benéfica influencia da noite, e porque há uma como irrigação de saúde nos ossos: *Sanitas erit... et irrigatio ossium tuorum.*” (Prov. III)

É velho o uso de desejar dias felizes, senhoras; seja, pois permitido para conclusão deste entretenimento, desejar-vos boas e felizes noites; é um desejo que se pode manifestar sempre, mesmo de manhã. Possa a Providência poupar-vos as noites que o Profeta chama *noites laboriosas* (Job, VII, 3). Possa ela conceder-vos os sonos tranquilos e fortificantes que renovam a vida e nos dão o meio de fazer mais bem: *Quiesces, ei suavis erit somnus tuus*.

6ª- CONFERÊNCIA



*De nocte surrexit.
A mulher forte madruga.*

(Prov., XXXI, 15)

Senhoras.

O sono foi dado ao homem como sustento da vida, reparador das forças, e o melhor e o mais hábil dos médicos; uma só das suas receitas perfeitamente cumprida basta, algumas vezes, para a cura de graves moléstias, ou, pelo menos, para aplacar profundas dores. O sono é o banho salutar com que a vida se renova, em que todo o ser se rejuvenesce; é uma estação no deserto deste mundo; pois, muitas vezes, após enfadonhos e pesados dias, vem-se repousar neste oásis preparado pela divina Providência, reclamando-se, no dia seguinte, o caminho com vigor novo e nova coragem. O tempo do sono é, não somente útil ao corpo, senão também à alma; ele serena as agitações, derrama um bálsamo doce sobre as dores agudas e impede as precipitações de palavras e de fatos. Os antigos chamavam a noite boa conselheira, pois que até em seu favor aproveita as insônias preparadas pelas paixões, ou pelas enfermidades corporais: e na calma que em toda a parte operam as trevas, ela desperta no homem melhores sentimentos. Se ele é cristão fere-lhe as fibras da oração, e um único colóquio com Deus, um único olhar para o céu basta, algumas vezes, para abafar os maus e perigosos germes, e para preparar para o dia imediato um céu puro e sem nuvens. Outras vezes – diz Santo Ambrósio – há tanta serenidade e placidez no sono do justo, que é como um êxtase, no qual, em quanto que o corpo repousa, a alma está, por assim dizer, arrancada aos seus órgãos e unida ao Cristo: - *Somnus tranquillitatem menti invehens, placiditatem animae, ut tanquam soluto nexu corporis se ablevet. Et Christo adhaereat.* (Ep. XVI, nº 4).

O sono é ainda um excelente pregador, porque nos recorda a imagem da morte – diziam os antigos – e ambos são filhos da noite. A chegada quotidiana do sono deveria fazer-nos dizer: - Em breve o outro irmão virá, e desta vez estender-me-ei no meu leito para

não mais me levantar. Cada visita da noite deve ser um convite, a fim de me preparar para a última e solene partida.

O sono é pois excelente em si próprio; mas como até das melhores coisas se pode abusar; abusando-se dele, produzirá efeitos completamente contrários aos que acabo de enumerar, isto é, enfraquecerá o corpo, tornará pesadas as idéias, e, bem longe de refrescar e reparar a vida, preparar-lhe-á uma espécie de sepultura viva para a enterrar. — Depois de algumas considerações sobre este importante assunto indicamos as precauções físicas e morais, que é bom tomar para facilitar a benéfica ação da noite. Resta-nos agora desenvolver outras considerações, que serão o tema desta sexta conferência.

Não basta determinar a quantidade de sono que deve ser regulada com sabedoria, sem conceder nem tirar muito a natureza; é necessário calcular a qualidade do sono (Nota de rodapé: Os alemães têm um provérbio que diz: - Uma hora de sono antes da meia noite vale duas da manhã.). Ora, segundo as observações gerais, o sono da verdadeira noite à verdadeira manhã, isto é, o que se dorme no intervalo de nove a cinco ou seis horas, é o melhor, o mais salutar, o mais favorável à saúde. Não digo que seja necessariamente preciso dormir todo o tempo que acabo de indicar; é um espaço designado para a escolha das horas de sono.

Admitamos voluntariamente todas as exceções produzidas pelas conveniências transitórias; mas, em tese geral, vale mais deitar cedo e madrugar. É este o melhor tempo e o mais favorável para o banho noturno que se chama sono. O corpo descansa mais, e o repouso é mais conforme com as leis da natureza, é mais doce, mais leve, e, ao mesmo tempo, mais profundo, porque não tem o peso que é o indício duma situação anormal. O sono, muito prolongado pela manhã, porque é retardado à noite, tem gravíssimos inconvenientes. Comunica ao estado geral da saúde uma languidez doentia, que parece tornar-se a situação habitual de certos temperamentos, entre as quais a vida é uma espécie de perpétua convalescença, não chegando nunca a gozarem o mais precioso bem da natureza, uma saúde verdadeira e solidamente estabelecida.

Vede ao contrário as camponesas robustas da aldeia: de noite vão cedo pedir ao leito o repouso para os membros fatigados, de manhã levantam-se ao cantar da cotovia. No inverno, o fogo cintila de madrugada no lar doméstico; arranja-se a casa, a ordem do dia dispõe-se antecipadamente, o almoço dos trabalhadores está pronto a ir para a mesa, e, todavia, o sol ainda não repontou no horizonte.

No estio, as mesmas raparigas da aldeia acompanham o astro do dia na sua marcha matinal, e o peito dilata-se-lhes e fortifica-se-lhes, respirando o ar fresco e perfumado que o sol derrama nos seus raios, parecendo aspirarem à vida e a saúde. Mais tarde casam-se essas donzelas, fazem-se robustas mães de famílias, e, quando não cometam imprudências, podem, durante longos anos, continuar uma existência, completa por um fecundo trabalho e ornada, algumas vezes, de toda a frescura e de todos os encantos duma vigorosa velhice, pois o regime é um excelente médico que lhes confere o privilégio de longa vida.

Donde vem, ao contrário, a fraqueza do temperamento nas mulheres de elevada posição? De muitas causas, de que, uma das principais é o regime muito geralmente

adotado, sobretudo, nas grandes cidades. Gasta-se uma parte das noites em soirées que acabam por ser transformadas em longas manhãs; dorme-se uma parte do dia, e disto resulta uma atonia geral na constituição, um cansaço nos nervos, um entorpecimento nos órgãos e uma fraqueza habitual e perseverante. Certos temperamentos excepcionais poderão resistir; mas é incontestável aos olhos de todo o observador imparcial, que a perda da saúde, sobretudo nas mulheres, é decida, em grande parte, aos excessos que acabo de assinalar: “As longas vigílias de noite – diz um sábio – arrastam necessariamente fadigas, que influem no cérebro e sobre os aparelhos digestivos e respiratórios. Ora as fadigas desta natureza, bem longe de favorecerem o sono, tornam-no incompleto e penoso.

“Daqui uma grande parte do estado valetudinário que habitualmente se encontra nas mulheres das nossas cidades. As soirées e os bailes arruinam antecipadamente a saúde, e é, muitas vezes na própria mocidade, mas mais ainda nos avançados anos da velhice, que as loucas e funestas dissipações do mundo imprimem o seu triste e fatal selo.” (Desdonits, Lições da Natureza)

Estou prevendo a objeção: - Quereis condenar as soirées? Em primeiro lugar, senhoras, deveis notar, que se há ali alguma coisa a condenar, não sou eu quem condena: - são os fatos, é a natureza, é o temperamento do corpo humano. É verdade que a saúde de muitas mulheres de elevada posição está enfraquecida? – Ninguém ousaria negá-lo. É verdade que uma das causas principais é o modo como o mundo organizou, muitas vezes, as relações sociais? É um fato que a ciência demonstra todos os dias.

Estou longe de condenar as soirées; e talvez estejais lembradas de que nas nossas reuniões mensais dos anos passados, me apliquei a mostrar-vos que a religião é amiga dos prazeres honestos e das relações da sociedade, mas com a condição, porém, de que tudo seja regulado pela sabedoria, pela conveniência, e de que os interesses do corpo e da alma não sejam abandonados; pois é tal o respeito do cristianismo pelos nossos corpos, que até nisso pode haver o pecado do comprometimento da saúde por graves imprudências. Os alegres entretenimentos da noite têm toda a espécie de vantagens: animam o espírito, refrescam o corpo, aproximam os corações, fazem desaparecer as nuvens e estreitam os laços de família ou da amizade. Os prazeres são necessários ao homem, mas em certa dose; falo dos prazeres honestos e que a virtude pode admitir, e os que conservarem alguma dúvida a este respeito, podem consultar os escritos dos maiores teólogos da Igreja e especialmente São Tomás. Este grande doutor tem sobre este assunto uma clareza, uma precisão, e, ao mesmo tempo uma razão e uma sabedoria, simultaneamente cheia de condescendência e de reserva. A regra por ele estabelecida é que é necessário usar de tais espécies de prazeres com moderação, segundo o tempo, os lugares e a conveniência das pessoas com as quais se vive: *Moderate pro loco, et tempore, et congruentia eorum quibus convivit (temperatus)*. [Ethica, 1.III]

“Há muitas pessoas – diz Fenelon – que querem que se gema com tudo, e que continuamente nos incomodemos, excitando em nós o desgosto dos divertimentos aos quais estamos sujeitos. Quanto a mim, confesso que não poderia acomodar-me a esta rigidez. Gosto mais de alguma coisa mais simples, e creio que o próprio Deus também. Quando os divertimentos são inocentes e se entra neles pelas regras do estado em que a Providencia nos põe, então creio que é suficiente tomar parte neles com moderação, e à vista de Deus. Maneiras mais secas, mais reservadas, menos complacentes e abertas só serviriam para dar uma falsa idéia de piedade às pessoas da alta sociedade, que já se

preocupam muito contra ela, e que julgam não poder-se servir a Deus senão por uma vida sombria e incomoda.” (Manual de piedade. Conselho a uma pessoa da corte)

Nós quereríamos, pois, que as sociedades cristãs adotassem por máxima estas belas palavras de São Crisóstomo: - “Os cristãos têm o sentido dos prazeres delicados, mas a tudo deve presidir a decência: *Discant gentiles quod christiani deliciari sciunt, sed cum decoro.*” (Epist. Ad Rom.) É impossível fazerem-se mais concessões e mais razoáveis à natureza humana; mas por isso mesmo não é a religião autorizada a mostrar-se mais severa em tudo quanto excede os limites da sabedoria, da conveniência e da virtude, e mesmo por tudo quanto pode comprometer os interesses da saúde e da fortuna? Não seria possível, voltando ao nosso assunto, nas reuniões de família, combinar tudo para o bem geral e para a vigorosa saúde das gerações atuais? Salvo circunstâncias especiais em que se é obrigado a velar mais tempo, não seria possível dar menos extensão às soirées, tornando-as, assim, mais agradáveis e mais freqüentes, mais salutares e menos comprometedoras para a saúde? Eis o problema que proponho a resolução, e não é coisa singular que seja a religião que intervenha aqui para vos dizer: - Pensai nos interesses do vosso corpo, porque até se peca em os desprezar gravemente: *Hoc esset peccatum* – diz São Tomás. (Q. 141,art. 6)

Esse excesso das soirées vem-nos do paganismo; existia no tempo de Sêneca, e eis em que termos este filósofo o fustiga: - “Há-os que invertem o uso do dia e da noite... Também nada há tão triste e abatido, como o aspecto das pessoas que, por assim dizer, se consagraram à noite; têm a cor dos doentes, são pálidas, definhadas e vestem uma carne morta sobre o corpo vivo. E ainda aqui não está o maior mal: o sei próprio espírito é cercado de trevas, entorpecido, e habita as nuvens... Como não deplorar um excesso, que consiste em fugir da luz do dia para mergulhar a vida nas trevas.” (Epist. 1222)

Eu tenho-me perguntado algumas vezes: Se a religião impusesse metade dos sacrifícios que o mundo exige; se ordenasse que uma parte das noites fosse passada a fatigar o corpo e a alma o que se diria contra ela? Oh! Que anátemas! Que amargas censuras! Mas é o mundo que fala e ninguém diz nada: está-se encantado, ou pelo menos finge está-lo. São Francisco de Sales faz a este respeito algumas reflexões em que a fina ponta duma agradável malícia se mostra sob uma alta razão, e que com pesar deixaria de citar-vos: “Nós temos visto fidalgos e damas da elevada posição passarem a noite intera, e até várias noites seguidas a jogarem, e, todavia os mundanos não diziam palavra, e os amigos também se não davam a esse trabalho; mas pela meditação duma hora, ou por nos verem levantar um pouco mais cedo que o costume para nos prepararmos para a comunhão, todos correm ao médico, para que nos venha curar os humores hipocondríacos ou da icterícia. Passar-se-ão trinta noites a dançar sem uma queixa, e só por algumas horas na noite de Natal todos tosse e estão incomodados no dia seguinte.” (Vida devota, 4ª parte)

O salutar regime de deitar e levantar cedo é muito precioso para a alma, e as ocupações da vida são, deste modo, muito melhor cumpridas. A alma é mais serena a noite; é mais calma como tudo quanto é regular, como tudo quanto não é perturbação nem investido pelas mil preocupações de uma vida muito mundana.

À noite, antes de se adormecer, recolhe-se a gente, analisa o dia, censura-se, corrige-se e, como destro negociante, fazem-se as contas de ganhos e perdas. Não julgues, senhoras, que esta prática do exame noturno pertença aos espíritos tacanhos, pois é um

uso de razão e de sábia filosofia, como de resto o são todas as práticas de uma devoção esclarecida. Os pagãos poderiam, sobre este assunto, dar muitas lições aos cristãos. Ouvi Pitágoras: “Não permitais que o sono te cerre os olhos sem teres examinado todas as ações do dia. Em que falei? Que fiz? Que dever esqueci? Começa assim pela primeira das tuas ações e percorre-as a todas, e depois censura-te pelo que fizeste mal e regozija-te com o que fizeste bem.” (Versos dourados, 10-44)

“Que haverá mais belo – diz Sêneca- que o hábito de fazer sempre o inquérito de cada dia! Que sono o que sucede a esta revista das ações! Como é sereno, profundo e livre quando a alma recebeu a sua parte de elogio ou de censura, e quando, submetida ao seu próprio julgamento, ela organiza secretamente o processo do seu caminhar! Eu, tomei esta autoridade sobre mim próprio, e todos os dias me cito perante o tribunal da minha consciência. Tanto que a luz é retirada, analiso o meu dia, peso de novo os meus atos e as minhas palavras, nada me dissimulo, nada me desculpo” (Da cólera, 1. II, c.86)

Adquiri este santo hábito, senhoras, e em vós, tanto aproveitará a razão como a piedade, em uma doce serenidade se derramará em volta de vossa alma, e adormecereis numa paz inteiramente angélica: *Somnus sanitatis in homine*. (Eccl. XXXI). Já vistes necessariamente como dormem as crianças:- “Que calma! Que dulcíssima expressão! Que graciosidade de fisionomia! Que posição viva e silenciosa! Pois será assim a imagem do vosso sono.

Mas, - e nós tocamos aqui no ponto mais delicado, - resulta desta organização de vida, que deveis levantar-vos cedo! Eu estou já ouvindo um longo suspiro, um certo movimento de espanto que parte do vosso tremulo leito. Entendamo-nos, porém, primeiramente sobre a frase – levantar cedo. Não vos exortareis para que imiteis uma mulher delicadíssima, que dizia, durante a sua assistência em Vichy: - “Eu começo o meu dia às quatro horas da manhã, a fim de que o corpo o não arrebathe a alma” (Cartas de Mme. Swetchine) Não vos proponho este modelo, e tenho mesmo a certeza de que se abrisse um registro poucos membros encontraria para a irmandade de Madame Swetchine. Deixe-nos, pois, um pouco indeciso o valor da frase – levantar cedo; basta que seja o mais cedo possível, o que talvez seja sempre demasiado tarde. Uma vez determinada a hora do vosso levantamento matinal, conservai-a com tanto maior firmeza, quanto mais difícil de transpor é o passo, e quanto maior é a quantidade de fluido magnético que o desgraçado leito encerra, e pelo qual se é arrastado, não digo com pesar próprio, mas com uma doçura de violência que nos chumba ao poste.

Confesso que estamos aqui em face do mais terrível dos inimigos, que é o travesseiro; quando pela manhã o queremos deixar, usa de artificios linguagem de sereias, e acaricia-nos com terna precaução. Parece dizer-nos: - Porque me abandonas? Não estás bem aqui? Que doce temperatura! Que inapreciável bem estar! Não vês que ainda é muito cedo? Não sentes os membros fatigados ainda, porque não desancastes quando devias? Apalpa a fronte e verás que uma dor de cabeça poderia começar; alguns quartos de hora mais e ela será dissipada; amanhã te levantarás mais cedo. Demais, está tanto frio lá fora! Para que afrontar o rigor da estação? O dia é bastante longo; tens muito tempo para fazer face a tudo; não sejas realmente tão áspero contigo mesmo.

Depois duma linguagem tão eloqüente o querido travesseiro estende os seus dois braços para vos enlaçar e a vitória em breve é consumada. Verdade é que ela era fácil, pois

ninguém com ela é mais ditoso do que o vencido. E eis-vos de novo sepultadas por mais algumas horas!

Falo muito seriamente, senhoras, dizendo-vos que um dos inimigos mais difíceis de vencer, é o travesseiro pela manhã; há só um meio de triunfar dele, é um golpe pronto e decisivo, uma carga militar, um salto fora do leito. Carregai o inimigo com uma vigorosa saída e a vitória será vossa. – Um velho capuchino dizia que, depois de longos anos de religião, o que mais lhe custava ainda era o levantar-se às quatro horas da manhã. É verdade, senhoras, que há nisso um sacrifício, um sacrifício real e incontestável; mas, neste mundo, a vida é cheia de sacrifícios, e cada um deles é seguido dum sentimento de verdadeira ventura, e cada vitória dá ao homem uma força espantosa. Quando vejo uma pessoa que tem a coragem de se levantar cedo, formo logo uma altíssima idéia da firmeza do seu caráter e digo: - Esta pessoa saberá nas ocasiões críticas desenvolver uma energia extraordinária; a sua natureza retemperar-se-á, em cada manhã, na luta contra o travesseiro, combate este, que muitas vezes é mais difícil, sobretudo por causa da sua continuidade, que o do soldado no campo de batalha.

Além disso, senhoras, esperai tanto quanto quereis: a menos que não permaneçais deitadas até ao meio dia, tereis um sacrifício a fazer, deixando o leito. Às vezes quanto mais esperardes, tanto mais longo será o sacrifício e mais aumentado pela triste perspectiva dum levantamento próximo; mas com um minuto de decisão pronto e generoso, tudo se consegue, e o gozo da vida ativa é começado. As longas esperas no leito quando se está acordado também têm graves inconvenientes para a alma: amolecem o ser inteiro e mergulham-no numa espécie de devaneio mais ou menos sensual que pode conduzir à margem de certos abismos. Tende cuidado com isto: a borboleta ondeia caprichosa com as suas asas douradas, e, afinal vai queimar-se na luz que perfeitamente brilha para ela, imagem desses passeios aéreos, em que, a força da aproximação de certos alvares enganosos, se acaba por danificar as asas da alma, tirando-lhe, ao menos, o veludo da consciência pura. “É perigoso – diz Santo Ambrósio – que o sol venha perturbar com seus raios indiscretos, os sonhos de um espírito ocioso e oculto no seu leito” (In Ps., 118, s.19) O poeta italiano, diz, falando da manhã: - “Então o nosso espírito, mais estranho a carne e mais distante dos pensamentos terrestres, é quase divino nas suas vidas.” (Dante, Purgatório, c. IX) Em casa dia, após uma boa noite, podemos renovar na nossa alma as maravilhas de uma esplendida alvorada de primavera: tudo é fresco no espírito e no corpo, tudo é quente nas faculdades interiores; a vida experimenta uma espécie de necessidade de expansão; todos os pensamentos, todos os desejos parecem estremecer de alegria, como as plantas de um jardim celeste. Se o sol da oração se levanta no horizonte, os germens do bem despertam, desenvolvem-se e sobem ao passo que o calor divino se torna mais intenso: “O maná – diz o Profeta – desaparecia ao surgir à manhã: era para mostrardes a todos, ó meu Deus, que é preciso prevenirmos o aparecimento do sol, para recebermos as vossas preciosíssimas bênçãos.” (Sabedoria, XVI,28) Há uma coisa muito notável aos nossos livros santos, e é que a oração matinal é sempre especialmente mencionada: “Senhor – diz o Profeta – vós escutareis a minha oração da manhã.” (Ps. V, 4) “Pela manhã, apresentar-me-ei na Vossa presença e verei a Vossa glória.” (Ibidem, V.4) “De manhã a minha oração Vos surpreenderá.” (Idem, LXXXVII, 14). “É de manhã que a Vossa misericórdia se derrama sobre nós abundantemente.” (Idem, LXXXIX, 14) “Os que velam cedo – diz a Sabedoria – achar-se-ão.” (Prov., VIII, 17) O próprio Senhor se chama estrela esplendida, estrela da manhã: *Ego Stella splendida et matutina*. (Apoc, XXII, 16)

Eu não posso deixar de ver nestas contínuas repetições um pensamento fixo e perfeitamente detido: há entre as coisas relações naturais, estabelecidas pela divina Providência, e que ela gosta de conservar no mundo sobrenatural; de manhã é quando começa a vida sobre a terra, é quando tudo renasce, quando a solidão favorece os primeiros impulsos da vida que retoma o seu curso, quando o orvalho se deposita e dá um fresco alimento à planta. É também a ocasião mais deliciosa para o recolhimento da idéia, para a efusão do orvalho das almas. O céu está carregado de chuva quando a noite a condensou; o maná está em toda a parte, mas desaparece em breve, e enquanto que a indolência perde as forças do seu espírito e do seu corpo nas faixas do sono, a alma ativa faz a sua provisão de alimento celeste; dispôs o seu céu interior para todo o dia, dissipou-lhe antecipadamente as nuvens e como que fixou a serenidade di tempo até ao próximo sono.

Uma das horas mais preciosas e mais doces da vida é a da oração da manhã: eu não me refiro somente a oração vocal; quero, sobretudo, dizer a oração da união com Deus, o silêncio e o repouso da alma n'Ele; falo da abertura da bica da alma, que aspira um leite divino, que bebe a luz e o amor, que nada diz, e que se esconde no seio da mãe por excelência, da mãe que se chama Deus, e que tão poucos cristãos conhecem! *Os meum aperui et attraxi spiritum.* (Ps. CXVIII, 131)

Ah! Se conhecêsseis o dom de Deus que se apelida o amor da manhã! *Si scires donum Dei* (Joann. IV 10)! Há uma frescura, uma suavidade, uma energia, uma paz que vêm diretamente de Deus. Quando se está sobre as montanhas, no verão, às três horas da manhã, e os primeiros raios do sol aparecem, parece que nos chegam mais límpidos, pois não têm passado por outros peitos; é como a mais pura essência do astro, que entra em nós; o mesmo acontece com a união a Deus, na hora em que quase todos os homens dormem. Sobre as montanhas divinas, a alma tem as primícias dos favores celestes; enche-se de luz, de amor, de força, donde lhe resulta para todo o dia uma dulcíssima embriaguez, que, longe de enfraquecê-la, dá mais firmeza aos nossos pensamentos e às nossas ações, e derrama um perfume de alegria sobre todas as nossas obras. – Quando não houvessem outras razões para o levantar cedo eu vos diria: - Sacudi o vosso travesseiro, porque o Senhor vem visitar-vos com escolhidos favores; mas o menor desleixo será a prova da vossa indiferença, e forçareis o Senhor a ir mais longe procurar as almas mais dignas dos Seus benefícios. Não há pessoa que, em cada manhã, deixasse de levantar-se prontamente, se corresse a dizer-lhe: Vinde depressa, espera-vos um príncipe que chegou a vossa casa. – Colocai Deus no lugar do príncipe e tereis a verdade.

Finalmente, senhoras, e termino: - Se alguma coisa quereis fazer seriamente, madrugai. De manhã não se está alterado, está-se cercado de calma, de uma doce solidão, e com mais facilidade se dá expediente a todos os negócios e serviços. Podereis ocupar-vos no comércio, no arranjo da casa, na leitura, no trabalho intelectual se amais o estudo; depois de alguns anos será incalculável o resultado que colhereis assim.

Levantando-vos duas horas mais cedo em cada dia, no fim de quarenta anos tereis ganhado mais de vinte e nove mil horas, isto é, mais de sete anos, contando somente às doze horas do dia, em as quais se trabalha. Ora aumentar a vida em sete anos por quarenta, é enorme, e o que se pode fazer durante este tempo continuo, acaba por tornar-se incrível. “É preciso – diz Clemente de Alexandria – arrancarmos ao sono a maior

porção de vida possível.” (Pedag., I. II, c.9) O sono é um verdadeiro ladrão que nos rouba as maiores riquezas; é um ladrão que se não pode repelir completamente, mas ao qual se pode ganhar algum terreno, impedindo-o de invadir a verdadeira vida. – “Nós só vivemos metade do tempo da nossa existência – dizia Plínio, o Antigo-; a outra metade passa-se num estado semelhante à morte... não contando os anos da infância, em que ainda não há consciência das coisas, nem o tempo da velhice que só vive para sofrer.” (Idem, I. VII, c. 51) Tenhamos, pois, a coragem de subtrair todos os dias alguma coisa a este irmão da morte que assim divide em duas a nossa vida, reservando para si a melhor parte; demos a natureza o que lhe é necessário, mas não façamos nenhuma concessão à indolência.

O tempo mais favorável para se fazer este furto, são as primeiras horas da manhã. “A qualidade do tempo é diferente a essa hora – diz Madame Swetchine.” (Cartas, t. II)

Uma hora pela manhã vale duas da noite, porque o espírito está fresco, naturalmente mais recolhido, não tem ainda as forças gastas, nem está exausto pelas fadigas do dia. As horas da manhã parecem-se, para a agilidade do espírito e para as forças rejuvenescidas da alma, com a primeira hora do corcel que é atrelado a uma viatura. IO mesmo autor que nós gostamos de citar aconselhava a levantar cedo, “a fim de se reservarem, custasse o que custasse, algumas horas de inteira solidão pela manhã.” – “não era somente – continua uma das suas amigas- para consagrar a Deus as primeiras horas do dia que ela o começava tão cedo, era também para dispor de tempo em favor do estudo.

Ela disse-me um dia que o prazer que nisto sentia tinha aumentado com os anos: “É justamente, me disse ela, quando me aproximo desta mesa para continuar o trabalho, que o meu coração pulsa de alegria.” (Ibidem.) Ela própria confessava, “que quando não fazia assim o resto do dia estava em pilhagem.” (Idem, p. 126) se não quereis estar fora de horas, senhoras, madrugai; fareis então o que quereis, ninguém vos virá causar transtornos; consagrareis o que tendes de mais íntimo em vossas forças, aos deveres mais sérios e mais verdadeiros da vossa existência. E quando soar à hora da pilhagem, a hora em que é necessário dividir a vida em pequenos fragmentos para dispensá-las em mil nadas mais ou menos urgentes, vós tereis, ao menos posto em segurança o melhor e o mais precioso. Se vos levantardes tarde, tereis a vida em perpétua pilhagem, e pertencerá ao primeiro que vier arrancar-vos um fragmento. (Diário de Melle Eugénie de Guérin, p. 24)

Platão, e não deveis achar severa a moral dum pagão, Platão diz nalguma parte: - “É vergonhoso que a dona de casa se faça acordar pelos seus domésticos, não sendo a primeira a acordá-los.” (As leis, I. VII) Esta frase parecerá talvez uma exageração; entretanto, se as coisas pudessem passar-se assim não iria tudo melhor no interior da família? A mulher, dissemo-lo com o Espírito Santo, é o sol de sua casa, mas é o sol quem soa em toda a parte a hora do despertar da natureza. É o primeiro a repontar no horizonte e tudo se levanta logo no universo – a planta, o animal, o homem. O sol não se faz despertar pelos seus satélites, é ele próprio que dá o sinal. Seja assim a mulher forte: *Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei, sic mulieris bonae species in ornamentum domus ejus.* (Eccles., XXVI)

7ª- CONFERÊNCIA



*Dedit praedam domesticis suis, et cibaria ancillis suis.
Ela dividiu o trabalho e os alimentos pelos seus domésticos.*

(Prov., XXXI, 15)

Terminamos a questão, simultaneamente vulgar e importante, do sono. É ele um benefício da divina Providência, que nos foi concedido, em cada dia, para reparação das nossas forças, para renovoamento da vida, e para encher algumas vezes a fraqueza e a precipitação do homem a sábios conselhos. O sono é um ditame precioso, é um banho salutar ao corpo e a alma, é um prudente conselheiro e um predicador quotidiano, que nos recorda a nossa próxima e última partida. Mas, como as melhores coisas, o sono está sujeito a abusos, e, neste caso, produz efeitos contrários à intenção do Criador: - enfraquece, amortece, achata todas as faculdades, e torna-se um sepulcro vivo para a humanidade. Quando os abusos do sono se relacionam a qualidade, isto é, quando notavelmente se mudam as horas preparadas pela natureza, quando reciprocamente se faz da noite dia e do dia noite, isto é um meio seguro de arruinar o temperamento e de preparar para a velhice anos constantemente doentios e convalescenças perpétuas, que nunca terminam. As noitadas e as vigílias prolongadas têm morto mais mulheres que as exageradas mortificações, e se a religião importasse todos os sacrifícios que o mundo impõe aos seus cortesãos não haveria recriminações para ela.

Sob o ponto de vista da higiene física e moral, é melhor deitar cedo e levantar cedo também. Tudo lucra com isto, a saúde, os negócios, a facilidade e a excelência da oração. Mas forçoso é não o dissimular – a luta com o travesseiro, é uma das mais violentas pela sua doçura, e uma das mais terríveis que podem pôr em experiência a coragem do homem; e para quebrar, em cada manhã, as cadeias do leito, é necessário desenvolver uma grande energia. Este inimigo é tanto mais perigoso, quanto é mais acariciador; as suas violências são mais pérfidas, porque são rodeadas de tanta suavidade que, afinal, nos deixamos persuadir por elas, pois chegamos a acreditar que o nosso inimigo tem razão, e que no fim de tudo é uma crueldade deixarmo-nos martirizar assim.

Eu creio senhoras, que não dissimulei as dificuldades; mas pejejei pela minha causa, que é também a vossa, perante a vossa razão e a vossa razão e a vossa sabedoria, e julgo haver ganho neste tribunal. Entretanto se fazeis apelo em cassação, e desejais que a causa de novo seja evocada perante o tribunal da preguiça, e dais ouvidos aos seus numerosos advogados, tenho já a certeza de que a primeira sentença será reformada. Pois bem! Consinto em perder, mas com uma condição: - far-se-á inserir na sentença a explicação de que o processo havia sido ganho pela razão, mas que no supremo tribunal da indolência, a preguiça, rodeada dos seus advogados, fez cassar a primeira condenação.

A continuação do texto pode traduzir-se assim: - “A mulher forte dividiu o trabalho e o sustento pelos seus domésticos.”

Outrora quando as famílias e as sociedades eram profundamente cristãs, os domésticos, segundo a etimologia da palavra, faziam realmente parte da casa, pois doméstico vem do latim *domus*, que significa aquele termo. Outrora uma família formava um corpo onde os próprios domésticos tinham um lugar na organização da família; eram membros secundários, mas pertenciam realmente ao corpo. Deste modo, permaneciam perpetuamente na casa, e ali passavam a vida, e quando já não podiam trabalhar eram tratados com cuidado paternal, e, algumas vezes, filial, e mais tarde ao soar-lhes a derradeira hora caíam de vetustez, como o ramo que fenece sobre o tronco. Relações de benevolência e caridade cristã uniam os amos aos servos, e estes permaneciam no seu lugar de inferioridade, como devia ser, mas sentiam-se amados, amavam também, e, nenhum laço, embora formado de ouro maciço, valia o laço do amor. Santo Agostinho falava com efusão de uma velha ama, que cuidava da infância de sua mãe, e que até mesmo tinha levado às costas o pai de Santa Mônica, como as donzelas costumavam levar as criancinhas: - “*Sicut dorso grandiuscularum puellaram parvuli portari solent.* (Confissões, l. XI, c.8) Esta recordação – continua Santo Agostinho – a sua velhice e a excelência dos seus costumes, asseguravam-lhe, numa casa cristã, a veneração dos amos, que lhe haviam confiado seus filhos; mas o seu zelo correspondia à tamanha confiança, e possuía-se da necessidade de um santo rigor para corrigi-las, e, sempre, de uma admirável prudência para instruí-las.”

Hoje, senhoras, as coisas mudaram, e raríssimos são exemplos tais. Há, por sem dúvida, honrosa exceções, e ainda se encontram criados que adoram os amos, que em verdade fazem parte da família, que são os únicos filhos da casa. É-lhe fácil e doce o serviço, porque lhes é principalmente imposto pela afeição. Eles aturam os defeitos dos amos, e estes os deles, e tudo anda com a perfeição relativa que é, às vezes, muito imperfeita, mas que, afinal, é quase sempre o menor mal e o único bem possível nos negócios deste mundo. Sim, encontram-se ainda famílias cristãs, que entendem assim a domesticidade; mas certo é, infelizmente, que se tornam raríssimas, de dia para dia.

Hoje, graças ao espírito do orgulho, de independência e de irreligião espalhado por toda a parte, os bons criados são difíceis de encontrar, e igualmente os bons amos; e assim como dois focos, colocados em face um do outro, se aquecem mutuamente, pode dizer-se também que as más qualidades dos domésticos aumentam as dos amos, e vice-versa. Os criados têm pretensões exageradas, não podem sofrer a menor queixa, tudo os fere, e, por outro lado, os amos não mandam talvez com bastante cristandade. Assim, em toda a parte se ouve um concerto geral de queixumes e de recriminações; os amos

acusam os criados, os domésticos não poupam nada os amos, e certas casas convertem-se em ônibus, em que os criados entram para saírem imediatamente.

Disse-vos, algumas vezes, senhoras, que se tivesse de pregar a vossos maridos, poderia ajuntar uma espécie de contra-partida, que não seria o posto, mas o complemento das minhas instruções; mas dirigindo-me a vós, a minha palavra devia limitar-se aos vossos deveres.

Ajuntarei agora aqui, que se tivesse de pregar aos vossos domésticos, teria de dar-lhes numerosos conselhos, muito úteis à organização do interior de vossa casa; porém, como estão ausentes, é a vós que eu devo instruir, deixando na sombra tudo quanto diz respeito às obrigações dos vossos servos.

Parece-me que cumprireis muito bem os vossos deveres, com relação a eles se entrardes no espírito desta palavra: “Ela madruga e distribui o trabalho e o sustento pelos seus domésticos”. Vede o sol: reponta no horizonte, e derramando a sua luz, parece distribuir também o trabalho a cada criatura e, como recompensa, prepara de antemão todos os alimentos que devem sustentá-la. Não é ele quem, esclarecendo o mundo, convida o artista a entrar na oficina, o lavrador a voltar ao campo, o piloto a sair do porto? Não é ele quem prepara os gérmenes no seio da terra, quem os aquece e os conduz sucessivamente ao ponto de maturação, que espera com impaciência o homem de estado e o pobre do campo?

A mulher – diz a Bíblia – deve ser o sol de sua casa, e esclarecer e aquecer como o astro do dia. Ilumina a cada um o que deve fazer; reparte o trabalho, distribui-o em sábias proporções, e quando as coisas são assim reguladas desde amanhã, ela fiscaliza-lhes a execução.

Então tudo marcha admiravelmente, porque tudo é esclarecido pelo espírito de regularidade da dona de casa. O seu olhar, que tudo vigia, projeta a luz e esta luz é o mais forte e o mais insinuante de todos os conselheiros, como também o mentor, alternativamente mais doce e mais severo. Uma mulher que preside ao movimento do interior da sua casa não tem necessidade de falar; fala por ela a sua presença, e a simples convicção de que tem os olhos abertos, de que toma conta das menores coisas, faz com que tudo vá como sobre os rails de um caminho de ferro.

Vede, ao contrário, a casa em que a dona se levanta tarde, e dorme moralmente o resto do dia: tudo é entregue ao acaso, a desordem introduz-se nas cabeças e nos serviços, é uma confusão geral de idéias e de objetos, uma embrulhada que recorda os casos primitivos. A senhora dorme até tarde, os domésticos fazem quase outro tanto; a senhora sonha durante o dia, ocupa-se com a *toilette*, com danças e visitas, e a casa, entregue a si própria, torna-se o que pode; as crianças são quase abandonadas, e os serviços acumulam-se na mais bela desordem.

A mulher, sol da casa, não deve limitar-se a iluminar; deve aquecer, porque a luz deve partir do coração. Deveis, senhoras, vigiar os vossos criador, tomar-lhes contas dos passos, no interior e exterior, vigiá-los, sobretudo, nas suas relações com os vossos filhos, pois demasiadas vezes o espírito e o coração das crianças são perdidos pelos domésticos, e se fosse permitido revelar tudo quanto a história do coração humano ensina, sob este ponto de vista, dir-se-iam coisas espantosas!

Eu estava há vinte anos, encarregado da direção dum pequeno seminário, e recebi um dia a visita dum pai, profundamente indignado, que me dizia com amargura, que seu filho tinha sido corrompido na nossa casa. Eu sabia o contrário, mas nada podia dizer, e, como acontece muitas vezes, em iguais circunstâncias, tive de aceitar o silêncio uma censura imerecida. Algum tempo depois foi-me permitido falar, e facilmente demonstrei ao pai, que fora na sua própria casa que seu filho havia sido perdido pelas relações dum doméstico.

Vigiai, pois, os vossos filhos, vigiando os vossos criados. Vigiai as saídas, os passos, as entradas e as relações; vigiai-lhes as palavras e as ações. Mas peço que o façais com bondade, peço que a luz da vossa vigilância tenha o calor de uma afeição completamente cristã. Amai os vossos domésticos, lembrai-vos que pertencem, como nós, à natureza humana, que eles são as imagens de Deus, e que têm sido resgatados pelo sangue de Jesus Cristo. Falai-lhes com a maior bondade possível; se vos escaparem alguns movimentos de vivacidade, sabeis encontrar a ocasião de repará-los por uma sincera benevolência. Que a vossa vigilância não seja inquieta nem suspeitosa; não andeis sempre a espionar-lhes os passos; muitas vezes fazemos os homens bons, julgando-os bons, e tornamo-los maus, crendo-os maus, ou, pelo menos, ferimos-lhes o coração, e algumas vezes para sempre.

Evitai o que sente o mau humor, a teima, o capricho. – Hoje, a senhora está agradável, e tudo irá bem; os domésticos poderão ter a sua folgança, e cometerem loucuras impunemente. No dia seguinte a lua está no quarto minguante: ai dos habitantes da casa! Ai dos criados! O café da senhora está muito frio, e, entretanto, tem a temperatura habitual; a sopa está demasiado salgada, e, todavia, levou a dose ordinária nos temperos. O quarto está cheio de fumo, é o criado que tem a culpa, e, contudo o desgraçado nem fez o vento nem a chaminé! Daqui uma algazarra de fazer medo: a voz, ou antes, os gritos da senhora retumbam desde a adega à água-furtada, do pátio às casas vizinhas.

Nada desconsidera tanto a autoridade, como semelhante procedimento; os criados cansam-se, esgotam-se, perdem todo o sentimento de confiança e de afeição, porque vêem que não há nenhum respeito por eles, que os tratam como seres inferiores e sem consideração pelas suas pessoas; nos dias mesmo em que o capricho não domina, não são recompensados senão por modos de arrogância e de silenciosa altivez.

Há, sem dúvida, senhoras, um justo meio termo a guardar: vários domésticos não são razoáveis, abusam da bondade que se lhes testemunha, são, ou podem ser indiscretos e exigentes, querem amos sem defeitos, e são completamente cegos para os seus desvios. – “Tratai-os como próximos – dizia um filósofo da antiguidade – serão desobedientes; conservai-os afastados, criarão ódios e ressentimentos.” (*Confúcio, Entret. Philos.*, c. XVII.) É certo que o meio termo da sabedoria é difícil de apanhar, mas esta dificuldade existe em todas as coisas deste mundo, e apesar dos seus embaraços é necessário resolvê-las. O coração duma mulher cristã parece-me maravilhosamente próprio para esta obra de conciliação: ela saberá conservar a sua autoridade e desenvolver na precisa ocasião uma sábia firmeza recordando as palavras de Fenelon: - “Quanto menos razoável são as pessoas, mais necessário é que o temor as retenha.” (*Da educação das donzelas*, c. XII)

A mulher forte saberá, pois, fazer frente a certos espíritos difíceis, pretensiosos e ridículos nas suas exigências; ela os conduzirá ao seu lugar, quando a sabedoria o

requeira. Mas, no procedimento ordinário, deverá lembrar-se sempre que manda a irmãos em Jesus Cristo, que o amor e a doçura são as melhores e mais cristãs vias de persuasão, e que a severidade deve ser reservada para as circunstâncias em que a razão e a caridade sejam meios insuficientes.

Fenelon diz ainda que, em certas casas se olham os domésticos “quase como cavalos, de diferente natureza, e que se supõe que são feitos para a comodidade dos amos.” (Da educação das donzelas, c. XII)

Nada há mais oposto aos sentimentos da fé e da razão: os criados são irmãos que deveis amar e tratar como tais; devem-vos o seu serviço e a sua fidelidade; se faltarem a eles, chamai-os prudentemente aos seus deveres, mas tanto quanto possível com uma caridosa compaixão, com uma firmeza que não exclua a afeição. Uma única palavra doce e filha do coração bastará para dissipar as nuvens, para fazer desaparecer numerosas prevenções, para vos preparar sólidas e profundas amizades no coração dos vossos domésticos. E não valerá isto mais do que as relações forçadas, do que os laços frios e guindados, que gelam o coração e envenenam a vida muito mais do que se acredita?

A própria fábula o prova: a amizade da formiga nem sempre é para ser desdenhada.

"A mulher forte divide o trabalho e os alimentos pelos seus domésticos." O Espírito Santo não despreza uma minudência, porque tudo é importante na vida. Que os vossos criados trabalhem é bom, mas não lhes mercadejeis o sustento nem os cuidados. Tratai-os um pouco como filhos da casa: com isto interessa não só a caridade, mas ganhará também em aumento quanto é vosso. Não calculeis com mão quase avara o que diz respeito ao bem estar à doçura da sorte deles. Ganhareis por um lado e que perdereis por outro. Além disto, uma pouca de afeição verdadeira num coração dedicado não vale mais do que uma moeda de ouro?

Não é somente o alimento e os cuidados materiais que é preciso assegurar aos vossos criados. Como eu gosto de ver a mulher cristã alargar o seu coração maternal e reservar nele um lugar não só para os seus filhos, senão também para todas as pessoas da sua casa! Sim, é necessário que ela note uma afeição maternal a todos, e que o mais ínfimo compreenda que tem um quinhão no calor da alma e no foco do coração dela. Assim realizará a comparação que sempre me apraz repetir, porque será admiravelmente verdadeira no seu esplendor e na sua simplicidade, e porque ao passo que for examinada se lhe descobrirão novos aspectos: então a mulher forte será o sol de sua casa: *Sicut sol oriens*.

O astro do dia derrama a sua luz nas nuvens, nas montanhas e nos palácios dourados, mas não despreza a florzinha do vale, e a menor folhinha do vale, e a menor folhinha de relva participa da sua luz cheia de calor; sobre ela não é tão abundante, como sobre os carvalhos da montanha, mas é sempre a mesma luz, e o pouco que recebe basta-lhe à vida e à felicidade. Assim a mulher forte derrama as suas afeições íntimas sobre a família e os verdadeiros amigos, mas deixa uma reserva na alma para os domésticos; dá-lhes menos que a seu marido e a seus filhos, mas, todavia, dá-lhes alguma coisa da mesma fonte, o que para os criados tem, muitas vezes, o mesmo sabor.

Após a distribuição de trabalho, de cuidados e afetos, não julgueis deixar de encontrar defeitos em vossos criados. A estes diria eu: - Sofrei os defeitos de vossos amos e amas; os melhores tê-los-ão, e para vós, a verdadeira maneira de lhes atenuar o efeito é responder-lhes com a paciência e com uma imóvel docilidade; doçura e paciência fazem mais do que a cólera e reação violenta, e a lâ é a substância que melhor suspende o movimento impetuoso da baça do canhão.

A vós, senhoras, digo somente: - Sofrei os defeitos dos vossos domésticos, porque nunca fundarão.

Com estas duas seguranças, com a certeza da paciência do lado dos criados e do lado dos amos, chegar-se-ia a organizar perfeitamente o interior das famílias. Se a correia da paciência faltasse daqui, sobraria dali, e isto é o belo ensino do cristianismo: em toda a parte aonde há relação entre os homens ele estabelece deveres recíprocos, e dum modo tão firme e de tal modo solidário, que se um faltar o outro deve ser mais forte para resistir. Assim, ele prega ao marido o amor e o respeito, à mulher, o respeito e a submissão; aos amos a bondade, aos servos a deferência e a paciência, mas de tal modo, que se os primeiros forem infiéis aos seus deveres, a fidelidade dos segundos deve aumentar. A natureza tem evidentemente outra linguagem.

Quando o nosso próximo falta às suas obrigações, nós julgamo-nos completamente livres das nossas, mas este espírito de livre-troca, produz maus processos, e não é, talvez, uma das menores causas das nossas perturbações de família e de sociedade. Há defeitos que, segundo a nota de Fenelon, estão arraigados até a medula dos ossos... Neste caso – diz o arcebispo de Cambrai – se quereis corrigi-los no vosso doméstico, não é a ele que pertence a responsabilidade de fazê-lo, é a vós que pertence a de empreenderdes a sua correção. (Cartas espirituais, 193).

Quando tendes um cavalo que é zanaga e desejais que ele veja de ambos os olhos, vós é que vos tornais completamente cegos. Ah! Minhas senhoras, neste mundo todos nós somos um pouco zanagas e, portanto devemos aturar-nos uns aos outros – Tendes um doméstico que não possui o juízo desejado: porque o empregais em serviços delicados? Comete uma loucura, mas só vós sois a principal causa. Tendes outro que não vê um palmo adiante do nariz; não podereis querer-lhe mal, porque tem a vista curta. Zangais-vos porque não vê à distância dum quilômetro, mas vós, afinal é que desarrazoais. Um terceiro é coxo, e quereis que ande direito, e não vedes que exigis o impossível?

Eu quero dizer que a pobre natureza é cheia de enfermidades morais, e que, uma vez determinadas certas moléstias, no próximo, é preciso levá-las em conta, e não pedir a reforma do que se não pode corrigir. Soframos os defeitos uns aos outros – dizia São Paulo – é a regra da verdadeira sabedoria, da paz e da felicidade doméstica: *Alter alterius onera portate*. (Galat., VI, 2).

Mas, direis vós, há uma má cabeça, e eu não posso aturá-la. Muito bem, mas as más cabeças encontram-se por toda a parte, ao menos nas ocasiões das luas; vós próprias não tendes às vezes acessos de febre cerebral? Sede, pois indulgentes para os outros. Além disto, sede menos difíceis em criados, para que não acabeis por deixar de encontrá-los. Desconfiai muitas vezes do *melhor*, porque muitas vezes é inimigo do *bem*. Tendes uma criada que –dizeis – está sujeita às influencias da lua: como a rainha da noite, tem as suas pontas, ora para um lado, ora para outro. Quereis mudá-la; muito bem! Fazei-o:

tomareis talvez outra que em vez de duas terá quatro pontas. A diferença é que estarão doutro lado, em lugar da direita, na esquerda: *Et orta sunt quator cornua*. (Daniel, VIII.)

Se tínheis uma criada esquisita. Tereis uma violenta; se tínheis uma razoável fareis a conquista doutra que será má: escolhei. O melhor, crede-me, é viver com o seu mal, uma vez que ele se não torne muito forte. O mundo, e tudo quanto encerra, é tudo uma grande miséria; tomai o vosso partido, que os murmúrios e as mudanças de pessoas nada farão.

Embora! – direis ainda. – Falais para os que têm em casa um pessoal considerável, que o meu é muito modesto; uma criada de sala, e quando muito uma cozinheira. Neste caso se me permitis, vou procurar outro lar, cujo pessoal seja muito numeroso e difícil de governar. Os doutores da Igreja ensinam que alma humana, com a sua organização é uma casa completa: nada lhe falta nem mesmo os porteiros. Ali há a inteligência, a alma propriamente dita, a imaginação e os sentidos. A inteligência é como o esposo – diz Santo Agostinho – (De Cen. Cont. Man., 1. II, nº 15); a alma propriamente dita é a mulher. Ajuntarei que a imaginação, com os seus numerosos caprichos representa um pessoal de domésticos tumultuosos, e que os cinco sentidos são como cinco porteiros, dos portões da rua. Fazer ouvir este pequeno mundo pô-lo em harmonia não é coisa fácil! Quando a inteligência quer uma coisa, o coração quer outra; são marido e mulher, muitas vezes prestes a baterem-se. Depois, a imaginação, com os seus mil fantasmas, com os seus ruídos fantásticos, com a sua algazarra de dia e de noite: julgais que o vosso lar não está em condições excelentes para excitar-vos a paciência? E os porteiros, os olhos, os ouvidos, esta espécie de batalhões azafamados, que fazem mais barulho que o resto, não, não contando os nervos! Que interior? Que confusão! Que Babel! – Repito mais uma vez o texto da Bíblia: - Madrugai para dardes trabalho e alimento aos vossos criados, pondo-os em ordem logo de manhã. Desanuviaí a vossa imaginação, para o que será talvez preciso mais tempo e cuidado do que para pentear uma cabeleira desgrenhada! Vede como as vossas idéias vão aos quatro ventos, como a imaginação canta e se torna impertinente, como raciocina, como tropeja, como é absurda! A inteligência quer submetê-la á razão, mas é inútil! São fadigas perdidas! Porque ela grita mais alto, e enfurece-se com mais violência e continuidade. Faz tanta algazarra, que se diria, segundo a nota de São Gregório, a voz múltipla de várias criadas, cujas línguas fossem perfeitamente afiadas: *Cogitationum se clamor, velut garrula ancillarum turba, multiplicat* (Moral, 1. I, c. XXX)

Eis um belo serviço a ordenar cada manhã!

Queixais-vos de não terdes ocupação e eu acabo de achá-la. Fazei a paz nessa algazarra, lançai a harmonia nessa confusão, mas procedei de tal modo que essa harmonia não seja essencialmente perturbada até a noite, e eu vos darei um privilégio, um certificado de excelente dona de casa. Outrora não se fazia todo esse barulho na pobre cabeça humana, e por quê? Porque ela estava submetida a Deus, e neste caso, todas as potências do homem, o espírito, o coração, à vontade, a imaginação, os sentidos, tudo era submetido ao chefe da casa; porque este próprio chefe obedecia a Deus. Desde a primitiva revolta, que tudo foi transtornado no homem, e a nossa pobre natureza converteu-se numa como casa, onde muitas vezes se batem, marido, mulher e domésticos, isto é, o espírito, o coração e a imaginação. Há um meio muito simples de restabelecer a paz, não completa, mas a mais tolerável neste mundo: trazei Deus para casa, fazei-O chefe, ordenador, e presidindo a tudo, e em breve tudo entrará em ordem. Eu não conheço nada mais

próprio para pacificar uma casa, para pô-la em calma, do que, sobretudo pela manhã, um olhar ao céu, como um pensamento de amor que se dirige ao alto e nos traz, descendo, a paz do Senhor. Pela manhã, quando a cabeça está doente, deponde-a aos pés da cruz; quando o coração sofre colocai-o sobre o coração de Nosso Senhor; quando a imaginação tem febre acalmai-a com uma gota de sangue de Jesus Cristo; quando o ser inteiro está em ebulição, dai-lhe um pouco de refrigério, pedindo a Deus que deixe cair sobre vós o orvalho do Céu!

Sedes fiéis a estas recomendações, senhoras, e podereis, por mais longo que seja o dia, repousar á sombra da vossa vinha e da vossa figueira, isto é, podereis gozar da intima ventura que Deus prometeu aos Seus eleitos, e que é uma das mais doces recompensas da virtude: *Et sedit unusquisque sub vite sua, et ficulnea sua, et non erat qui eos terreret* (Mach. XIV, 12)

8ª CONFERÊNCIA



*Consideravit agrum, et emit eum:
de fructu manuum suarum plantavit vineam.*

*Analizou um campo e comprou-o;
e plantou a vinha com o fruto do seu trabalho.*

(Prov., XXXI, 16)

“A mulher forte madruga, e distribui o alimento e o trabalho aos seus domésticos”. A vigilância dos criados é uma das suas principais ocupações, e para que tal vigilância seja séria a ativa, entrega-se a ela logo pela manhã; é a primeira, ou, pelo menos, uma das primeiras a levantar-se em casa, porque o seu exemplo é a melhor das predicas e o mais eficaz conselheiro.

Semelhante ao sol, ela anuncia o recomeço do trabalho no interior da sua casa, ilumina tudo com a sua presença, aquece os caracteres mais indiferentes, excita as naturezas mais apáticas, e nada pode subtrair-se a sua salutar influência: *Nec est qui se abscondat a calore ejus.* (Ps., XVIII,7)

Esta vigilância aos criados deve ser cheia de razão, de sabedoria e verdadeira afeição, pois a mulher forte deve lembrar-se que os seus domésticos pertencem a natureza humana, que são nossos irmãos em Jesus Cristo, e que têm direito a ser tratados com o respeito que reclama a sua qualidade de homens e de cristãos.

Ela faz de toda a sua casa uma verdadeira família, cujos membros estão situados em diversos graus da escala, mas onde todos participam da vida comum. Cada um tem o seu lugar, e é esta variedade na hierarquia, que produz a ordem e a beleza. Mas do mesmo modo que em um jardim todas as plantas, respirando o mesmo sol e o mesmo ar, têm, todavia uma parte diferente nos benefícios da natureza, assim no jardim da família, cada um tem o seu quinhão, maior ou menor, de orvalho e de calor: primeiramente as árvores vetustas, depois os arbustos, e em seguida as florinhas que crescem a seus pés. Dando depois um outro sentido às palavras do nosso texto, dissemos, seguindo um pensamento familiar dos Santos Padres, que a alma, com a inteligência, o coração, a imaginação, os sentidos e os nervos, representavam o completo interior de uma casa, aonde cada faculdade exercia o papel de pai, de mãe, de filhos, de domésticos e porteiros, e que não era pequena a dificuldade de saber conservar em paz todos estes numerosos membros da mesma família, que se chama o eu humano.

Explicamos hoje este versículo: *Analisou um campo e comprou-o, e plantou a vinha com o fruto do seu trabalho.*

A Bíblia mostrou-se primeiramente a mulher forte exercendo a sua atividade no interior do lar. Ela faz a alegria e a consolação de seu marido; para ele, o coração dela é uma fonte de perenes bens e um tesouro de paz e confiança. Prepara a lã e o linho; fiscaliza os serviços que se executam em casa; madruga, porque, ainda a natureza dorme e ela já distribuiu o trabalho e o alimentou aos seus domésticos.

O Espírito Santo vai, contudo, descrever a atividade da mulher forte nas suas relações com o exterior: - Analisou um campo e comprou-o; e plantou a vinha com o fruto do seu trabalho. O trigo e o vinho são os dois grandes recursos da vida humana: entre os produtos da terra, nenhuma, cujo uso seja tão universal e tão indispensável, e a Sagrada Escritura os emprega de preferência para designar todas as riquezas agrícolas. Aqui a mulher deve subordinar as suas vontades às de seu marido: pode atuar por insinuações, conselhos e súplicas, mas as últimas decisões devem partir do chefe da casa. Assim suporemos sempre, no que temos a dizer, que ela vai de harmonia com seu marido, e que tudo se decidiu em comum acordo.

Ela analisou um campo. – Com efeito, deve ter os olhos abertos sobre tudo quanto respeita á prosperidade de sua casa. Analisou, consideravit. Realmente nada deve fazer de leve, mas analisar tudo com seriedade, pois há propriedades cuja aquisição é onerosa, e outras que são um atrativo e uma riqueza. Nada deve comprar, não tendo com que pagar; pois não é um dos grandes cancores da nossa época o gastar mais do que se há em

rendimentos? Mal aparece um canto de terra á venda lança-se-lhe logo um olhar cobiçoso; a bolsa está vazia, não importa; compra-se, o futuro pagará.

Esta ambição que se encontra em pequenas e grandes doses, segundo as posições, é, na atualidade, uma das principais causas de sofrimento. Nos negócios, no comércio, na agricultura, fazem-se, muitas vezes, despesas e especulações completamente incalculáveis, e por isso mesmo a riqueza de muitos é artificial, e uma como que brilhante frontaria a esconder ruínas; e para uma grande parte de proprietários e negociantes, a vida é passada no meio de torturas análogas ás de um desgraçado, que fosse condenado a encerrar todos os membros num vestido estreitíssimo. Este vestido é a imagem destas fortunas relativamente mediocres, onde, todavia, se agitam, em todo o sentido, desejos imoderados. Tudo é falso em situações destas; tudo assenta no vácuo e na mentira; tudo prepara uma ruína desastrosa. Que a mulher forte ponha, pois, os seus olhos neste perigo; que desconfie de tudo quanto brilha muito e muito promete; que ela compre campos e plante vinhas, mas depois de bem ter analisado todas as coisas, depois de ter considerado o estado das propriedades, e, sobretudo, o estado da sua bolsa: *Consideravit agrum et emit eum*. Quanto não é melhor para a felicidade e para a paz das famílias, o ter uma fortuna medíocre com o contentamento do coração, e a segurança do futuro! A felicidade não está nas coisas exteriores; é antes a maneira por que sabemos gozá-la, o que nos torna mais ou menos felizes. Tal indivíduo tem mais ventura com o seu pão de cada dia do que o rico, cuja vida é uma ansiedade contínua, e uma febre que o não deixa, nem mesmo durante o seu sono agitado.

O texto da Escritura que acabamos de comentar mostra-nos que os pais e a mães de família podem e devem ocupar-se de um sábio melhoramento na sua fortuna, e cuidarem do futuro de seus filhos; é uma séria obrigação que lhes impõem a religião, o bom senso e o amor paternal. Devem por meios honestos e lícitos, por uma sábia providência trabalhar todos os dias em fazer economias, em aumentar o seu patrimônio, em preparar uma posição conveniente para a sua família. Obrar de outro modo seria esquecer leis sacratíssimas, e imitar o procedimento dos pais desnaturados, que só têm como regra o egoísmo e a prodigalidade: tudo lhes vai bem, com tanto que gozem em plena liberdade, e que nada lhes cause uma pequenina preocupação. A religião não se contenta com sancionar os preceitos da ordem natural: dá, sobretudo, regras para se observarem com sabedoria e conveniência. Ela ordena ao pai e a mãe a vigilância sobre o melhoramento da sua fortuna, com a condição, todavia, de que os pobres não serão esquecidos; e o que se arranca a uma sórdida economia para se derramar no seio dos pobres, produz, muitas vezes, em felicidade e em bênçãos, mesmo temporais, o que nunca produzirão cálculos habilíssimos. A religião permite o aumento do capital e das rendas, mas sob a condição de que jamais se faltará às leis da honra e da probidade, de que não se imaginarão fraudes perfeitamente coloridas, sutilezas humanas que merecem um nome que não ousou pronunciar aqui, precauções engenhosamente péfidas, que se tornam para o pobre próximo, como laços ocultos entre o mato, para o inocente animal do prado. Não; a religião reprovará sempre as fortunas adquiridas deste mundo. São marcadas com o selo da injustiça e da iniquidade; têm nos flancos o cunho indelével de uma espécie de pecado original, e demasiadas vezes a desgraça de certas famílias, as suas rivalidades, as disputas, não têm outra causa na ordem providencial. Houve uma semente má no princípio, que produziu um joio oculto, que envenenará sempre o campo da família.

Eu gosto muito dos provérbios, porque são ordinariamente os resultados de uma longa e profunda experiência, e uma como moeda da sabedoria das nações; e neste momento lembra-me um que tem aplicação ao meu assunto: - “O bem mal adquirido nunca aproveita”. Nunca aproveita apesar de tudo indicar exteriormente o contrário; nunca aproveita, porque, muitas vezes, os acontecimentos da vida, que são os mensageiros de Deus, aniquilam fortunas mal ganhas, do mesmo modo que o transeunte pode aniquilar um edifício de vidro; nunca aproveita, porque supondo mesmo uma prosperidade contínua e sempre crescente, a justiça de Deus encontra o meio de tornar desgraçados esses proprietários, entre todas as causas de gozos exteriores, e porque, por um poder de metamorfose desconhecida, tudo quanto devia ser-lhes motivo de alegria, lhes derrama ao contrário o gosto de absinto. Há doenças em que o melhor vinho parece mais amargo que o vinagre, e, do mesmo modo há também doenças morais, desgostos inexplicáveis cuja causa é desconhecida. É a justiça de Deus que os inflige em certas posições, e então a qualidade dos objetos e a sua ação sobre a alma parecem mudar de natureza, transformando-se as rosas em espinhos e os melhores licores em bebidas cheias de amargura.

Numa das nossas próximas conferências volveremos a este assunto mais minuciosamente.

A mulher forte plantou uma vinha com o fruto do seu trabalho. Eu não quero, ligar-vos a cauda de uma charrua nem fazer-vos cavar vinhas; mas se tendes alguma propriedade no campo, ou a possui algumas das vossas amigas, aconselho-vos a ir lá, ao menos, de quando em quando, respirar o ar fresco e puro, o qual dá saúde e sabedoria. A assistência no campo tem vantagens inapreciáveis: descansa a vida; acalma a cabeça e a imaginação; rompe o enfado desta existência artificial, que, muitas vezes, se leva nas cidades, e restitui-nos a nós próprios, e a tranqüilidade do nosso lar. Além disto, há não sei que ensino prático a aproveitar através dos campos. *A sabedoria de Deus prega ali exteriormente*, como dizem os santos livros. Cada criatura nos ensina a seu modo: - a formiga, a ave, as flores. Uma espécie de parentesco de espírito e afeição verdadeira se estabelece entre nós e os objetos que nos rodeiam; em toda a parte a ordem, a sabedoria, a vida, e a tranqüila felicidade, e faz-se uma cintilação de todos estes preciosos dons, até nos recessos mais íntimos de nosso ser.

Sim, minhas senhoras, ide ao campo algumas vezes; se gozais a paz e a confiança da alma justa, a vista da natureza aumentará esse bem estar moral, porque a criação é um espelho que reflete uma parte das grandezas e belezas da essência divina, ao mesmo tempo que, pelo seu silêncio, é uma imagem da eterna paz de Deus.

Se não plantais a vinha, ide vê-la plantar. Examinareis como se cava o solo, como se mergulha a estaca, como se lhe deita depois a terra. Vereis como a cepa rebenta, vereis confirmado o mal que pode causar-lhe a geada, e a rica abundância que preparam as forças combinadas da chuva, da luz e do calor. Fareis em seguida um giro sobre vós mesmas e dir-vos-eis: - Minha alma é a terra do Pai celeste, e eu devo também plantar nela todos os dias uma vinha de excelente natureza, mergulhando-a sob o solo, isto é, nas regiões mais profundas do coração, cobrindo-a com as precauções da sabedoria cristã, preservando-a do frio, e tendo-a sempre exposta aos raios do sol ou á benéfica ação do orvalho do céu. Ide também visitar os vossos campos, e quando os verdes alourar, perguntai-vos: - Quando é que os frutos da minha alma estarão maduros para a colheita? Ó meu Deus, fazei com que eu me converta em um puro fermento, a fim de me transformar em vós: *Fruentum Christi*. (Igna. Anthioc., ad Romano, c.4)

Estou a ouvir-vos dizer-me que não tendes campo, nem as vossas amigas. Tendes talvez um jardim, ou, pelo menos, um canteirinho; pois eu tenho absoluta necessidade de encontrar, na vossa vida, alguma aplicação das palavras da Escritura, que comento nesta ocasião. Se não plantais a vinha, semeai flores. Ainda mesmo que devêsseis semelhantes a certos prisioneiros, dar-lhes asilo na vossa janela, pedi pá de terra e semeai flores. Uma flor tem alguma coisa de vivo, de fresco e gracioso, que faz companhia, e nos fala uma linguagem divina. Uma flor! Uma flor é a imagem de um pensamento de Deus, como um verso é a imagem de uma idéia do poeta. Uma flor parece olhar-nos e o seu olhar é o desabrochamento da sua corola. Uma flor tem vida, e uma vida graciosamente expressa, uma vida que é símbolo da candura, da inocência e da modéstia. Quando uma flor se agita aos primeiros raios do sol, é uma suave lição, que podemos aproveitar; ela indica-nos um outro sol, cuja luz nos aquece o coração; quando se apraz crescer entre as urzes, ensina-nos a humildade e a vida oculta; quando nos olha e parece suplicar-nos que a reguemos a fim de reparar a vida quase extinta, ensina-nos a solicitar também o verdadeiro orvalho das almas. Enfim quando pende e morre, faz-nos sinal, e recorda-nos que a nossa vida será em breve descolorida; mostra-nos que a existência da flor e a do homem, que pareciam tão diferentes na duração, se confundem perante a eternidade, em que mil anos são como um dia. Sim, senhoras, empenho-me para que cultives flores: a vida destas encantadoras criaturinhas acalma, adoça, harmoniza e pacifica; refresca a vista e fortifica o coração, porque tudo quanto é verdejante, fresco e cheio de vida, exerce sobre nós uma influência feliz, que faz desabrochar todas as faculdades da alma.

A mulher forte analisou o campo, e comprou-o, e plantou a vinha com o fruto do seu trabalho.

Poderia dizer-se ainda que, sob o nome de pão e vinho, a Bíblia quis designar todas as boas coisas da ordem temporal. A mulher forte deve vigiar tudo; tudo quanto pode ser útil a seu marido, aos seus filhos, aos seus criados, ela deve procurá-lo, seguindo as regras da probidade, da sabedoria, da honra e da moderação, de que temos falado. A mulher tem, muitas mais vezes que o homem, a inteligência das pequenas coisas, tem o olfato mais exercitado por uma multidão de coisas que nos escapam: a ela, pois, pertence prever, pressentir, calcular, submeter a seu marido, e executar de harmonia com ele. Por sem dúvida que não é intenção minha excitar no coração da mãe de família uma ambição desregrada; tendo explicar-vos os vossos deveres, ou, pelo menos, o que vos é muito legitimamente permitido, e assim respondo antecipadamente aos que censuram ao cristianismo o fazer da mulher casada uma espécie de religiosa – não se ocupando senão de irmandades e de devoções.

A mulher verdadeiramente piedosa, ficando completamente fiel aos deveres de uma piedade esclarecida, nada deve desprezar do que pode interessar á prosperidade, material mesmo, de sua casa; e se ela quisesse imitar a vida da religiosa e a forma da sua piedade, “esta devoção – diz São Francisco de Sales – seria ridícula, desregrada e insuportável” (Vida devota, 4ª Parte). Por outro lado evitemos os excessos de uma ambição desmedida, porque a ambição é uma paixão, que sai dos rails da razão e da sabedoria cristã. Eu desejava o vapor regulado, que marcha com ordem, medida e segurança: se a ausência de vapor é a inércia e a morte, o vapor que faz descarrilar é um outro inconveniente não menos grave. Nem um nem outro devem agradar-vos, e o que eu desejo no interior das vossas famílias, é o vapor conduzido sabiamente, isto é, a ação

de uma mulher previdente, sem desmedida inquietação, ocupando-se seriamente dos interesses da sua casa, com toda a honra e com toda a probidade; é uma inteligência ativa sem sair da serenidade, economia sem parcimônia, regulada sem afetação, e fazendo com conveniência as honras domésticas, sem esquecer os interesses de seus filhos e os deveres de mãe de família.

Elevemo-nos ainda mais alto: A Bíblia tem ordinariamente na sua letra um sentido oculto, indicando-nos um mundo superior. Quebrems, pois, o córtex da letra e digamos que o vinho e o pão, não significam somente o que há de melhor e mais útil ao homem na ordem material, mas que são o símbolo de coisas mais elevadas, e que nos deixam entrever tudo o que há de bom e de vantajoso na ordem espiritual.

A mulher forte deve, pois, formar no seu coração uma contínua provisão de excelentes coisas, a fim de poder, na ocasião, distribuí-las á sua família. É necessário ela saiba, nas sociedades que frequênta, recolher as boas palavras e os preciosos ensinamentos, mas deve considerar tudo muito bem: *Consideravit agrum*. Nem tudo é bom nos jardins do mundo: há muitas vezes mais plantas venenosas do que flores perfumadas e salutares. O dever da mãe da família é fazer delas uma escolha religiosa, inteligente, pondo de parte tudo quanto possa ferir a fé e alterar a pureza da alma de seus filhos: *Consideravit agrum*.

Antes de apresentar a sua jovem família no mundo, considera ela se o tempo é propício, se a alma não é ainda muito tenra, muito acessível a más influências; examina se as sociedades aonde quer levar seus filhos, são convenientes, ou, pelo menos, como tudo é relativo neste mundo, se não são muito adiantadas para pessoas de curta idade. Há vinho que se pode beber aos quarenta anos sem nenhum perigo, mas que faria partir a cabeça aos dezoito. Explico-me assim, porque muitas vezes não se presta atenção a esta diferença de idade, de caráter, de impressionabilidade, que muda continuamente o que é relativamente bom, ou, pelo menos, indiferente, podendo torná-lo relativamente mau. Neste caso, procurar para os filhos algum uso do mundo, e de um mundo muito precoce, é roubar-lhes o que há de mais precioso para eles, a inocência e o amor da simplicidade; é desenvolver-lhes todos os germes da má natureza, e, sobretudo, a desmedida inveja de agradarem, que podem mais tarde causar-lhes amargos pesares.

Esforço-me, senhoras, por não exagerar, nem condenar absolutamente, o que é incontestavelmente mau; quero, sim, reprovar somente os excessos, e o que a própria razão esclarecida pela fé condena. Ponhamos as nossas idéias em toda a sua luz por um exemplo que toda a gente compreenderá: nada há mais agradável, e, muitas vezes, mais útil, do que ir após os calores do estio, aspirar o ar fresco e embalsamado de uma bela noite e, todavia, a razão proíbe a um febricitante, deixar o quarto, sobretudo, á noite. Que direis, pois de um homem, cujo temperamento fosse enfraquecido pela febre, o qual quisesse sair convosco, sob o pretexto de que o passeio não lhe seria mais nocivo do que a vós próprios? E vós não vedes que sois mais imprudentes que este enfermo: sob o pretexto de quererdes formar a alma e o exterior de vossos filhos por coisas que saberão sempre muito cedo, expondes seriamente a graves perigos um temperamento moral, que não é suficientemente formado, produzis-lhe a febre de todas as espécies de coisas mais ou menos más, e que podem mais tarde, no ato do desenvolvimento, envenenar-lhe o futuro.

Sabedoria, pois, senhoras, sabedoria na escolha de tudo quanto comunicardes á vossa casa, e, sobretudo, a vossa família. *Consideravit agrum*. Sabeis examinar, pesar e medir tudo.

Evitai também as conversações do lar doméstico, em que o pai e a mãe se permitem explicações mais que transparentes, ora sob o império de uma indesculpável distração, ora sob o pretexto de que os filhos não compreenderam, nem prestam nenhuma atenção ao que se diz. Consultai as pessoas que têm educado a mocidade e elas vos dirão que crianças de quatro anos ou cinco, têm a inteligência extraordinariamente desenvolvida, sobretudo, quando se trata de compreenderem o mal; a experiência mostra todos os dias, coisas deploráveis nesta matéria. Se contar diante de crianças crônicas mais ou menos escandalosas; envolvendo a narração com véus, com metáforas e embalando-vos na doce e triste ilusão de que vossos filhos não compreenderam nada. Mais tarde espantar-vos-eis ao saberdes tudo quanto tiver crescido em seu coração, e o primeiro gérmen desta árvore de maldição, terá sido a conservação a meia voz, permitida diante deles; o entretenimento a que assistiram na vossa presença, e na casa aonde os tendes conduzindo imprudentemente. A palavra, a conversação, o segredo, o sorriso, abri-lhes-ão os maus gérmens que se acham no coração de todos os filhos de Adão, e, sem que o penseis, tereis assim preparado um triste futuro à vossos filhos. Ah! Porque é necessário que parentes cristãos esqueçam tantas vezes está máxima do poeta latino: “não se sabe demasiadamente respeitar a inocência de uma criança; se quereis ferir o pudor, não desprezeis a tenra idade, mas que o pensamento da infância se levante diante de vós, para deter a palavra ou a má ação.”

*Maxima debetur puero reverentia. Si quid
Turpe paras, ne tu pueri contempseris annos;
Sed peccaturo obstet tibi filius infants.*
(Juvebal, Sat. 14.)

Dir-vos-ei ainda que vigieis os jornais, os folhetins, os romances! Não deixeis entrar em vossa casa coisa que possa conter veneno; vossos filhos estariam expostos a tomá-lo no momento em que volvésseis as costas. Arrancai os maus livros da vossa biblioteca; e se possuis alguma obra que a vossa idade ou condições especiais vos autorize a conservar, então fechai-os. Eu conheci crianças de excelentes famílias, perdidas assim, pelos livros deixados imprudentemente nas mesas de uma livraria sempre aberta. As crianças, senhoras, têm o instinto do mal, em maior grau ainda do que a idéia do bem, e têm o olfato de certas coisas, sobretudo, quando o seu espírito foi despertado sobre tal ponto, porque então querem ir até ao fim, e Deus sabe através de que silvas e de que espinhos!

Não podereis tomar muitas precauções: nada de minúcias e de espionagem, mas uma séria atenção; e se me acusais de vãos escrúpulos, e de preocupações excessivas, serei obrigado a concluir que, não conheceis bem o coração da mocidade.

Se puserdes em prática os conselhos que acabo de dar-vos, nenhum dos interesses da vossa família será desprezado: provereis a tudo, e a vossa casa tornar-se-vos-á, e a vossos filhos, uma fonte de todos os bens. Ora, bem o sabeis quando se faz á fonte um largo canal, ela engrandece e jorra com profusão; a água brota debaixo com uma abundancia sempre nova, sobe, estende-se e converte-se em um grande rio. Do mesmo modo se tornará a vossa casa, e eu desejo vivamente que de cada uma das vossas famílias, e de todos os seus interesses materiais e espirituais se possa dizer com os

nossos Livros Santos: - A pequena fonte transformou-se em grande rio, e derramou por toda a parte as suas largas e fecundas águas: *Fons parvus crevit in fluvium maximum, et in aquas plurimas redundavit* (Ester, XI,10)

9ª – CONFERÊNCIA



*Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum.
Ela pôs a força como um cinto em volta dos seus rins, e fortaleceu o seu braço*

(Prov., XXXI, 17)

A mulher forte não exerce a atividade somente no interior da sua casa, aonde faz a glória e a alegria de seu marido, aonde preside com admirável zelo a todos os serviços domésticos; tem também os olhos abertos sobre todas as causas de prosperidade material de sua família; de harmonia com seu marido, examina, analisa as propriedades, as vinhas, os campos que estão à venda; compra, segundo a oportunidade dos tempos, das circunstâncias, segundo os recursos da família e as esperanças que podem apresentar os objetos, que excitam os seus legítimos desejos; ela analisou um campo e comprou-o: *Consideravit agrum, et emit eum*; e plantou a vinha com o fruto do seu trabalho: *De fructu manuum suarum plantavit vineam*.

Estas últimas palavras indicam com que atenção, e com que perseverante cuidado a mãe de família deve ocupar-se de todos os interesses da sua casa, do sábio melhoramento das suas terras, do aumento razoável e moderado das suas rendas, e qual deve ser a sua providência para o futuro dos seus filhos. Mas a religião impõe-lhe a obrigação de nada fazer contra a honra e contra a probidade, e de não assentar a sua fortuna sobre o resultado de fraudes habilmente disfarçadas, que só podem merecer um nome na língua da justiça e da verdadeira honestidade.

As palavras da Bíblia parecem ligar uma importância especial à vida dos campos e aos trabalhos agrícolas. Também vos recomendei como exercício de saúde e de sabedoria

prática, os passeios no campo, a contemplação das cenas tão variadas e tão admiráveis da natureza, aonde se encontra tudo, a paz, a ordem, e a ventura tranqüila; e nessa ocasião não podia passar em silêncio a cultura das flores, desses deliciosos esboços dos pensamentos divinos, desses hóspedes perfumados que nos falam, com tanta graça, da virtude e dos nossos deveres, e que, mesmo no momento em que caem murchas, nos deixam uma doce e melancólica lição sobre a fragilidade da vida humana.

Depois de termos assim explicado o texto da Escritura, elevamo-nos mais alto, e dissemos que a mulher devia fazer provisão para a sua família, não só de pão e de vinho, senão também de todas as boas coisas que encontrasse no seu caminho, e que ela devia recolher, com escolha inteligente, todos os tesouros de bens espirituais para derramá-los na alma de seus filhos.

O seguinte versículo pede duas conferências:

- *Ela pôs a força como um cinto em volta dos seus rins, e fortaleceu o seu braço.*

O que é a força?

Poderia definir-se, a energia da alma, que nos faz suportar com serenidade os enfados e os males da vida, que nos dá a coragem de prosseguirmos nos nossos desígnios com inabalável firmeza, e nos conserva com vigor da ação, que os obstáculos humanos não podem deter. “É, diz São Cirilo, uma ativa energia que faz com que a alma se ponha em ação com o vigor da mocidade.” (Isai. 1.V)

Estas diferentes definições são o comentário destas palavras da Bíblia: Ela pôs a força como um cinto, em volta dos seus rins, e fortaleceu o seu braço.

A força e a firmeza de caráter são virtudes que caminham no meio de dois defeitos contrários, a obstinação e a fraqueza; e há uma nova prova desta importante verdade, sobre a qual, por mais de uma vez, tenho chamado a vossa atenção; a virtude e o vício estão, muitas vezes, separados um do outro apenas pela dose da mistura; tornai conveniente a dose e a virtude existe; tirai mais ou menos á dose e o vício começará. Escutai São Tomás com a sua clareza e concisão ordinária: “A obstinação consiste no apego mais que necessário ás idéias e aos projetos; a fraqueza não tanto, e a firmeza, segundo o necessário: *secundum quod oportet*.” (Q. II.).

Não encontrareis nunca destas naturezas, de tal modo enfatuadas de si próprias que tudo quanto dizem e pensam deve ser verdadeiro? Tudo quanto sonham se deve realizar? E para as quais o resto vai todo torto?

Tanto que uma idéia lhes penetrou no cérebro, de tal modo se instala que não deixa um cantinho para a opinião contrária. Esta idéia tem, muitas vezes, os seus lados absurdos: não importa, entrou nessa cabeça, tomou todos os lugares disponíveis e o ônibus vai completo. Viajantes honestos e elegantes, isto é, pensamentos justos, verdadeiros, graciosos se apresentam, mas os bilhetes estão todos vendidos e já ninguém pode entrar. “Se acontecer – diz Alberto, o grande – a esses espíritos afirmarem que o dia é noite, não tenteis provar-lhes o contrário porque perdereis completamente o vosso tempo.”

(Ética, 1,7). A pertinácia, senhores, é segundo as notas dos moralistas, uma prova de fraqueza de espírito, ou, pelo menos, indica uma paixão não razoável de amor próprio e de vaidade; basta a estes espíritos o terem avançado uma vez ao público para não mais o quererem soltar: e uma vez pronunciadas num sentido e num momento de paixão irrefletida, nada há que os faça recuar, nem mesmo quando sintam o erro da sua persistência. É realmente triste! Mas a razão e a verdade não conduzem, a maior parte das vezes a inteligência do homem, é a paixão, e, sobretudo, a paixão azeda: e isto é tão verdadeiro quanto podeis fazer passar sucessivamente de uma opinião a outra, certos homens, tomando-se pelo lado em que o vento os lisonjeia. Também nada há mais móvel que os caracteres obstinados.

Nunca estão mais próximos de uma mudança do que quando protestam apego á sua idéia. Esperai alguns dias, e o novo Proteu, tão inflexível e tão absoluto da véspera, terá variado a sua forma: o essencial é reservar-lhe a satisfação de crer que só ele, e sem alguma influência estranha, operou a metamorfose. Não nos espantemos com estas variações: só a verdade é sólida e estável, e o teimoso não está na verdade, nem tem, tão pouco, a sábia medida dela.

Há naturezas colocadas noutro extremo: são os caracteres fracos, que não têm nenhuma consistência. Semelhantes ás esponjas, tomam sucessivamente todas as cores dos líquidos em que as mergulhais. Lançai a esponja numa substância de um negro carregado e ela tornar-se-á negra, passai-a, em seguida, do vermelho ao branco, e ela executará uma após as outras, as cores mais opostas. Eis a imagem do temperamento de certas almas! Por fraqueza, pela impotência de resistir, e, outras vezes, por cálculo, adotarão todas as idéias que vos agradarem, dirão sim e não a propósito da mesma questão, como o vento que ora sopra do norte, ora do sul. Seria curioso seguir essas naturezas nos diferentes salões, em que as cambiantes de idéias mais contrárias dominam como soberanas; seria curioso ouvi-las exclamar aqui: - Eu sou rato, vede os meus pés! E ali: - Eu sou ave, vê de as minhas asas! Seria ainda curioso ouvi-las na mesma conversação, discreteando pró e concluído contra, segundo tal influência, tal receio, tal reviramento de bordo, ou simplesmente, por fraqueza, esse defeito de formas múltiplas e indefinidas, que faz com que um ser ceda, logo que sente oposição e resistência, e que na fraqueza tem muito de preguiçoso, que acha tudo bem ordenado, com tanto que o deixem dormir.

Entre os caracteres obstinados e as naturezas fracas, marcha à virtude da firmeza, que pertence ás suas idéias, aos seus projetos, ás suas resoluções: - *secundum quod oportet*. O caráter firme, uma vez que examinou perante Deus; que consultou os que a Providência lhe deu por conselheiros naturais, que tomou todas as precauções que sugere a prudência cristã, o caráter firme, repetimos, vai direto ao seu fim, e nada o detêm, nem os discursos dos homens, nem as injustiças da opinião, nem a voz das paixões. Como o corcel de Job, adora a guerra a exclama: - *Vamos! Et dixit, vah!*

Entretanto, a firmeza não exclui a destreza, a ductibilidade da alma, e a disposição para admitir novas idéias que aperfeiçoam as primeiras: pois é tal a fraqueza humana, tal a ignorância da nossa natureza, que os melhores espíritos não devem nunca parar e petrificar-se numa idéia, a ponto de não admitirem outros que não conservem, limitem, estudem e modifiquem as que já possuímos. - “A verdadeira firmeza – diz Fenelon – é doce, humilde e tranqüila. Qualquer firmeza austera, ativa e inquieta é indigna de sustentar as obras de Deus.” (Cartas espirituais. CX) Quando a firmeza tem suas

condições, quando é serena, quando se possui na paz e sob o olhar de Deus, nunca ela é extrema, nem impele as coisas e os homens; sabe condescender e apiedar-se; é mola de aço finamente temperado: - tem a consistência e a elasticidade do metal habilmente preparado. É forte, porque se apóia sobre o verdadeiro e o divino; é flexível porque se enche de humildade; inteligente porque desconfia de si própria, e porque volve a decisões que não tivessem sido sabiamente amadurecidas.

Estou a ver que me apresentais uma objeção séria, dizendo-me: Vós não fazeis mais do que recuar a dificuldade. A obstinação é um defeito, que nos prende ás nossos projetos, mais do que é necessário: a fraqueza cede de um modo despropositado. A força, pelo contrário, é uma qualidade que nos prende aos nossos pensamentos e resoluções como é necessário: - *secundum quod oportet*. Mas onde encontrar à medida que São Tomás chama o necessário?

Confesso, senhoras, que me julgaria felicíssimo se pudesse fazer-vos conhecer um instrumento, com que pudésseis medir tudo, e que vos servisse de indicador para misturardes convenientemente e adesão firme ao verdadeiro, a sábia desconfiança de vós mesmas, e a disposição de vos deterdes, de avançar, de recuar, segundo a oportunidade das circunstâncias e as regras da verdadeira sabedoria. Existem instrumentos para as misturas perfeitas: tantas colheres de azeite, de vinagre e tantos graeiros de sal. Infelizmente, na ordem moral não os há tão preciosos e tão matemáticos, e esta é a melhor resposta aos espíritos absolutos, que querem, em tudo, uma precisão rigorosa, e decisões, cujos ângulos sejam sempre perfeitamente retos. Ao passo que se avança na vida, tomam-se por suspeitas estas maneiras de conduzir e de talhar as questões.

Todavia indiquemos brevemente as precauções que a prudência sugere.

Antes da adoção de tal ou tal idéia, de terdes seguido este ou aquele partido, refletisteis seriamente? Consultasteis as pessoas nas quais deveis depositar confiança? Não tendes a rijeza que, até na linha do bem, é sempre um defeito? Em vós não degenera a firmeza em uma espécie de fé á vossa infabilidade pessoal, que é nociva ás melhores causas? Sabeis volver-vos, ouvindo a linguagem na sabedoria e o testemunho das pessoas graves? Outra questão muito essencial: - Sois serenas nas vossas apreciações? Como vos bate o pulso? Não estais agitadas? A agitação nem sempre é, sem dúvida, uma prova de que se esteja em falsidade, mas deve, ao menos, fazer refletir: deve levar-nos a esperar, a dormir uma noite, várias noites sobre um projeto. Examinai bem, sobretudo, se a vossa pretendida firmeza não vem do amor próprio irritado, da zanga, do azedume, e isto facilmente se conhece, por não sei que tom sacudido, por não sei que movimentos febris, por um humor em ebulição que procura todas as ocasiões de sair com uma lava incandescente. “A força que se bebe na zanga, na irritação, nunca é senão fraqueza” – diz Madame Swetchine. Não é este o vosso caso? Não sentis em todas as vossas faculdades a dureza do metal, a tenacidade do bronze, que não cede, e que se recusa a toda a elasticidade nos movimentos? Se assim é considerai a vossa firmeza, ao menos de suspeita: “Pois- diz Fenelon – a verdadeira firmeza é doce, humilde, tranqüila. Toda a firmeza austera, altiva, inquieta é indigna de sustentar as obras de Deus... Humilhai-vos – diz ainda o grande arcebispo – mas sem vos amolecerdes.”

Quer isto dizer que depois de tomadas todas estas precauções, não vos enganareis algumas vezes na aplicação? Ah! minhas senhoras, o erro é a sorte da natureza humana,

porque só Deus é infalível. Enganar-vos-eis, sem dúvida, ireis, ora para a direita da fraqueza, ora para a esquerda da obstinação: mas, os vossos erros, não serão, pelo menos, perigosos, porque os não sabereis reconhecer. Deus, que vos ama, dar-vos-á, na ocasião luzes suficientes para que possais descobrir; uma prudente desconfiança de vós próprias tornará fácil a entrada da luz divina, e tereis bastante firmeza para reagirdes no sentido que a graça vos indicar.

Mas se pode haver engano tomando todas estas precauções, que diremos das naturezas obstinadas que só seguem as suas idéias pessoais, que não crêem senão em si próprias, que de tal modo se ligam a um pensamento, sob pretexto de que é verdadeiro, que, a final, acabam por cair em deploráveis exagerações? Não refletem que, mesmo seguindo uma idéia justa, podem bater no falso porque há no mundo intelectual, vários pensamentos que se cruzam, se aperfeiçoam, e porque o exclusivismo é um sistema muito mau, que pode conduzir a abismos, ainda mesmo cavalgando-se uma idéia verdadeira.

Que pensar dos espiritosinhos, dos pequenos vasos de tal modo penetrados, embebidos no seu próprio licor, que não crêem possível a existência de um vinho melhor e mais generoso do que o que eles encerram? Também nada os pode entrar, porque estão cheios de si próprios e da fé na sua medida.

Que pensar dos caracteres abruptos, talhados em facetas, que tomam a pertinácia por firmeza, que chamam respeito de si e da sua própria dignidade ás suas ridículas obstinações, e que julgariam desonrar-se, convindo nas suas tolices?

Estas espécies de temperamentos semelham-se, na guia dos negócios, aos cavalos indomáveis que uma vez atrelados a uma viatura, se precipitam com violência, não cedendo ao freio, nem á voz do cocheiro, chegando ao fundo da montanha, depois de terem despedaçado tudo, e talvez comprometido a vida das pessoas que cometeram a imprudência de se confiarem deles. As naturezas dispostas assim são uma desgraça para as sociedades e para as famílias. Quebram tudo nos negócios e nos homens, e coisas há que, uma vez partidas, nunca mais se concertam. Afastam os espíritos e os corações; e, muitas vezes, o estado de sofrimento que pesa sobre as famílias e as relações sociais, não tem outra causa mais do que esta desinteligência obstinação das naturezas que nunca sabem ceder.

Quanto ao contrário, não seria a vida mais doce, mais cristã, se os caracteres se parecessem com as molas das viaturas bem feitas? Elas são sólidas, suportam os maiores pesos, mas vergam tão docemente que nem se percebem os abalos causados pelos acidentes da estrada, parecendo antes estar num flácido colchão. É assim que vão os caracteres formados na escola evangélica: são sólidos e resistam a todos os choques; e para melhor resistirem, cedem muitas vezes, e cedem com energia e doçura: - com energia, porque estão á prova dos maus caminhos, e porque mal cedem voltam a tomar o seu lugar; mas tudo isso se opera com tanta doçura e facilidade, que o viajante pode dormir em paz.

Possais vós, senhoras, ser em vossas casas, como estas molas flexíveis e corajosas! Possa a vossa família repousar em vós: marido, filhos e criados!

O vosso papel neste mundo é serem molas dentro de casa; ao menos sede-as sólidas, perfeitamente doces e, sobretudo, sempre oleadas. Deste modo, a criatura caminhará tranqüilamente, com alguns balanços, é certo, porque são inevitáveis neste mundo; mas é neles que se reconhece a perfeição das molas. No momento do abalo vergareis sem ruído, abaixar-vos-eis sem violência; passada a agitação, retomareis o vosso lugar ordinário. Ainda mesmo que vosso marido tenha o humor difícil, há de acabar por admirar o que nem sempre havia compreendido, e num momento de verdade e de expansão, dirá falando de vós: Que excelente mola tenho em minha casa! Que flexibilidade! Que graciosa elasticidade! E, ao mesmo tempo, que hábil solidez, que me cede resistindo e me resiste vergando! Eu era verdadeiramente desarrazoado queixando-me.

Se, pelo contrário, quereis ser mola inflexível e imóvel, o abalo chegará infalivelmente, o ferro quebrará e a criatura talvez seja partida; e ainda que, coisa difícil, o caso permaneceu secreto, por pouco que transpire, dareis assunto, e talvez divirtais o público á vossa custa.

Antes de terminar este primeiro entretenimento sobre a firmeza, digamos alguma coisa de um defeito, que lhe é completamente oposto, que perturba a vida inteira, e faz da existência uma grande e perpétua maré, e sempre agitada por violentas nortadas: quero falar da susceptibilidade.

É um assunto que nenhum livro tratou ainda talvez, e sobre o qual tenho de deter-me alguns instantes, porque é um defeito ou uma enfermidade, que, faz, muitas vezes, a desgraça da vida e sem outra causa estranha.

Que é, pois, susceptibilidade?

Torna-se difícil definir o silfo ligeiro, calcular a direção dos ventos do mar, os caprichos da imaginação e os sonhos de uma pessoa que tem febre; mas mais difícil ainda definir a susceptibilidade e calcular-lhe as numerosas metamorfoses. Susceptibilidade vem duma palavra latina que significa facilidade em receber as impressões.

Tendes notado alguns doentes atacados de reumatismo? Pois esses receiam as menores correntes de ar, e, para eles tudo o é; a menor frescura, o menor ruído fere-os e faz-lhes mal. A susceptibilidade é uma espécie de reumatismo na ordem moral: tudo fatiga os doentes desta natureza, tudo os achaca, tudo se transforma numa corrente de ar que lhes produz febre. Se se vai para a direita, magoam-se; se se vai para a esquerda contrariam-se horripilantemente. Os menores atos, as palavras mais inofensivas, tomam para eles proporções espantosas. Se conversais inocentemente, é contra eles; se guardais silêncio, é porque estais sombrio e triste ao seu lado; se sorris, tendes o ar zombador; se estais grave, é porque não estais bem. Quando o vosso espírito, ou naturalmente distraído, ou demasiadamente culpado, parece, numa circunstância indiferentíssima ou sem nenhum cálculo, conservar certa reserva silenciosa, o doente achará que o esqueceis completamente, e que pondeis de lado os deveres mais sagrados da afeição: debalde permanece no fundo da vossa alma, a mais verdadeira e sincera dedicação de que, mil vezes, lhe tendes dado provas; nada poderá, talvez, curar a sua injusta prevenção esse cérebro fatigado. Que direi eu? É tão impossível contentar as pessoas assim como saber a direção do vento nos equinócios; é necessário que a melhor vontade do mundo se resigne a sofrer as abordagens do seu humor e do seu descontentamento.

A susceptibilidade indica uma grande fraqueza de espírito e de caráter, ou uma formidável dose de amor próprio e, algumas vezes até, estes dois defeitos reunidos. As almas fortes não são susceptíveis; têm tempero vigoroso, e não se deixam ferir nem atingir pelos mil nadas, pelos mil graus de pó que formam, por assim dizer, o fundo da vida humana. A alma susceptível é sempre desgraçada, impressionável como a sensitiva, e sempre agitada ao sopro do vento; e apesar de todas as precauções possíveis, a vida é de tal modo feita assim, que, sobre a terra haverá sempre, pelo menos, pequenas correntes de ar na atmosfera das almas, e, muitas vezes, abalos para agitarem esses caracteres vacilantes, que não têm mais consistência do que as folhas da floresta. Às almas que tão facilmente são afetadas pelas menores coisas, poderia eu dirigir uma frase de São Crisóstomo e dizer-lhes: “Não é a natureza das coisas, é a fraqueza de vossa alma que vos ocasiona tal pesar: - *Non rerum natura, sed animi imbecillitas hanc tibi maestitiam affert.*” (Epist. aos Cor.)

Não, não é a natureza das coisas, não foi tal pessoa que vos ocasionou tal pesar, porque nem nisso pensou até; essa idéia é que vos penetrou na cabeça e já não quer sair, e só ela é a causa da vossa desventura. Não, não é a vossa amiga dedicadíssima que é necessário acusar; é a vossa cabeça que zumba, é a vossa imaginação que tem a faculdade de criar fantasmas. Creio que tais fantasmas vos rodeiam realmente, mas no nosso cérebro é que está a magnífica oficina da fabricação deles; o cérebro é que carece de cura. E quando mesmo no espaço andassem voando algumas moscas, quem é que presta atenção às moscas neste mundo? Há quem procure bater-se com os insetos que volteiam em toda a parte?

Haveria muito que fazer, e no fim de contas seria tempo perdido. Um filósofo pagão deu-nos, sobre este assunto os mais sábios conselhos: “A maneira mais nobre de perdoar – diz Sêneca – é ignorar os males de cada um. A credulidade faz muito mal: muitas vezes nem mesmo se deve escutar; pois em certas coisas, mais vale ser enganado do que estar em desconfiança. É necessário banir da alma qualquer suspeita, qualquer conjectura, como fonte de injustas cóleras. Tal indivíduo saudou-me polidamente; um outro abraçou-me com frieza; este interrompeu-me bruscamente uma frase começada; aquele não me convidou para o seu banquete; o rosto de um último pareceu-me pouco risonho. Nunca os pretextos faltarão às suspeitas: vejamos, porém, mais simplesmente as coisas e julgemo-las com benevolência.” (Da cólera, 1.II, c. 23-24)

Fala-nos o mesmo filósofo dum sibarita do seu tempo que se queixou de ter uma arranhadura, por se haver deitado sobre as folhas de rosas dobradas. (Idem, 1. II, c. 25).

Há nesse mundo um grande número de pessoas às quais parece que nada falta para a felicidade, e, todavia, a susceptibilidade corta-lha a todos os instantes, e é um obstáculo que se interpõe entre elas e os objetos exteriores. Essas pessoas são um pouco semelhantes ao homem de Sêneca: tudo as fatigaria, e até as folhas de rosa, se nelas se deitassem muitas vezes.

Vou apresentar-vos uma nota que tomei e a indicação moral que dela tirei algumas vezes, quando passei no meu *chalet* à beira-mar. Os melros e as outras avezinhas um pouco selvagens, ainda mesmo que eu avance com as intenções mais pacíficas, e até sem pensar nelas, começavam a piar e a fugir de medo, por entre os ramos das árvores; dir-se-ia, em verdade, que me supõem as intenções mais hostis. Mas a causa do seu

receio está unicamente na cabeça delas, e o mais seguro seria calarem-se e permanecerem escondidas sob a folhagem, deixando-me passar. Deste modo, eu, nem sequer suspeitaria ali a sua presença e elas estariam perfeitamente protegidas pelo seu silencioso descanso.

Ora, não está nisso uma pequena imagem dos caracteres susceptíveis?

Passeais tranquilamente pelas áleas da vida, quando de súbito, sem saber por que, nem como, esses caracteres começam a soltar altos gritos: - dir-se-ia que era intenção vossa declarar-lhes uma guerra encarniçada, quando, com certeza, nem disso concebíeis a menor idéia.

Tal ruído não passa da imaginação delas.

A susceptibilidade, senhoras, pode vir dos nervos, do temperamento, de uma imaginação doentia. Quantas sensitivas neste mundo!

O melhor conselho que lhes posso dar é o de cortarem em duas partes, e, às vezes, em três, as suas impressões, ou então suprimi-las completamente, porque só assim estarão na verdade. Desejar-lhes-ia ainda uma alma amiga e sinceramente dedicada, na qual tivessem confiança e derramassem a enchente das suas águas amargas, mas sob a condição de lhes permitirem uma inteira franqueza, e de lhe conservarem uma submissão infantil.

A susceptibilidade, como a princípio dissemos, também nasce, muitas vezes, do amor próprio, e ainda mesmo que outras causas existissem, o amor próprio e a vaidade, entram, ordinariamente na mistura, em dose consideráveis.

Há naturezas por tal forma vaidosas, que lhes parece que todo o mundo devia pensar nelas: é um instinto de amor próprio, é uma idéia desgraçada que as persegue por toda a parte: se são esquecidas um instante todas as benquerenças são postas de lado. Mal de vós se sois tão imprudentes que não lhes oferecis um grão de incenso, e, muitas vezes, um turíbulo inteiro! Mal de vós se vos escapa uma palavra de crítica, mesmo muito benigna, ou se, em tal soirée, vos aconteceu, por involuntária distração, não lhes prodigalizardes o ramo de mentiras que se chamam - cumprimentos! Podeis ter a certeza de atrair uma erupção de malquerenças, de azedumes, ou pelo menos de fazerdes concentrar interiormente uma futura explosão de cólera profunda.

A humildade, senhoras, não é somente uma grande virtude, é ainda uma fonte de bom senso, de paz e felicidade.

Como se é feliz quando se é humilde!

Que profunda paz se não goza, quando se pode prescindir das criaturas, das suas enganosas palavras e mentirosos elogios!

Como se é ditoso, quando se sabe, nas ocasiões oportunas, transformar-se num tapete que todo o mundo pode calcar aos pés, sem mesmo o atritar!

A natureza não compreende esta linguagem, e, entretanto, é a linguagem da fé, da verdadeira razão, e a chave da verdadeira ventura. Quer se queira ou não, é necessário que a gente se resigne a ser, muitas vezes, calcado aos pés neste mundo! Quer se queira ou não, as línguas, as traições, os negrimes, os maus procedimentos farão de nós um tapete, aonde se poderá caminhar com o prazer de um patinador maligno. Pode-se suportar este papel, sem cólera, sem inquietação séria; é perfeitamente conciliável com a dignidade do cristão e a nobreza da resignação, e há uma verdadeira grandeza no levantar-se, no pôr a mão no rosto, e em dizer como o conhecido imperador: - "Nem mesmo me sinto ferido!"

A indiferença por uma multidão de coisas externas, é o segredo da ciência do cristão, e a causa principal da serenidade da alma do justo.

Uma palavra somente como conselho, e terminarei. Se viveis com caracteres susceptíveis, tendo por eles uma terna caridade, aliada a uma sábia firmeza. Sede cheias de compaixão, mas não receies, algumas vezes, fazer-lhes tocar o dedo os moinhos de vento que se lhes afiguram guerreiros armados contra eles. Quando um cavalo é medroso, leva-se ao próprio lugar do perigo imaginário, e acaba-se por curá-lo mostrando-lhe o ridículo do seu medo chimerico. Mas como há coisas que se não curam completamente na terra, tende paciência, tolerai: evitai, tanto quanto possível o que pode causar-lhes agitação. Há pessoas, cuja cabeça é doente, e cujo cérebro não é muito forte, e já Santo Agostinho o havia notado desde muito: "Quanto mais fracos são os espíritos, tanto mais facilmente se ofendem: - *Eo magis offenduntur homines, quo infirmioris sunt.*" (Da doutrina de Cristo, I. II, nº 20.)

A caridade quer que tenhamos piedade destes doentes, e que não os exponhamos abertamente a dificuldades, que, na realidade, apenas são grãos de areia tornando-se, todavia, enormes montanhas á força da imaginação. Não tenho pretensões a que evitaremos todos os atritos, pois isso seria um milagre permanente; peço somente o possível e o razoável.

Devo ainda dizer-vos que se viverdes com tais caracteres, tende sempre por precaução um manto de caoutchuc: pois tereis necessidade dele no momento das primeiras bategas.

Possam, senhoras, estas primeiras noções sobre a força ter-vos esclarecido, e preparado para vós a inteligência desta virtude, que é uma das principais belezas da mulher.

Restam-nos ainda muitas coisas a desenvolver; reservo-as para a nossa próxima reunião, e talvez chegueis a compreender que profunda doutrina e que ensino prático há neste elogio que a Bíblia faz á mulher forte: "Ela pôs a força como um cinto em volta dos seus rins, e fortaleceu o seu braço: *Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum.*"

10ª CONFERÊNCIA



*Accinxit fortitudine lumbos suos,
et roboravit brachium suum.*

*Pôs a força como um cinto em volta de seus rins,
e fortaleceu seu braço.*

(Prov., XXXI)

Senhoras.

A força, já o dissemos, é uma energia da alma, que nos faz suportar com serenidade os enfados e os males da vida, que nos dá a coragem de prosseguirmos nos nossos intentos com inabalável firmeza, e nos conserva um vigor de ação, que os obstáculos humanos não podem deter.

Cada uma das nossas qualidades tem dois defeitos vizinhos que caminham de cada lado, um à direita, outro à esquerda, este pecando por excesso, aquele por privação. Esta máxima aplica-se perfeitamente à força e à firmeza de caráter: a obstinação excede os limites da verdadeira força, porque leva as suas idéias além do verdadeiro e do conveniente tornando-se, por isso mesmo, uma fraqueza perigosa como a locomotiva que descarrila. A fraqueza, propriamente dita, é, pelo contrário, o defeito de um ser sem consistência que toma as formas que se quer, e que se colore sucessivamente com todas as cambiantes de idéias. Muitas vezes, este último defeito é apenas o cálculo político das naturezas de camaleão, que variam de cor, segundo a posição e os reflexos do sol; pois, verdadeiros atores, têm sempre meia dúzia de opiniões no seu camarim, vestindo-se do mesmo modo que o histrião muda de trajes. Entre a obstinação e a fraqueza,

caminha a verdadeira firmeza, que se prende às suas idéias, aos seus projetos, tanto quanto é necessário: *secundum quod oportet* – diz São Tomás – expressão cheia de senso e de amplitude, que não fixa as coisas de um modo absoluto, e que abandona as soluções às circunstâncias reguladas pela sabedoria prática.

Antes de terminar estas diferentes explicações, devo assinalar-vos outro defeito, que se opõe à força e lhe paralisa a ação – a susceptibilidade. Quando se tem febre, a pele torna-se, de tal modo, susceptível, que até é necessário garantir os doentes contra a menor ação do ar: dir-se-ia que, nas naturezas susceptíveis, a pele da alma é trabalhada por uma febre moral, que a mais leve aragem duplica.

Quase que se torna necessário encerrar tais temperamentos numa caixa de algodão, e, ainda assim, creio que, à força de se agitarem, acabariam por tornarem irritada a pele.

Continuemos senhoras, este importante assunto e terminemos hoje o comentário ao versículo: - “Ela pôs a força como um cinto em volta de seus rins, e fortaleceu seu braço.”

O animal marítimo tem o seu invólucro, o soldado o escudo, o navio o forro de cobre. A alma deve ser também o seu escudo e o seu cinto; o escudo, que é a firmeza, o cinto, que é a força: *Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum*.

A força é necessária, tem um uso quotidiano, nem sempre para atuar, mas, sobretudo para suportar, para resistir á ação dos choques exteriores, e das desventuras íntimas. A ponte de granito suspensa sobre um vasto rio, não atua; é imóvel, mas é forte porque suporta tudo, porque resiste á rápida corrente, à ação do ar, ao peso das viaturas e dos transeuntes, e porque se agüenta a si própria: todos estes fardos reunidos formam uma carga enorme, de que só os engenheiros apreciam a gravidade.

Vede ainda a trave: só ela, se fosse sensível, poderia avaliar o peso que tem em cima, só ela poderia queixar-se dele, porque só ela conhece o seu trabalho de resistência. Também para o homem a principal ação da força consiste em sofrer os acontecimentos da vida, e em se suportar a si próprio. Esta ação primária e principal da força é a que exige mais constância e energia: está latente, ninguém a descobre, ninguém a suspeita, mas, muitas vezes, o coração do homem é semelhante a uma trave, prestes a ceder, mesmo quando todos o crêem feliz e isento de tribulações, precisamente porque tudo está misteriosamente oculto e invisível no desenvolvimento da força interior.

Quantas almas não têm feito assim uma quotidiana despesa de coragem! Quantos corações não têm suado continuamente o sangue da sua vida mais íntima, sem que nada tenha transparecido no exterior!

Felizmente o que mais atrai o olhar do Céu, o que os anjos têm como melhor, aquilo que o Senhor mais leva em conta, é a vida íntima que desliza em segredo, longe dos olhos do homem, e que o olhar do mundo não profanou pelas influências da sua vaidade corruptora; é o que cabe, gota a gota, do coração, para ir diretamente ao coração de Deus: - *Pater tuus qui videt in abscondito, reddet tibi* (Mat., VI, 4).

Sim, há lá em cima um Pai, cujo coração é onipotente de amor, que vê tudo, e tudo sabe; e quando a alma está ligada a esta idéia fundamental, torna-se forte, porque pode dizer com um santo anacoreta: - “Eu saberei, se for preciso, ficar só neste mundo com Deus: *Nisi homo dixerit in corde suo: Ego solus et Deus simus in mundo, requiem non habebit.* (Apopht. Patr. – Patrol. Graec.)

Quando a força se exerce exteriormente, quando atua, quando fere como o guerreiro, ou vai lutar contra os obstáculos, como o fragata blindada de ferro, ela exige muito menos vigor moral: pois a natureza humana é tal, que a ação excita a coragem, e o movimento de impulso tem a propriedade de desenvolver o vigor; é possível também que mil considerações de amor próprio não sejam estranhas á vivacidade da ação.

A força física, em diferentes graus, é necessária em todos os movimentos do corpo, é necessária a todas as horas do dia. Do mesmo modo, a força moral, é de um uso quotidiano e contínuo. O homem tem necessidade dela para lançar contra as dificuldades da vida, contra os perigos do mundo, os revezes da fortuna, as dores da família, as atribulações íntimas, e contra essas mil formas de sofrimento, de ansiedade e de agonia, que rodeiam o homem desde o berço, e que se ordenam em falange, em volta dele, como os insetos alados que se encontram nos lugares úmidos.

Mas pondo de parte este posto de vista geral, que apenas indico, devo demorar-me especialmente no uso da força na vida das mulheres.

Distinguimos duas espécies de forças: a força que atua e a que suporta: é desta última, sobretudo, que tendes mais necessidade. Falei ainda a pouco de uma ponte, onde passa todo o mundo, que tudo suporta a ação do ar, os ímpetos da corrente, o peso de quanto se apóia nela, sem contar a própria carga de granito de que é construída.

Não está nisto uma imagem da vida das mulheres?

A mulher não é uma espécie de ponte na família?

Todos pesam um pouco sobre ela, o marido, os filhos, os criados, não contando os vizinhos importunos: uma grande parte dos cuidados domésticos rola sobre ela, carregando-lhes continuamente os ombros.

Assim, senhoras, quando a lua de mel tiver passado, tereis um marido, cujo humor, caráter, e tendências se vos tornarão antipáticas; e, ainda mesmo que ele menos o pense, ferir-vos-á os nervos, agastar-vos-á por palavras, e só a sua presença excitará, às vezes, a fibra da sensibilidade malévola. É provável que lhes presteis o mesmo serviço e que o fluído das antipatias se comunique do vosso coração ao dele, pois ordinariamente tais impressões são recíprocas. Longe estou de pretender que este estado seja permanente, e que prejudique, sobretudo, a afeição essencial da família; mas repete-se demasiadas vezes para fatigar, ou, pelo menos, contristar o coração.

Tereis, pois, necessidade de força, não somente para vos não deixardes levar à febre da irritação, não somente para suportardes, senão também para deixardes triturar o vosso amor próprio, para deixardes quebrar, como a oliveira, todas as vossas antipatias, mudando-vos em óleo, e executando em toda a parte os processos benévolos, as operações untuosas da vossa caridade. Este uso da força que acaba por transformá-la em

óleo é o mais seguro dos meios de adoçardes os choques, de temperardes o coração do vosso marido, no momento talvez em que ele ia endurecer-se, e de desenvolverdes entre os dois uma afeição, que começava a gelar-se.

Os filhos experimentarão a vossa paciência: tereis de tratar com naturezas excelentes no fundo, mas de difícil humor, de caracteres ásperos; bons corações, mas más cabeças, cujo ruído bastará para vos fastigar. Tomai em cada manhã e em cada tarde cinco pílulas da força que resiste: sede serenas, mas firmes; doces e vigilantes, pois atuais na tranqüilidade da vossa força.

Os criados completarão o quadro: queixais-vos da sua indocilidade, do seu humor, do seu espírito de independência, e que sei eu? Da sua incapacidade, da sua falta de virtude e do seu caráter intolerável. Estou longe de vos empenhar em que os conserveis sempre, quando os seus defeitos atinjam um certo grau impossível de suportar-se. Não proíbo as representações, as caridosas advertências, nem as correções mais ou menos severas. Mas, antes de tudo, insisto na força que sofre, na firmeza que espera, pois este meio é, muitas vezes, o melhor e o mais enérgico para chegardes ao fim desejado.

Não são só vossos maridos, vossos filhos e vossos criados os que porão em prova a vossa paciência, serão ainda as vossas amigas, os vossos conhecimentos.

Contais com tal pessoa: é uma cana que se vos despedaça na mão, não logo na primeira, mas na segunda vez que vos encostardes a ela.

Onde estão, pois, os amigos deste mundo?

Pretende-se que as mulheres dificilmente encontram uma amiga segura e sólida no coração de outra mulher. Aos naturalistas explicam estas dificuldades por mil considerações sobre as antipatias naturais, sobre as questões secretas da vaidade, em que é raro que duas brilhem igualmente com o mesmo esplendor, sobre o não sei que de frágil que existe na flor e nas construções de vidro. - “É necessária uma prodigiosa amizade entre duas mulheres – disse Madame Swetchine – para tirar a que é inferior a toda a fraqueza da inveja.” (Cartas)

Admitamos que possais encontrar verdadeiras amigas: mas ajuntemos, para permanecermos na verdade, que são raras. Contais com certo coração como com o vosso: um dia chegar-vos ao ouvido um vago zum-zum, vem em seguida às suspeitas, e, por fim a certeza. Essa pessoa traiu-vos mil vezes dum modo mais ou menos grave, foi infiel no que há de mais sagrado na amizade. Essa nova subida é como a onda violenta contra o navio da vossa alma! Que abalo no coração!

Outras vezes são os vossos parentes; quantas dificuldades nas famílias! Quantas misérias! Quantas antipatias secretas! Cada um produz o seu contingente, e, algumas vezes, os que gritam mais alto não são os menos espinhosos.

Mais longe encontrareis os vossos inimigos, porque, quem é que os não têm na terra? Vós tê-lo-eis, talvez, porque os vossos defeitos vo-los terão atraído, mas esta razão não é a única. Tendes uma inimiga em determinada pessoa, porque lhe prestastes um serviço, e, para certas naturezas, não há crime maior do que o de as condenarem à condição inferior em que as põe o reconhecimento.

Tal pessoa tem-vos inveja: é talvez, porque tendes uma qualidade boa, ou porque brilhais muito para ela.

- Porque me atacas? – perguntava uma vez o pirilampo a um vil animal, tão feio quão venenoso.

- Porque brilhas – respondeu ele.

Esta resposta é a explicação dum grande número de ódios, de vinganças e de irritações.

Há tantas baixeiras no coração humano, ao lado de tantos instintos de grandeza! Tantas invejas, a par de tanto amor pelo bem e pelas coisas elevadas!

Talvez até que vós tenhais feito demasiadas vezes um vão pacote das vossas qualidades, pois ou as tendes exagerado, ou pelo menos tendes fatigado o público, tende o aspecto de as apresentardes diante deles: e o que mais rapidamente fatiga os homens é a exposição das boas qualidades do próximo.

Perdoar-se-nos-á muito facilmente uma longa exibição dos nossos defeitos e ridículos, porque esta cena coloca o espectador numa posição de superioridade para conosco; mas o mais difícil de se fazer perdoar são as qualidades reais, por muito pouco, ainda assim, que obscureçam a glória dos outros.

Poderia continuar esta descrição e seguir convosco todas as correntes da vida; mostrar-vos em toda a parte as vagas que trabalham na demolição do vosso barco, no seu desconjuntamento, na sua submersão. O vosso navio tem necessidade de ser perfeitamente construído; as peças, formadas de madeira vigorosa, devem estar solidamente ligadas, e, no caso de o destinardes a afrontar certos mares, deveis ainda mandá-los forrar de cobre.

Não chegamos, todavia, ainda, ao vosso inimigo mais implacável, que sois vós próprias. Sim, levar-se a si própria, em certas horas, resistir aos choques da imaginação, aos abalos do coração, suportar a inércia, o torpor do seu caráter, sustentar sua alma em certos dias, em que se pergunta se se vive, em certas semanas, em que mais se sente a prisão do corpo, a dureza do exílio, o peso das cadeias, em que nos torturam mil sonhos chimericos, em que parece que lâminas finíssimas d'agonia nos separam as carnes, o sangue, a alma e o espírito, tal é a hora do combate verdadeiro, o momento em que é necessário o desenvolvimento duma séria coragem.

Suportar-se-iam ainda o marido, os filhos, os criados e os inimigos! Mas este desgraçado eu, muitas vezes tão estranho, tão bizarro, tão inconstante, eis o maior peso, e tanto maior, quanto nem um único instante nos deixa! Pode-se escapar ao marido, aos filhos, aos amigos e parentes, mas este triste eu é uma esfera pesadíssima que a natureza nos prendeu ao pé, no dia do nosso nascimento, não havendo forças humanas, bastante fortes, que possam romper-lhe a cadeia.

Chego agora a um delicado assunto, de que já levantei aos vossos olhos uma ponta do véu que o cobre, de que já esbocei alguns traços na nossa primeira conferência: - “Como

é uma coisa fraca o coração da mulher!” – disse o trágico inglês. (Shakespeare, Julio Cesar, ato I, cena 4ª)

Prestai atenção até ao fim antes de julgardes o que tenho a dizer-vos. O corpo humano precisa de carnes e ossos; as carnes são naturalmente, e devem sê-lo, mais moles que os ossos. Do mesmo modo, nos planos do Criador, e no magnífico ideal da união do homem e da mulher, eram necessários dois caracteres diferentes, um mais sólido, outro mais frágil: o pecado transtornou esta ordem primitiva, não lhe abalou os fundamentos. A missão da mulher exige alguma coisa mais doce na alma e nas formas, mais elástico, mais semelhante ao galhardete que se reprega e se torna, assim, mais facilmente o ornamento da árvore na qual está suspenso: a existência somente de partes sólidas neste mundo, produziria o mais solene enfado da imobilidade geométrica. Depois, a fraqueza do coração; quando é contida nos limites da virtude e da sabedoria, é a mais doce imagem da bondade de Deus. A família seria incompleta, mesmo sob o ponto de vista moral e sob a relação de influências, que devem exercer-se, se não houvesse em casa mais que o caráter viril do marido.

Bem vedes, pois, senhoras, que não sou um severo acusador.

Mas a natureza mais frágil e mais elástica da mulher pode degenerar, e muitas vezes degenera, sobretudo, na nossa época, em verdadeira fraqueza, em fraqueza mais ou menos culpada, mais ou menos nociva nos resultados.

Depende isto da maneira mole e muito fácil com que se educam as meninas, da ausência de verdadeiros e sólidos princípios religiosos? Será necessário acusar a febre de idéias, a agitação dos homens e das coisas, que fazem da sociedade uma vaga sempre em movimento?

É certo que os caracteres estão enfraquecidos, e que, naturalmente, esta fraqueza, esta falta de energia, se fazem sentir, sobretudo, nas mulheres.

Será necessário atribuir ainda este triste resultado as leituras enervadoras que amolecem, mais e mais, as almas, aos sonhos chimericos, que são os maiores dissolventes da força moral?

Nós cremos que a reunião de todos estes elementos diversos contribui para a produção do mesmo efeito: e, agora, sobretudo, pode-se, salvo raras e honrosas exceções, repetir com o trágico inglês: - “Como é uma coisa frágil o coração da mulher!” Esta fraqueza é causa dum outro defeito, que se censura em várias mulheres – a teimosia. – “Eu conheci centos e centos de mulheres – diz Montaigne – às quais mais facilmente faríeis morder um ferro em brasa, do que fazer mudar duma opinião concebida em momento de cólera.”

É provável que a opinião de Montaigne se possa aplicar a todos os países, e que em toda a parte haja, para as mulheres, o perigo de cáirem na teimosia. Tanto que uma idéia se lhes apodera da cabeça, deixa-lhe traços indeléveis, e, muitas vezes, não cede lugar a outra, por muito boa, por muito perfeita que ela seja: enroscam-se, e mais fácil vos era quebrá-la do que torcê-las uma linha. Desconfiai da pertinácia, e por este sinal a conhecereis: - quando sentirdes elevar-se a temperatura da cabeça, aninhar-se o vosso caráter, pularem as vossas faculdades à menor contradição, dizei logo a vós próprias: -

Cuidado! Eis os sintomas da febre da obstinação, já lhe sinto as tremuras. Ajoelhai imediatamente aos pés da cruz e dizei a Deus: - Senhor, defendei-me de mim própria, contra as minhas fraquezas, contra as minhas obstinações; retemperai minh'alma na Vossa graça, afim de que ela se não obstine nunca e conserve sempre a flexibilidade da inteligência e da caridade.

A mulher é fraca por natureza, por compleição; por temperamento, em consequência de sua educação: *femineum genus plerumque sane est et anima et corpore prorsus imbecillum.* (Cyril. Alex. Hom. Pasch. 28). E, todavia, quando a alma da mulher é excitada por uma generosa dedicação, quando, sobretudo, o amor de Cristo está no seu coração, ela é capaz de quanto há de mais elevado no pensamento, de mais nobre no coração, de mais heróico na coragem, de mais perseverante na luta. “Há mulheres, diz São Crisóstomo, que, não somente tem sido mais corajosas do que os homens, senão que também chegam à impassibilidade dos anjos. Há-as que, semelhantes ao rochedo imóvel são só não têm sido arrastada pela onda, mas que até hão quebrado em volta de si o mar espumante: tinham a solidez do ferro e a límpida dureza do diamante: *Ut ferrum, ut adamas.*” (De studio praesent. Hom.5)

Sim, senhoras, se a natureza vos não deu no mesmo grau que ao homem, a força moral ativa, a graça pode operar em vós uma obra de transfiguração e comunicar-vos, sobretudo, a força de paciência, a força de inércia inteligente, a força do rochedo à beira-mar, o qual vê as ondas levantadas contra ele permanecendo imóvel, o que faz com que, em breve, as dispersem frementes, e se desfaça, em espuma.

É especialmente esta força de longanimidade que eu vos recomendo: raramente tendes ocasião de exercer a força ativa, e se esta ocasião se apresentar, sabereis, como a mulher forte, fortalecer o vosso braço, e dirigi-lo sabiamente e com energia para a ação; mas mais habitualmente sedes fortes pela vossa impassibilidade, pela abnegação e pelo sacrifício. Tomai ao pé da cruz, nas vossas comunhões, nas vossas meditações, a elástica tenacidade para o bem, que vos converterá em heroínas, no lar doméstico. Os homens não contarão os diamantes do vosso suor, nem as vossas lágrimas de sangue sobre a pedra duma vida oculta; mas contá-las-á Deus, e os anjos as guardarão. Cada lágrima invisível que cair assim do vosso coração, transformar-se-á numa pérola preciosa. E que felicidade não será a vossa, quando um dia encontrardes no Céu um número incalculável delas, que formarão sobre a vossa cabeça mil diademas de glória e de alegria! Tais diademas serão tanto mais belos e mais gloriosos, quanto mais fraca tiver sido a natureza da mulher vitoriosa: *Ibi est corona gloriosa, ubi sexus infirmior.* (S. Aug. Serm. nº 281)

Que meios tereis, senhoras, de adquirirdes este espírito de força? Eu não conheço nenhum melhor do que a confiança em Deus, e o recurso a Deus, nas circunstâncias em que sentirdes desfalecida a vossa coragem. “O Senhor é o fundamento da minha vida – diz o Profeta – é o meu refúgio e o meu libertador: *Dominus petra mea et robur meum.*” (II. Reg. XXXII,2.) Apoiar-vos em Deus, como vos apoiáis no braço, e, sobretudo no coração de uma pessoa dedicada, e nunca vos faltará à verdadeira força. Poderá haver desfalecimento na parte inferior do ser, fadiga na imaginação, perturbação nos sentidos; mas a parte elevada da alma conservará sempre a sua serenidade, e isso é a principal virtude: o resto é um acessório, que, não só não tira nada ao verdadeiro mérito, senão que o aumenta e o torna mais agradável a Deus. Quando sentirdes as águas da tribulação prestes a submergir-vos, o enfado a ponto de cair sobre vós como um inimigo

encarniçado, ide descansar alguns instantes aos pés da cruz. Dizei a Deus: - Sim, tudo aceito, quero tudo quanto quereis, a tudo me resigno, com tanto que não cesse de Vos amar, nem deixe de permanecer unida a Vós! Levantar-vos-eis sempre com um sentimento de coragem e uma potência de ação, como não podeis supor. “A segurança do justo – diz São Gregório, o Grande – é justamente comparada à do leão, porque quando sente os ataques dirigidos contra ele, interna-se na inexpugnável fortaleza da sua alma: sabe que será o senhor de todos os seus inimigos, porque ama unicamente aquele, que ninguém pode subtrair-lhe.” (Moral, 1.31, c. 28.)

Sede, pois, como o leão, senhoras, tende a sua segurança. Ele tem confiança e não teme: tal é a natureza que Deus lhe deu, e é este caráter de seguridade e de força que Deus imprime aos seus verdadeiros amigos: *Justus quasi leo confidens, absque terrore erit.* (Prov. XXVIII). A alma forte pode ainda comparar-se a uma ilha, pobre, nas costas, mas rica, verdejante e imóvel no interior. Sede, senhoras, como a ilha afortunada: no meio das águas amargas que vos rodeiam – e cada uma tem uma boa provisão -; no meio das ondas que solevantam a barquinha da vossa existência, retirai-vos para o interior da vossa ilha, isto é, para a parte mais secreta do vosso coração. Tornai-vos num santuário oculto de que fechareis a porta, e não ouvireis o estampido das tempestades. Repetireis com toda a segurança o cântico do Profeta: - O Senhor é o fundamento da minha vida, é o meu refúgio e o meu libertador. (Ps. XVII.). É a pedra firme sobre a qual me apoio (Reg. XXII); nunca serei agitado: *Non movebor amplius.* (Ps. LXI)

11ª CONFERÊNCIA



*Gustavit et vidit quia bona est negotiatio ejus:
non extinguetur in nocte lucerna ejus.
Manum suam misit ad fortia,
et digiti ejus apprehenderunt fusun.*

*Ela experimentou e viu que o seu negócio é bom;
a sua lâmpada não se apagara de noite.
Pôs a mão em coisas fortes,
e os seus dedos tomaram o fusos.*

(Prov., XXXI)

A virtude da força é cercada de dois defeitos extremos, e deve caminhar pelo meio deles: a obstinação, que leva as suas idéias além dos limites da razão e da sabedoria, e a fraqueza ou pusilanimidade, que muda de idéias continuamente, segundo as influências exteriores, ou segundo os cálculos do amor próprio e do respeito humano.

Entre eles dois defeitos vão à força, com idéias como é necessário: - *secundum quod oportet*. Ela reflete, consulta e examina, e uma vez tomado o seu partido, vai direta ao seu fim, sem se inquietar dos juízos humanos. Todavia ela recorda-se que o homem, não sendo infalível na terra, deve conservar sempre uma certa flexibilidade e ductilidade de inteligência e de coração, para modificar as suas idéias, receber bons conselhos e retrair-se de um erro voluntário.

Depois de ter indicado alguns meios muito próprios para impedir o erro, tanto quanto o permita a nossa enfermidade, assinalamos um defeito muito comum, e muito oposto à virtude da força – susceptibilidade.

Numa segunda conferência, consagrada à explicação do mesmo versículo, mostramos, por um rápido olhar, sobre a vida humana, e sobre a vida das mulheres, em particular, quanto é necessária a virtude da força, quanto a sua prática devia ser quotidiana, e tanto mais, quanto a fraqueza do caráter e do temperamento moral é um defeito geralmente censurado na mulher, defeito que pode transformar-se em virtude heróica, quando, sob a influência da graça, a mulher põe em jogo as molas vigorosas e tenazes, que se reconhecem na sua natureza. Indicamos, finalmente, confiança em Deus e o abandono à Providência como principal meio de rebitar a força nas suas entranhas, e de fazer, na sua vida íntima uma aplicação contínua destas palavras da Escritura: - “O justo é semelhante ao leão; enche-se de confiança e nada receia: *Justus quase leo confidens, absque terrore erit.*”

Vejamos a continuação do texto: - Ela experimentou e viu que o seu negócio é bom; a sua lâmpada não se apagara de noite; pôs a mão em coisas fortes, e os seus dedos tomaram o fuso.

“Ela experimentou e viu que o seu negócio é bom.” - A virtude tem as suas provações e atribulações sobre a terra, mas também tem as suas alegrias e íntimas satisfações; e quando estas alegrias permanecem como servas da virtude, e não aspiram a dominar a alma, com prejuízo da senhora principal; quando tudo se relaciona com Deus e para Ele converge, como para o fim ulterior de todas as coisas, a alegria da virtude, e os legítimos contentamentos, que para a alma procuram, a vista das boas obras, e os sucessos dos trabalhos empreendidos, são uma das recompensas concedidas à alma justa, e que a mais severa moral não pode condenar. - “A alegria é a companheira necessária da virtude – dizia São Tomás – e para se ser verdadeiramente virtuosa é preciso rejubilar-se, fazendo bem...; pois até mesmo, quando a virtude é triste não se pode suportar por muito tempo.” (Ética, 1.1)

A vista do bem dilata o coração, anima a fraqueza, e centuplica a força primaria: a alma experimenta então alguma coisa da soberana complacência que fazia estremecer o

coração de Deus à vista da criação: *viditque Deus cuncta quae fecerat, et erant valde bona.* (Gen. 1-31)

Sim, eu gosto de ver a mulher forte, depois de dias, de semanas, de albores e fadigas, rejubilar-se com o resultado concebido ao seu trabalho, saborear a alegria do dever cumprido, contemplar com felicidade a ordem do seu interior, a regularidade do trem da sua casa, a harmonia e a calma a presidirem ao desenvolvimento pacífico de cada coisa, ao desabrochar de cada natureza.

Ela não somente contempla este espetáculo, mas goza-o, saboreia-o, é feliz com ele: é o que quer dizer o texto: - *gustavit et vidit.*

“Quando o bem nos alegra o coração – diz Santo Agostinho – isso é um grande dom de Deus: - *quando delectat bonum, magnum est Dei donum.* (In Os.118, serm.17.) Também um sábio doutor conclui que é necessário fazer com alegria e expansão, tudo quanto fazemos, e que é este o verdadeiro modo de praticar o bem, e de bem o praticar. (Idem, 81.)

A vaidade, e, algumas vezes, a tolice, podem, sem dúvida, abusar destes princípios e tornar perfeitamente ridículo o que em si é admiravelmente sábio, e conforme as máximas da verdadeira piedade. Encontram-se caracteres, por tal forma vaidosos, que tomam as chimeras do seu espírito como realidades, crendo-se numa maravilhosa posição, quando estão a ponto de naufragarem, semelhantes aos desgraçados, aos quais se fazia sofrer, sem que o pensassem, uma deplorável ilusão, e que tomavam por magníficas e verdadeiras construções os castelos de cartas que se lhes deixavam como sua futura herança.

Sim, o homem tem o triste talento de se enganar a si próprio, ou de consentir que outros lhe imponham, com espantosa facilidade, os erros mais grosseiros, com tanto que eles lhe lisonjeiem o amor próprio. Estes, cujos negócios vão pessimamente, imaginam que estão num estado de prosperidade, que excita a inveja geral: o caráter móvel glorifica-se numa firmeza a toda a prova: o ouriço – animal – julga-se um ser encantador, e a lebre gaba-se do seu valor belicoso. A lista das ilusões deste mundo seria demasiado longa para caber aqui: cada um vê os erros e as chimeras dos outros, e nem sempre suspeita as suas.

Seja como for, relativamente às misérias incontestáveis da nossa pobre natureza, não é menos verdade que seja permitido o júbilo pelo verdadeiro bem, e a glória em Deus com a modéstia do cristão: *qui gloriatur, in Domino gloriatur.* (II Cor. X, 17).

Por outro lado seria necessário dizer que sendo o nosso olhar sujeito a ilusões de ótica, não devemos nunca parar com a alegria e ventura diante de magníficos quadros, nem perante as belas cenas da natureza. Ninguém, seguramente quereria admitir iguais conseqüências: os erros e o abuso não provam nunca contra o legítimo uso.

Não terminarei a explicação das palavras da Bíblia: “Ela experimentou e viu que o seu negócio é bom”, sem vos dar um parecer muito útil para a vossa tranquilidade e ventura. Não vos glorifiquéis ordinariamente perante o público, das melhores coisas e mais incontestavelmente verdadeiras: podê-lo-eis fazer impunemente e com utilidade no paraíso terrestre, onde o bem de cada criatura era para as outras um assunto de alegria e

um meio de chegar a Deus. Mas no mundo atual, em que a inveja, a maldade, e a perfídia são, em muitas pessoas, as principais qualidades da sua natureza, qualidades postas à disposição dum espírito acanhado e malévolo, aconselho-vos a mais severa prudência e a mais elevada discrição. Ocultai, tanto quanto poderdes, o bem de vossa casa: há almas, para as quais, a vista do bem e da ventura dos outros é uma causa de ódio e de negras acusações. Escondei os vossos sucessos, ou, pelo menos, fazei-os perdoar, por uma grande modéstia; sede, tanto quanto depender de vós, como o regatosinho que deriva sob a folhagem. Receai as naturezas orgulhosas, para as quais a elevação dos outros é um ataque direto à sua personalidade e à sua sede de engrandecimento. Vivei sob o vosso teto, derramai a alma num pequeno círculo de pessoas amigas, mas tende ainda o cuidado de as escolherdes. Bem longe está do meu pensamento o aconselhar-vos a misantropia, ou a reserva exagerada, que seria um obstáculo à prática das obras de caridade; recomendo somente a justa ponderação das coisas, o sábio temperamento pelo qual, fazendo todo o bem, tomareis as vossas precauções contra a malícia dos homens, e as pequenas serpentes de vaidade e de ciúmes que se podem encontrar na esquina de cada rua.

O Sábio ajunta que “a lâmpada da mulher forte não se extinguirá de noite.”

Seguindo o sentido literal, seríamos naturalmente conduzidos a falar ainda da atividade da mulher que dorme pouco, que madruga, e se torna assim, o primeiro despertador de sua casa. Este assunto é muito delicado para torná-lo a tomar, e tanto mais, quanto creio que já disse o bastante para converter todas as almas de boa vontade, que não assinaram para sempre o pacto de vida com o travesseiro matinal. Demos, pois, um outro sentido às palavras da Escritura, um sentido que os doutores chamam anagógico, isto é, que vai de baixo para cima, e que sabe dum elemento material para chegarmos a uma conclusão mais elevada.

Ditosa a mulher, cuja lâmpada se não extingue de noite!

Ditosa a mulher que conserva ainda algumas nobres idéias, no meio da invasão de coisas materiais, e cujo coração permanece elevado sobre as plagas monótonas e baixas da vida!

Ditosa a mulher, cuja fé cristã é uma lâmpada que brilha constantemente, na noite deste mundo, nas trevas das paixões e da incredulidade! *Non extinguetur in nocte lucerna ejus.*

Guardai, senhoras, uma lâmpada em vosso coração, e que ela esteja sempre acesa! Que se conserve nos retiros mais profundos da alma, ao abrigo dos ventos que sopram de todas as partes do horizonte!

Essa luz é a estrela da viagem! É o facho do peregrino, que, de noite, vagueia pela floresta!

Há mulheres que conservam no seu espírito uma luz viva, ardente e calma: é a luz das grandes coisas, dos nobres projetos, das idéias santas. Há outras, ao contrário, que desde muito apagaram a sua lâmpada, e não vos nomearei os lugares onde está sepultada a divina claridade de sua alma.

Há mulheres que têm sempre alguma coisa de fresco no sentimento, de elevado no caráter e na conversação: não são sábias, mas sente-se, depois de alguns minutos de entretenimento com elas, que o seu espírito e o seu coração têm uma morada escolhida nas alturas do mundo intelectual e moral; sente-se que a fé e a piedade cristã regaram a haste que sustenta as flores da sua vida, e que elas lhes deram um porto, ao mesmo tempo, nobre e elevado.

Há-as, ao contrário, que se enterram todos os dias na lareira, nas cinzas da sua barrela, ou, o que é ainda pior, em todos os ruídos da cidade, em todas as crônicas malévolas, e no cortejo das coisas mesquinhas, pequenas, odiosas, que não só abaixa o nível das almas, mas que também as alimenta com o fel e o azedume.

Entre estas duas categorias de mulheres, a minha escolha está feita: e eu desejo que pertençais todas à primeira, que todas levanteis alto a luz da vossa vida, das vossas idéias, dos vossos sentimentos, sem nunca os sepultardes na lama, na malvadez ou no ridículo.

Eu gostaria mais de vos ver simples donas de casa, com idéias proporcionadas a esta posição; pois pode-se ser excelentes sem ter a inteligência muito desenvolvida; gostaria mais de vos ver assim, do que a mulher má e viciosa. Mas o que prefiro a tudo, é uma mulher cuja lâmpada da virtude, da inteligência e dos sentimentos elevados, está sempre muito bem alimentada: - *Non extinguetur in nocte lucerna ejus.*

“A mulher forte pôs a mão em coisas fortes, e os seus dedos tomaram o fuso.”

Pôr a mão em coisas fortes não é o exercício da vida inteira?

A vida do homem não é um sono sobre um leito de rosas: é um caminho escabroso, em que é necessário pôe continuamente a mão em coisas fortes e difíceis: *Manum suam misit ad fortia.*

Consultemos primeiro a história do vosso próprio coração: tendes necessidade de pôr de contínuo a mão nos reparos das brechas do vosso íntimo; tendes necessidade de pôr a mão, e pô-la vigorosamente, para deterdes a tendência do vosso coração, a impetuosidade da natureza e a violência do caráter; para reprimirdes a malevolência, o projeto de vingança, o azedume que se trai em toda a parte, nas vossas ações, nas vossas palavras e até no próprio silêncio. Vossa alma é um navio agitado por mil vagas ao mesmo tempo, e quando nada o abala exteriormente, levanta-se no interior dele uma legião de ventos tempestuosos, que o ameaçam com uma violenta explosão. Ponde a mão aí, ora à direita, ora à esquerda: - *manum suam misit.* Esta intervenção contínua será muito necessária para sustentá-lo em equilíbrio, e embora fosseis como o gigante Briareu, ao qual a fábula dá cem braços, ainda assim teríeis muito que fazer: - *Manum suam misit ad fortia.*

Vede esta circunstância penosa em que se pode achar vossa família, este escolho aonde podem ir quebrar-se a sua honra e a sua prosperidade: não vos deixeis adormecer; sede prudentes e sábias, mas atuai com prontidão e energia; um só golpe vigoroso, vibrado a tempo, pode salvar tudo: - *Manum suam misit ad fortia.*

Vossa casa, com um luxo relativamente suntuoso e magníficas aparências, declina visivelmente no interior, e vós não o apercebeis. Sede presentes, armai-vos de coragem: é essa a ocasião em que é necessário pordes verdadeiramente a mão em coisas fortes, e tanto mais, quanto mais se passará tudo na obscuridade de um silêncio pouco favorável ao amor-próprio, mas muito favorável ao desabrochamento das sólidas e verdadeiras virtudes. Remontai vossa casa desde os fundamentos; lutai contra uma corrente que vos parece dura, lançai a regularidade aonde reina a desordem, contende as ambições de cada um, e assim reconstruireis as bases dela: *Manum suam misit ad fortia*.

Se por acaso ela desabasse, e por maior desgraça, sobre vós e sobre os vossos, recordai, mais que nunca, a letra da Bíblia: ponde, não somente a mão, mas a cabeça e o coração em coisas fortes e difíceis. Suportai os choques; resisti aos golpes da desventura; sustentai em volta de vós, todas as fraquezas, todos os desfalecimentos; tornai-vos em mastro de navio que sustenta tudo – as vergas, as velas e os marinheiros que sobem : *Manum suam misit ad fortia*.

Que direi ainda?

Haverá um dia na vida em que a mulher não tenha de pôr a mão n'alguma coisa?

O navio da família e dos negócios não está exposto a avarias quotidianas?

Não é necessário, a cada momento, calafetar a chalupa desconjuntada?

E quando tudo parece felizmente acabado, ainda resta suportar a monotonia dos mesmos atos, e o céu de chumbo que pesa sobre nós, sem que se saibam os motivos, e o balanceamento da existência, que acaba por fazer enjoar o coração.

Ó mulher cristã, ponde continuamente a mão em coisas fortes! Tende sempre embaçado o escudo da paciência, da humildade e da resignação! A vida é assim e vós não a mudareis!

A experiência é o apanágio inalienável da existência humana, e vós não lhe escapareis, antes irá procurar-vos ao vosso leito, como a maré que sobe, e será bem preciso levantardes-vos para compreenderdes, enfim, a necessidade da luta e da aplicação constante de uma mão vigorosa nas coisas da vida: *manum suam misit ad fortia*.

Os seus dedos tomaram o fuso: *ad digiti ejus apprehenderunt fusum*.

Seguindo à letra, estaríamos expostos a repetir, ao menos em parte, o que dissemos na nossa conferência relativamente ao trabalho manual; vejamos, porém, se estas palavras são susceptíveis de outro sentido.

Segundo a fábula, as Parcas eram deusas que tinham uma toca, um fuso e umas tesouras; fiavam a vida humana, cortavam-na depois, e a existência dos homens era feliz ou desgraçada, segundo a natureza de lã que era empregada pelas inexoráveis deusas.

Não se pode dizer que representamos neste mundo, mais ou menos, o papel das Parcas?

Somos nós que preparamos um pouco os nossos destinos. Há, sem dúvida, experiências e desgraças que nos esperarão, seja qual for a natureza da lã empregada: apesar da nossa sabedoria, da nossa bondade, do nosso desejo do bem, não escaparemos as contradições, aos ódios, ao espírito de partido, as mentiras e as surdas perseguições.

Sobre isso tomemos o nosso partido como bravos: Nosso Senhor e os santos passaram por esta via, saibamos entrar nela com coragem, e, senão com alegria, ao menos com resignação.

Mas que será se, as experiências inevitáveis da vida, ajuntais as experiências, as desgraças ocasionadas pelos vossos vícios, pelas vossas imprudências, e pela falta de sabedoria e guiamento?

Não haveria indiscrição em vos fazer notar que há mau fiado no vosso fuso? Dizei-me; qual é a causa desta amarga decepção?

A causa sois vós.

Pusesteis no caminho deste negócio o desnorteamento, a má fé, talvez; escutasteis demasiadamente, o amor próprio, a vaidade, os motivos puramente humanos; quereis um futuro brilhante e procuráveis as esperanças mundanas e a glória mentirosa deste século.

Eis a lã que fiasteis: admirais-vos do que se encontra no fuso?

Quando as Parcas fiavam lã branca – dizem os autores – a vida era longa e feliz; quando a torciam negra, era semeada de desgraças e contradições. Ó vós que acusais a sorte! Parece-me que a lã que fiasteis desde a mocidade era negra e de má qualidade. Podereis matar-vos, mas o tecido da vossa vida não será nunca conforme aos vossos desejos.

Engano-me, todavia: - com Deus é sempre tempo de retroceder, de repor lã excelente na trama da existência, e de obter em volta do fuso produtos perfeitos; mas é necessário possuir a coragem de talhar, de cortar toda a lã negra, e de fiar, em seguida, o tecido da existência com lã branca, com a lã do Cordeiro Imaculado, isto é, com a virtude, a sabedoria, a justiça, e a santidade, pois tal é a que cobre o Cristo: *Lanam Agni immaculati*.

Digamos ainda que a roca, a mão e o fuso representam a vida humana. – A lã é a imagem de tudo quanto forma o tecido da nossa vida. Vede como ele se vai em farrapos: é apanhado pela rápida mão do tempo, para o qual é forçoso que tudo se divida. Tudo gira em volta de nós, tudo se vai, tudo é arrebatado por um movimento que nada detém: fica apenas o fiado enroscado ao fuso, isto é, as nossas boas obras, as nossas virtudes, os nossos bons pensamentos e as nossas santas ações.

Possa a vossa vida, senhoras, ser fiada com lã do Cordeiro Imaculado!

Quando entrardes no céu, os anjos beijarão vossas mãos com respeito, e exclamarão: - Ditosas mãos, que sustentasteis o fuso com santa habilidade, e que soubesteis fabricar antecipadamente um manto de glória para a eternidade: *Et digiti jus apprehenderunt fusum*.

12ª CONFERÊNCIA



*Manus suam aperuit inopi et palmas suas extendit ad pauperem.
Ela abriu a sua mão ao indigente, e estendeu os braços e as mãos ao pobre.*

(Prov., XXXI)

Senhoras.

Explicando os dois antecedentes versículos do livro dos provérbios, sobre a mulher forte, vimos que ela podia gozar do bem que se opera em derredor dela, do bom resultado das suas obras, e deixar expandir o coração no espetáculo da felicidade e da prosperidade de sua família, uma vez que a sua alegria não fosse de orgulho e estivesse contida nos limites da sabedoria: pois o abuso das melhores coisas pode conduzir a alma aos sentimentos do pueril amor-próprio e da triste vaidade, que, de tal forma são comuns entre os homens, que até, muitas vezes, senão sabe que conselhos se lhes hão de dar.

Se alguém os empenha a rejubilarem-se em Deus, e rejubilarem-se com tudo quanto pode ser bom na vida, porque a vista do bem dilata e anima, deixam-se cair no ridículo e na desorientação de uma miserável vaidade; se, no contrário, alguém comprime ao mesmo tempo, a mola do louvor e da justa apreciação das coisas, e se detém assim a legítima satisfação que pertence necessariamente à virtude, segundo a doutrina de São Tomás, a alma estiola-se, e expõe-se a perder toda a energia, e toda a atividade para o bem.

Recomendamos em seguida, uma grandíssima reserva na manifestação do bem e da alegria. Pondo mesmo de parte os princípios da humildade, o orgulho, a inveja, a vaidade magoada e os pequenos amores-próprios, que nos rodeiam sempre, como

pequenas serpentes, deveriam empenhar-nos a viver na obscuridade, a ocultar a nossa ventura, o nosso engrandecimento, e a passar neste mundo, tanto quanto possível, como o regalo sob a folhagem.

Depois de ter dado um sentido anagógico ao outro versículo: “A sua luz não se apagará nas trevas”; depois de tê-lo aplicado às mulheres admiráveis, que conservam sempre no seu espírito e no seu coração a alampada dos santos desejos, dos nobres pensamentos, dissemos, com a Escritura, quanto era necessário à mulher o pôr a mão nas coisas fortes, o armar-se de coragem, e lutar energicamente contra as dificuldades da vida. Afinal, a propósito do fuso que gira entre as mãos da mulher forte, ajuntamos que ele representava a vida, e que a nossa existência era feliz ou desventurosa, segundo a qualidade da lã que fiávamos.

O versículo seguinte pode traduzir-se, conformando-nos com o original: - *A mulher forte abriu a sua mão ao indigente, e estendeu os seus braços e as suas mãos ao pobre.*

Não vou hoje fazer um tratado a respeito da esmola: tal assunto levar-nos-ia muito longe, além de que talvez o desenvolvamos qualquer dia. Vou, sobretudo, encarar a esmola, nas suas relações com a mulher forte e com o fim da nossa associação.

Recordemos primeiro que há uma obrigação severa e rigorosa de dar esmolas, cada um segundo as suas posses, já se vê. Há para o rico – e a maior parte da gente tem a riqueza relativa que permite dar alguma coisa – há para o rico um expresso mandamento de dar, ao menos uma parte do seu supérfluo, ao pobre. O rico não é aos olhos da fé, um proprietário dos seus bens, por tal forma independente, que possa gastá-los e abusar deles à sua vontade: o rico é, perante a justiça de Deus, uma espécie de usufrutuário que tem de dar contas ao primeiro Senhor do universo, do emprego dos seus tesouros; e um dos principais empregos, depois do uso conveniente e determinado pela sabedoria, é o de derramar o que transborda da sua fortuna, no seio dos pobres. Mas – e insistimos sobre este ponto porque separa o ensino católico das doutrinas subversivas de toda a sociedade – o pobre esquecido não tem o direito de fazer justiça por suas mãos: o rico, para o cumprimento do preceito da esmola, não é réu do tribunal da revolução, pois só Deus tem o direito de se constituir em vingador do pobre desamparado.

Esta admirável doutrina conserva a esmola o seu mais belo caráter, que é a espontaneidade; e, todavia, em toda a parte há operado prodígios de caridade. Segui outros princípios, que não estes, e caíres necessariamente nos insondáveis abismos das teorias socialistas.

Agradecei, senhoras, a divina Providência, que vos ajuntou num grêmio de caridade, e vos deu assim o meio de mais facilmente praticardes um dever, que cumpre a todos os cristãos. Quando se está só, isolado, sem estimulante exterior, acaba-se por se dormir sobre as respectivas obrigações; esquece-se, é se indiferente; desliza-se, sem se pensar, num declive insensível, e chega-se ao sono mais completo.

Tal mulher daria a esmola, porque é bondosa, porque é cristã, porque é naturalmente misericordiosa, mas nem nisso pensa. Retirada na sua vida íntima encontra menos facilmente as ocasiões; raramente lhe é lembrada esta obrigação; atrofia-se-lhe o sentimento de caridade; torna-se áspera para os pobres, não por sistema, mas por hábito.

Parece-me, ao contrário, senhoras, que as vossas reuniões mensais, que as vossas assembleias particulares, que a visita ao pobre e o conjunto da vossa organização, são um discurso vivo, que vos recorda um dos principais deveres: é o despertar da alma indolente e preguiçosa; é a súplica do pobre; é o seu grito de agonia que se vos faz ouvir sob todas as formas.

É, pois, uma benção especial de Deus, o ter-vos chamado a fazer parte duma obra de caridade, porque reunindo vossos pensamentos e esforços, Ele deu-lhes uma força e uma solidez que nunca se encontra no isolamento. É uma benção de Deus, porque a graça do céu é permitida a reunião de duas ou três pessoas, quando se faz em nome de Cristo: e, sob esta relação, não temos a dirigir a Providência senão ações de graças. A nossa obra foi além de todas as esperanças, desenvolveu-se dum modo admirável, pela quantidade e pela qualidade dos membros; e hoje se não é sobre dois ou três que o olhar de Deus se detém com complacência, é sobre uma assembleia tão numerosa, como escolhida.

Há, pois, sob esta relação, uma verdadeira benção do céu; mas não é também uma benção do céu, o tocante espetáculo das almas piedosas que se reúnem para ouvirem missa, para escutarem a palavra de Deus, e conversarem juntos nos meios a tomar para fazerem e aperfeiçoarem o bem?

Sim, senhoras, digo-o com toda a certeza: foi-vos concedida a graça de Deus, e deveis em reconhecimento, e com receio dum abuso que seria altamente culpável, deveis aproveitá-la para reanimardes o vosso zelo e a vossa caridade para com os pobres.

“A mulher abriu a sua mão ao indigente, e estendeu os braços e as mãos ao pobre.”

Tendes feito pelo pobre e pela nossa associação tudo quanto podeis?

Não julgueis que vos venho assustar com obrigações desconhecidas.

Começai por tomardes das vossas rendas tudo quanto é necessário e seriamente útil, não só as necessidades absolutas, mas a prosperidade e decoro de vossa casa. Tendes na sociedade a classe que deveis ocupar, e guardai-a com tanta conveniência como amenidade; nestas concessões, creio ser tão largo, como o reclamam a vossa posição, a reputação de vossas famílias, e o futuro de vossos filhos. Mas, uma vez feitas estas concessões, retomemos a nossa questão: - Tendes feito pelos pobres e pela nossa associação tudo quanto podeis?

Primeiro em socorro materiais: a nossa quota é pequeníssima; não foi o máximo o que nós quisemos estabelecer, foi o mínimo para nos pôr-mos ao alcance de todas as bolsas, foi um mínimo, que se pode exceder, e que sempre nos será grato ver excedido.

Não poderíeis fazer mais, e se o podíeis porque o não fizestes?

Se pretendes que a vossa esmola seja desconhecida, há mil meios de conservardes o benefício do anônimo e a felicidade de só serdes conhecidas de Deus.

Fora de nossa instituição, procurais, segundo os vossos meios, acudir as mil formas de miséria? Direis talvez: - Eu não posso; este sacrifício é impossível, porque arruinaria sucessivamente a minha família e os meus filhos.

Se há impossibilidade real, não insistirei, e retiro a minha interrogação. Mas tendes a certeza de que não podeis? Quereis permitir-me que eu visite convosco o vosso guarda-vestidos?

Não recearei, segundo o método dos Santos Padres, nas suas instruções familiares, descer a minuciosidades, que podem parecer exageradas, mas que têm a inapreciável vantagem de entrarem no âmago da questão.

Que coleção de coisas sem serventia! Quantas dúzias de vestidos, de chalés, de chapéus, e de tantos outros objetos, de que tantos outros objetos, de que nunca soube os nomes!

Dizei-me com toda a sinceridade se não serieis tão bem adornadas, tão convenientemente vestidas; se a vossa aparição na sociedade não seria tão razoavelmente brilhante, depois de terdes cortado, ao menos, metade dessa coleção de coisas empilhadas? Quem, durante a sua vida, não ouviu uma ou várias histórias de mulheres ricas, e que, no entanto não têm nada? Perdão, engano-me; têm uma multidão de contas a pagarem nas lojas de todos os fornecedores da cidade. Essas têm a mania de comprarem continuamente objetos novos, chapéus, vestidos, chalés e calçado; a derradeira moda é sempre a melhor. Possuem um número fabuloso de armários; e, uma vez comprado o objeto, servem-se dele, quando muito em duas ou três ocasiões, abrem depois um dos seus móveis, e nele depõem o objeto condenado a não mais ver o dia. Chegam assim a elevarem grandes montes de roupa, e se alguma vez são obrigadas a mudar, o público pode pôr-se as janelas para ver desfilar o cortejo.

Não carrego a narração, senhoras; historio apenas... – Obrigadas! Direis, mas isso é uma monomania, graças a Deus!

Ser-me-á permitido responder que há diversos graus de febre?

Pois muito bem, e, com franqueza, não tereis um pouco desta monomania, não proximamente no mesmo grau, não até ao ridículo exterior?

Em verdade calculai todos os objetos de luxo do vosso uso, percorrei os vossos aposentos e armários: quantas coisas sem serventia absolutamente de qualidade alguma! Pois eu não chamo qualquer coisa ao capricho de um momento, a desarrazoada fantasia de uma imaginação sempre em busca de novas modas, sempre engenhosa, em se criar pretendidas necessidades, e que nunca soube conter-se nos limites da razão, da sabedoria e de uma honrosíssima representação...

Deixemos, porém, o passado; faço-vos uma súplica para o futuro, e faço-a em nome de Nosso Senhor, em nome dos pobres, em nome dos vossos mais caros interesses e dos da vossa família. Cortai do orçamento das vossas despesas todos os objetos verdadeiramente inúteis, imponde este sacrifício as exigências da vossa fantasia. Sede severas neste ponto, pois, certificai-vos antecipadamente, os pretextos não vos faltarão. Quantas vezes a imaginação vos dirá, ao entrardes numa loja: - Como este vestido me ficaria bem! Que magnífico efeito produziria! E este chapéu! Como está elegantemente

fabricado, com a mais delicada combinação nas cores! Como eu o aproveitaria bem nos dias festivos! E este móvel! Se eu o comprasse para adornar os meus aposentos!...

Lamentarei os pobres, a bolsa de vosso marido e a vossa própria ilusão, se escutardes a voz de tal sereia.

Julgais que sereis mais felizes depois da aquisição de quanto cobiçastes; enganai-vos e talvez que a experiência vos tenha ensinado já a este respeito. Não; não sereis mais felizes; mal vestireis o vestido, ou deposto o móvel na vossa câmara, já todo o prestígio terá desaparecido, toda a frescura da aquisição será murcha: ficar-vos-á o vácuo no coração, e talvez, se sois seriamente cristãs, o aguilhão de remorso. O remorso! Pois não é verdade que muitas mulheres trazem sobre si, em objetos perfeitamente inúteis a conveniência do seu estado, e até ao esplendor da sua posição, o que bastaria para sustento de um grande número de famílias, que morrem de fome? Quando as coisas chegam a este ponto, é certo, aos olhos da razão e da fé, que a dor dos desgraçados é um grito de vingança, contra os que cometem semelhantes excessos.

Tendes ouvido falar das catástrofes violentas, que transforma as fortunas mais sólidas, ou dos íntimos pesares que atingem as mais belas posições e crucificam as almas, num doloroso calvário, no meio de todas as magnificências de uma brilhante posição. Não sabeis como explicar sucessos tão imprevistos, quando a verdadeira explicação está na doutrina que desenvolvo neste momento. Havia talvez nessas famílias os excessos de gozo e de bem-estar que igualavam as do paganismo; havia na mesa e nos aposentos suntuosidades quase orientais, enquanto que na rua passavam, arrastando-se, os pobres, famintos e nus, sem vestidos e sem alimentos: *Et epulabatur quotidie splendide, et erat quidam mendicus, nomine Lazarus.* (Luc. XVI.)

Deus sofreu por muito tempo, mas uma hora foi chegada em que a Sua justiça desbordou; vibrou golpes que são um ensino para todos. E quando não fere sobre a terra, é isso, muitas vezes, a prova de que a sua cólera chegou aos últimos limites, e de que reserva para o crime outros castigos, de que os da terra apenas são uma tênue sombra; pois quando Deus pune neste mundo, é sempre com a idéia oculta de misericórdia.

Que ventura, ao contrário, no sacrifício que se faz em favor do pobre!

E não me refiro somente ao sacrifício real; trata-se. Em muitas circunstâncias, de um sacrifício de fantasia.

Renunciasteis ao vosso desejo, aparasteis as asas à curiosidade feminina, que quer, não somente ver, senão também possuir tudo quanto vê.

Não é desta curiosidade que se poderiam dizer também estas palavras da Bíblia: - “Ela nunca saciou os seus olhos nem os seus gozos”; ou: - “Irei e nada me recusarei de quanto possa agradar-me: - *Vadam et affluam deliciis et fruar bonis.*” (Eccl. II)

Tivesteis a coragem do renunciamento, e em lugar de satisfazerdes um capricho, consagrasteis a soma dele a uma boa ação, e, sobretudo, ao alívio dos pobres. Deveis julgar-vos mil vezes felizes: cumpristeis um preceito, e tanto basta para a vossa dita. Vede, porém, como o Senhor combinou tudo de um modo maravilhoso: fizesteis bem

aos pobres; é uma recordação que se vos grava no coração e que vos perfuma a existência. Nunca a posse de um objeto de fantasia, nunca o achado e o uso de um vestido de cores brilhantes vos produzirão tais alegrias, essa paz, essa doce e profunda emoção, que dá a lembrança de um pobre socorrido.

Eu agradeço a Deus por ter estabelecido esta lei, por ter avaliado a grandeza da nossa alma, permitindo-lhe que não encontre verdadeira satisfação nos brinquinhos de luxo e da vaidade. Agradeço-Lhe o ter estabelecido esta lei, de que nunca a nossa alma desça aos lugares inferiores, para ali procurar um gozo culpado, sem encontrar pontas acirradas, amarguras e dores purgentíssimas; agradeço-Lho, porque tais martírios são, muitas vezes, necessários, para fazerem elevar a alma humana, e lhe fazerem deparar com o lugar que nunca deveria ter deixado.

Tendes feito bem aos pobres! – Sabeis a transformação que se opera? Não é para com os míseros, é para convosco que sois misericordiosas. O óbolo lançado no seio do pobre, é dinheiro emprestado a elevados juros, dinheiro que produzirá centuplicadamente, e vos fará a vós e à vossa família, dignas das graças abundantíssimas. Deus é tão generoso, que quando se dá, em Seu nome, esmola a um pobre, não pretende que seja gratuitamente: constitui-se imediatamente em caução dEle, em Seu fiador, e manda aos anjos do céu que tomem nota da soma dada, e que registrem o capital com os juros da taxa mais subida.

Um dia, no céu, espantar-nos-emos de encontrarmos numerosos tesouros que se amontoarão, cuja base primitiva terá sido uma pequena esmola dada com muito amor, do mesmo modo que uma pequena esfera de neve se torna nas altas montanhas o centro de uma imensa avalanche que cobre os prados. Sabeis por que certa casa prospera? Examinai-a de perto, e vereis a sombra de uma mulher piedosa que, oculta na penumbra da humildade, pratica o bem, convertendo-se no fundamento em que assenta a felicidade da sua família. Deus, na nova lei, não ligou à observação dos preceitos a ventura temporal como fim e recompensa principal; mas, entretanto, segundo dizem os doutores da Igreja, a dita, acompanha ordinariamente neste mundo a virtude sabiamente regulada. (S. Tomás, In Epístola I ad Corinthios)

Não só a felicidade, mas a prosperidade material e o aumento da fortuna são uma das conseqüências da esmola; parece uma contradição, e, todavia, é uma verdade experimentada. Quanto mais água se tira de um poço, em certos limites, tanto mais abundante ele é; o mesmo acontece, não sei por que mistério da ordem moral, com a esmola lançada no regaço do pobre, que se torna para as famílias uma fonte de prosperidade e de engrandecimento. Dir-se-ia que a esmola é como a água que o sol levanta de antemão sobre os rios e os marasmos; parece que é um desfalque que o astro do dia lhes faz sofrer, e é precisamente o contrário: - a água sobe, transforma-se em nuvens, e desce mais pura e mais fresca. Experimentai senhoras, e não vos ficará dúvida alguma a este respeito.

Pelo contrário, quantas catástrofes nas fortunas, que foram lentamente reconstruídas com as durezas para os pobres?

E quando a catástrofe exterior não existe, operam-se ocultamente espantosos mistérios de justiça.

O Senhor tira a certos ricos o sentido da verdadeira ventura, crucifica-os sobre os seus tesouros, flagelá-os com cada objeto que parecem possuir; impõe às rosas dos seus jardins que brotem espinhos para os ferirem, e tudo quanto os devia tornar felizes, converte-se para eles numa fonte de agonias e cruéis decepções.

Mas Deus – diz a Escritura – ouve o grito do pobre (Ps. IX, 13); e que pede o soluço do mísero, senão a felicidade do que se lhe mostrou generoso? A súplica do pobre, quando roga pelo seu benfeitor, o ai de uma alma desgraçada a quem se prestou um serviço, são para mim de uma extrema confiança, e não vos ocultarei que uma das grandes alegrias da minha vida pastoral, desde que tomei posse da diocese, foi esta: ou recebi, há meses, um bilhete de uma pobre rapariga doente, que outrora confirmei, no seu leito de dor; tinha andado a pé alguns centos de metros para visitá-la, e cito esta minuciosidade, porque naquela alma tudo se havia convertido em assunto de reconhecimento. Escrevia-me algumas palavras simples e comoventes para me agradecer e terminava, pouco mais ou menos assim: - “Há cinco anos que se não tem passado um único dia sem que tenha orado por vós.”

Esta singela frase fez-me melhor que o melhor presente que a bondosa rapariga me pudesse mandar.

Pois bem, senhoras; vós podeis granjear consolações desta natureza; podeis adquiri-las todos os dias, pois tenho a certeza de que de vários leitos de dor, de vários casebres obscuros, se levanta, para vós e vossas famílias, um grito agudo, que vos obtém as graças mais preciosas, que vos afasta de gravíssimos perigos, assegurando-vos o vosso futuro e o futuro de vossos filhos. O Senhor está empenhado nisso e deu a Sua palavra: “Deus – diz o sábio- escutará a súplica do pobre” (Eccl. IV, 6); e além disto, o salmista ajunta, que o Senhor atenderá “o seu simples desejo”; *desiderium pauperum exaudivit Dominus*. (Ps., X,17).

A esmola não é, pois, na realidade, mais que um empréstimo feito a Deus na pessoa do pobre, um empréstimo de usura, cujo juro centuplica o capital, começando a pagar-se neste mundo. Depois destas considerações gerais sobre a esmola, volvo ao estudo mais especial do nosso texto: - “A mulher forte abriu a sua mão ao indigente e estendeu as suas mãos e os braços ao pobre.” A maneira mais verdadeira de praticar isto, é a visita ao pobre, como vos impõe o vosso regulamento: só assim podereis dizer em toda a verdade que estendeis as mãos ao pobre: *Palmas suas extendit ad pauperem*.

A visita aos necessitados é um dos alvos principais da nossa associação; e é feita por vós, regularmente? Se realmente tendes ocupações incompatíveis com esta visita, não insisto; mas são altamente sérios os motivos? Não é antes uma certa preguiça, ou, se gostais mais, uma certa timidez de carácter que não se apraz em experimentar o que ignora? Não é receio do deslocamento? O medo de algum sacrifício? Longe estou de supor que a visita aos pobres não tenha os seus enfados para a natureza; deveis encontrar coisas e pessoas, às vezes pouco amáveis; deveis achar-vos em face de desordens capazes de vos afastarem, e que sei eu? Talvez palavras pungentes e processos injuriosos como recompensa dos vossos serviços.

Mas não é necessário sofrer por Nosso Senhor? Não é necessário sofrer, fazendo bem? Assim tem-se mais mérito, e a recompensa será mais formosa.

Não é o calvário a montanha do cristão, e não vale mais subi-la, sofrendo pela justiça?

Encontrareis, sem dúvida, almas reconhecedoras, que vos agradecerão; encontrareis, e tenho a certeza de que já tendes encontrado belas almas, e delicados corações, sob uma casca, às vezes, um pouco verde. O coração humano tem fibras, em que bem sempre se toca em vão; e, entre essas, ponhamos em primeiro lugar, o reconhecimento e a recordação dos benefícios. Essas flores da alma não brotam talvez no momento em que quereríamos colhê-las; encontrareis naturezas em que o botão parece morto, e que, a uma certa hora, vos espantará, com o seu imprevisto desabrochamento.

A vista do pobre terá uma grande vantagem; far-vos-á ver, de perto, a dor, mas a verdadeira dor... Muitas vezes queixais-vos, de coisas que alegrariam o coração do necessitado, e outras, a causa dos vossos sofrimentos é, ao menos em parte, na imaginação, nas chimeras do espírito, ou ainda na abundância de uma posição, que vos torna mais que exigentes.

Ide ver o verdadeiro martírio, ide contemplar o pobre e o enfermo no seu obscuro casebre, ide visitar as míseras mulheres, cuja vida é um tormento lentíssimo, e cuja nudez externa é zero em comparação das privações do coração. Ide ver esse espetáculo, e voltareis quase envergonhadas de vós mesmas, voltareis fortes, generosas, e dispostas a levardes a vossa cruz com varonil coragem. Seria isto uma imensa vantagem, quando a visita aos pobres não produzisse outras. Tende ido muitas vezes a espetáculos aonde a entrada é caríssima, para não trazerdes senão o aborrecimento, o vácuo e um desgosto mais profundo do vosso íntimo. O espetáculo da virtude pobre e cansada, em luta com a enfermidade e a indigência, ligar-vos-á, mais fortemente a todos os vossos deveres, e dar-vos-á uma dupla consolação, a consolação do coração que lenitiva, e a do coração que compara: pois mais vale – diz o Espírito Santo – ir a uma casa de luto, que a uma casa de alegria. (Ecles. VII, 3).

A primeira deixa uma impressão de salubridade moral, a segunda, ou um peso ou um vácuo no coração, quando não vem o remorso fazer-vos pagar mais caro ainda os prazeres doentios! Suplico-o, senhoras, e dirijo-me a todas as de entre vós, que o podem, retomai a visita aos pobres, se a abandonasteis, ou se ainda a não praticasteis ide hoje mesmo dar o vosso nome e fazer-vos inscrever na lista das damas visitadoras. Suplico - vo-lo do modo mais instante, e não podereis granjear, seguindo este conselho, maior prazer para o coração do vosso pastor. A visita aos pobres é um dos cunhos especiais da nossa associação, e trabalho para lho conservar religiosamente. Indo ver os pobres aos seus domicílios, fareis um bem que não operareis nunca, ainda mesmo dando dinheiro, que pessoas estranhas levarão, e ainda mesmo que a quantia seja muito considerável. Vereis o necessitado e a vossa presença o animará; falar-vos-ei afetuosamente, e as vossas boas palavras ser-lhe-ão ainda mais agradáveis e mais úteis do que a vossa esmola, ou, pelo menos, juntas ao socorro material, tornar-lhe-ão muito maior o poder.

A mulher, quando quer, tem a delicadeza da atenção, a previdência de processos, a doçura das palavras que serena os males e aumenta a força e a paciência. É na visita aos pobres, sobretudo, que ela pode ser a mensageira das boas novas: pode vibrar palavras com a santa destreza da caridade; pode dizer uma palavra, uma única, mas dizê-la com esse tom, com esse assento, com essa forma graciosa, que só pertencem à sua natureza; pode proferir uma palavra e eis talvez uma alma quase convertida, eis, pelo menos, o germen de uma conversão próxima – “Os pés dos santos, podem grandes coisas, quando

visitam as casas – diz São Crisóstomo – santificam o pavimento que tocam, levam tesouros consigo, corrigem as naturezas viciadas, e expulsam a miséria corporal”.
(*Ecclog. De Eleemosyn. T. XII*)

Visitai os pobres, senhoras; e não vos contenteis convosco nas semanas em que o não fizerdes: não sabeis o bem que operareis, porque se o supusésseis, ousou acreditar, que, exceto as que estão na impossibilidade de o fazerem, todas daríeis o vosso nome para a visita a Nosso Senhor, nas pessoas dos Seus pobres. É, sobretudo nestas visitas que “abrireis a vossa mão e o vosso coração, e que as estendereis ao indigente.”

Numa recente viagem vi representada como símbolo de um dos mais belos vales dos Períneos, uma mulher de elegante estatura, que semeava flores na sua passagem. Que seja também assim o símbolo da vossa vida: semeai a esmola, semeai os benefícios, semeai as boas palavras e os bons conselhos na vossa passagem; que vossas mãos e vosso coração estejam sempre abertos; quando vos faltar o dinheiro, daí a moeda do coração, pois diga-se o que se disser nesta época de materialismo, esta moeda tem o seu valor, é ainda mais preciosa que a outra: mão a substitui completamente, mas deve acompanhá-la sempre; e quando os limites impostos à melhor vontade já não permitam dar a esmola em dinheiro, a mulher forte acha, na bolsa inesgotável do seu coração, recursos desconhecidos, prodigaliza-os com toda a ternura da caridade, e assim é sempre verdade o dizer-se dela: - “Abriu a sua mão ao indigente, e estendeu os braços e as mãos ao pobre: *Manus suam aperuit inopi et palmas suas extendit ad pauperem.*”
(Prov., XXXI)

13ª CONFERÊNCIA



*Non timebit domui suae à frigoribus nivis:
omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus.
Stragulatam vestem fecit sibi;
byssus et purpura indumentum ejus.*

*Ela não receará para a sua casa,
nem o frio nem a neve,
porque todos quantos a habitam tem dobrados vestidos.
Ela fez ricas tapeçarias, e vestiu-se da púrpura e linho.*

(Prov., XXXI, 21-22)

Um dos principais fins da nossa associação é o alívio físico e moral dos pobres, e o modo mais eficaz de conhecermos as necessidades dele e de as limitarmos, é visitá-lo, e subir essas escadas que todos os dias pisam os pés do indigente, é penetrar nos redutos obscuros, em que se esconde a miséria, e levar ali a esmola material e a esmola das palavras afetuosas. Assim, aproveitei o texto da Escritura, que se apresenta por si só como suficiente para nos recordar as principais obrigações da nossa missão: - "A mulher forte abriu a sua mão ao indigente e estendeu-as ao pobre." A esmola é uma obrigação restrita e rigorosa, que pesa na consciência dos cristãos, segundo as posses de cada um. Mas todos, e quase que sem exceção, podem e devem dar: "Dai pouco, se tendes pouco - dizia Tobias (Tob. IV, 9). Cada um pode ter um pouco de supérfluo e dar a esmola com o que arrancou ao desejo de uma paixão qualquer.

Depois de ter enumerado as principais vantagens da esmola, insisti mais especialmente na vida aos pobres, recomendai-vo-la, e, supliquei-vos, que se opõem a esta forma de caridade.

É vendo o pobre que podereis fazer-lhe um grande bem; é vendo-o, que dareis à vossa esmola um duplo valor.

Pois a presença duma pessoa afetuosamente delicada não é uma excelente esmola, que, junta ao socorro material, aumente de valor?

A palavra doce e ternamente misericordiosa, os olhares que se compadecem da sorte do pobre, a comiseração que vai ao encontro da dor para aliviá-la, tudo contribui para fazer da visita ao pobre, uma obra especialmente útil e meritória, uma ação que nada pode substituir.

Não receio afirmar que algumas moedas, dadas assim ao pobre e acompanhadas da caridade, que se dá a si própria, valem mais e fazem melhor que uma quantia considerável enviada friamente ao casebre por uma pessoa estranha.

"A mulher forte - continua o Espírito Santo - não receará para a sua casa nem o frio nem a neve, porque todos quantos a habitam tem dobrados vestidos: ela fez ricas tapeçarias e vestiu-se de púrpura e linho."

A primeira parte desde texto, mostra-nos primeiro, como a piedade bem ordenada sabe unir à prática das altas virtudes, a providência mais ativa por todas as necessidades e interesses pessoais. A casa da mulher forte deve ser modelo de ordem, de arranjo e de abundância, pelo menos relativa. Tudo ali deve ser duplicado, segundo a expressão do sábio; e como governar é prover, a mulher forte tem sempre alguma coisa de reserva para os casos imprevistos. Os móveis, os vestidos, a roupa branca, o serviço de mesa, nada é desprezado, tudo está no seu lugar, perfeitamente disposto, e em número suficiente para todas as eventualidades. As necessidades das diferentes estações estão calculadas de antemão; estão tomadas as disposições para aceitar as vantagens e os inconvenientes que cada uma arrasta consigo; o inverno encontra o lar fornecido de lenha; para o estio estão organizados os meios de temperar o calor; os vestuários leves estão guardados para as canículas; os tecidos de lã, e perfeitamente dobrados, esperam o

rigor das geadas: - "*non timebit domui suce à frigoribus nivis: omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus.*"

Não somente a religião bem compreendida se não opõe a estes cuidados, a estas solitudes, a estas providências, mas recomenda-as, faz delas uma restrita obrigação e um assunto de glória para a mulher forte. É mesmo uma virtude especial que São Tomás chama a magnificência, e que consiste - diz ele - em combinar vastos projetos e em fazer largamente as despesas que reclame uma grande administração. (II. Q. q. 128)

Esta virtude não poderia, sem dúvida atingir todas as classes da sociedade, mas pode ter em diferentes graus uma aplicação que varia, segundo as condições e o estado da fortuna. A religião só proíbe os excessos, e os excessos são relativos às posições. A religião só condena o luxo intolerável e em desarmonia completa com a situação da família, e quer que sempre se faça o quinhão do pobre com mão liberal; uma vez tomadas estas precauções, ela é a primeira a recomendar o cuidado nos negócios domésticos e a conveniência das relações exteriores.

É especialmente à mulher que se dirigem estas recomendações, porque é ela a guarda do lar; porque é ali que ela está para vigiar as menores causas.

O marido superintende nos serviços e ocupações de fora, a mulher trata do arranjo e da organização interior, e a natureza, que tudo calcula, dotou-a especialmente sob este ponto de vista, dando-lhe a inteligência e a vista clara das minudências, a aptidão para provê-las e combinar com sabedoria.

Assim, não é do homem, é da mulher que se diz: "Não receará para a sua casa nem o frio nem a neve, porque quantos a habitam têm um duplo vestido."

Tal é o vosso dever, e nada pode dispensar-vos dele.

Permite-me ainda que vos pergunte: sois fiel a tal dever? Não tereis, sob este ponto de vista graves omissões a censurar-vos? Não serei indiscreto penetrando convosco no interior de vossas casas para lhes examinar as particularidades? Está tudo em ordem? Foi tudo previsto de antemão? Não encontrarei em alguma parte a desordem quase em permanência e, em certas casas, a incúria e a imprevidência em toda a parte?

Quando o marido tem necessidade dum objeto, não se encontra, ou, pelo menos, não está no seu lugar; quando chega o inverno, debalde procura vestuário próprio para a estação; as criancinhas têm um arranjo habitual que acusa gravemente a negligência da mãe; os criados, - porque são também da casa - não acham nenhum destes cuidados, nenhuma das atenções a que têm direito, na sua qualidade de homens cristãos, cansam-se depressa, e quando chega à ocasião julgam-se felizes por poderem ir armar a sua tenda em outra parte.

Examinai todos estes pontos minuciosamente: são essencialíssimos, fazem parte integrante dos vossos deveres. Para os cumprirdes fielmente, tereis, sem dúvida de proceder violentamente, ser-vos-á preciso lutar talvez contra uma certa preguiça de espírito, contra uma certa apatia de caráter; será necessário combater para terdes o espírito numa atividade contínua, e encadeá-lo a esta fidelidade de todos os instantes.

Mas a vida é uma completa luta; é um combate, combate glorioso, cuja recompensa se acha mesmo neste mundo pela paz no coração, por essa satisfação íntima, que o cumprimento do dever faz experimentar, e pelo testemunho de estima e da afeição da família inteira. Seguindo outro caminho, só encontrareis espinhos, aborrecimentos, contradições, e as perpétuas agonias, multiplicadas a cada instantes por uma luta terrível e inevitável, a luta ocasionada pela desordem dos serviços retardados, mal desempenhados, ou invertidos.

As palavras da Escritura que tomamos para texto, podem ter um sentido espiritual.

A alma é também uma casa, é um castelo divino, em que pode e deve haver móveis e belas decorações. A alma é a esposa de Deus: deve também ter ricos e numerosos vestidos, que vestirá, conforme as estações e as circunstâncias. Os vestidos da alma são a fé, a esperança e a caridade, e os móveis do castelo são o conhecimento da religião e a prática das diferentes virtudes cristãs.

A mulher, e mais especialmente a mãe de família, é encarregada de adquirir e conservar tais vestuários, móveis tão preciosos.

Tendes pensado um pouco em todas estas minuciosidades, que tão grande importância tem na vida da família?

A mulher quando é sinceramente piedosa, pode ter uma imensa influência sob o ponto de vista religioso, pode sucessivamente e com lentidão, tomando as precauções duma indulgente caridade, estabelecer um espírito cristão em sua casa. Pode, sem espalhafato, comprar para si e para os seus os vestidos da fé, os tesouros da esperança e do amor, tê-los de reserva, e quando as almas tiverem frio em volta dela, empregá-los depois de tê-los aquecido ao lar do seu coração.

As almas mais incrédulas têm frio, muitas mais vezes do que se pensa, e muitas mais do que deixam entrever: têm frio no espírito e no coração, porque o calor do senso pode aquecer as almas no deserto da vida. A alma que não tem fé, ou antes, que não crê tê-la, é talvez a de vosso marido ou a de vosso filho, quando chega à idade em que as paixões obscurecem a inteligência, e lançam dúvidas sobre as verdades mais incontestáveis.

Segui-os atentamente, segui-lhes todos os movimentos do coração: será raro que não surpreendais, de quando em quando, horas em que tudo lhes é frio na vida, em que os homens e as coisas, os prazeres e as honras deixarão um frio glacial, que ninguém pode explicar exceto o que compreendeu que só Deus é o centro verdadeiro da ventura e da paz. Vosso marido e vosso filho têm uma espécie de febre que os domina pelo frio, e bem o percebeis; procurai logo nas reservas do vosso coração uma porção de roupa branca, os vestidos quentes, isto é, de pensamentos e afeições cristãs, envolvi-os docemente nas verdades divinas que tiverem passado para a chama da vossa alma. Chegareis, talvez, assim a um resultado maravilhoso; e o que desejais de já muito, que é a transformação duma alma tão querida, o seu despertar à luz da verdade, obtê-lo-eis pelos ternos cuidados da caridade, obtê-lo-eis muito melhor que pelas predicas perpétuas, pelo movimentos impetuosos e importunos, muito melhor que pelas intemperanças dum zelo, que é mais o produto da natureza, ou da ignorância das verdadeiras regras, que filho da graça e da caridade.

Mas é necessário para não ser apanhado em falta, e para que se obtenha em tempo competente o resultado desejado, que a vossa alma esteja perfeitamente sortida, é necessário que a provisão de vestidos divinos, de tecidos preciosos, de verdades cristãs, esteja largamente estabelecida no fundo do vosso coração. Este não dá senão da sua abundância; e quando está vazio, ou só tem provisão para as suas urgências, de certo, não pode franquear-se.

Não quero transformar-vos em pregadoras; evitai tudo quanto for afetação, tudo quanto venha fora de propósito. Observai o tempo e as circunstâncias, aproveitai a oportunidade dos lugares e das disposições; preferi esperar para nada precipitardes, e Deus, espere-O, vos indicará o momento em que o frio deste mundo assaltará o vosso doente, e então ele próprio pedirá para ser aquecido, e neste instante soará a hora da Providência; tudo se fará perfeitamente, e por um movimento, tanto mais seguro, quanto for mais doce, e mais lentamente preparado; o seu coração destacar-se-á do mundo como o fruto da árvore, e quase que não tereis mais do que estenderdes a mão para colhê-lo.

Não façais exclusão de vossos criados deste doce apostolado do vosso coração: tende também atenções de mãe na sua instrução cristã, e na prática dos seus deveres religiosos. Velai pelo seu caminho com a exatidão do zelo, mas também com a bondade da afeição.

A Bíblia ajunta: - "A mulher forte fez ricas tapeçarias e vestiu-se de linho e púrpura."

Como conciliar estas palavras com as do Evangelho, em que se diz, em forma de censura que o mau rico estava vestido de púrpura e de linho? (Vid. Luis de Blois - Conclav. anim., T.II)

São Tomás responde com Santo Agostinho, que não são os vestidos em si que é necessário considerar, mas as disposições do que se serve deles: "Porque casa um - dizem estes grandes Doutores - deve vestir-se, segundo o uso das pessoas da mesma condição; se se excedem os limites razoáveis, ou, aquele que se deixa dirigir por um princípio de orgulho, peca." (São Mateus, c. XI.)

"O vício não está nas coisas exteriores - diz ainda o Anjo da escola - está naqueles que o usam de modo imoderado; donde resulta que não há pecar no vestuário, senão quando se exceda os limites dum legítimo uso, estabelecido entre as pessoas do mesmo estado, ou quando nos deixamos arrastar por movimentos de paixão, como por exemplo, de vaidade e de glória mundana." (II. Q., q. 169)

Em outra parte o mesmo Doutor exprime-se assim - permiti-me estas citações, tão necessárias, sobretudo, numa época em que as exagerações de doutrina, não são raras num ou noutro sentido: - "Os ornamentos do corpo devem ser medidos, conforme os limites do legítimo uso, segundo o estado das pessoas e as intenções. Quando as mulheres trazem vestidos decentes, conforme ao seu estado e a sua dignidade, e seguem com moderação os costumes do seu país, isto não só não é pecado, mas é um ato de virtude, meritório se a graça de Deus o acompanha... Haveria pecado se os vestidos fossem mais preciosos do que exige a conveniência da sua posição, ou se a intenção fosse repreensível." (Isaiás, c. 3)

Há, pois, aqui, como em todas as coisas dois excessos a evitar: é ainda o estreito de Messina, com escolhos dum e doutro lado.

São Jerônimo, com o seu estilo vigoroso flagela um destes excessos: - "Tomai cuidado - diz ele a uma pessoa piedosa - que depois de terdes cessado de agradar aos homens pela riqueza e pela magnificência dos vestidos, uma vaidade secreta vos não leve a querer agradar-lhes por um exterior impróprio e abandonado... Há pessoas que trazem cilícios e capas em relação com eles, as quais querendo assim imitar a inocência e a simplicidade das crianças se tornam semelhantes às corujas e aos mochos: - *imitantur noctuas et bubones.*" (Epist. 22)

Santo Agostinho, e depois dele São Tomás também fazem notar que nisso pode haver vaidade e ambição, não somente na pompa e no brilho, mas nos vestidos impróprios e negligentes: *squalore et sordibus*; e que tal vaidade é tanto mais perigosa, quanto mais ilude com o pretexto da piedade: - *eo periculosiorem, quod sub nomine servitutis Dei decipit.* (De sermone Dom. I. II, nº 42)

Este primeiro abuso, é, sem dúvida, mais raro; mas existiu e pode existir ainda e eu devo designá-lo, ainda que não seja senão para vos mostrar com que luminosa razão os Padres da Igreja condenaram os excessos do que pode parecer bem.

O excesso mais comum e mais espalhado é o do luxo, e, na nossa época, tem tomado enormes proporções, sobretudo nas mulheres. Bossuet queixava-se, no seu tempo, das mulheres "que traziam sobre si o sustento de tantos pobres e o patrimônio de tantas famílias." (Sermão da Natividade) Que diria o grande arcebispo, na nossa época, em que o luxo invadiu todas as classes da sociedade, em que cada um excede todos os dias, os limites da sua posição e da sua fortuna, em que a toilette das mulheres figura na carteira do marido, por uma soma algumas vezes espantosa? E quando não enche os cadernos familiares, cobre, de certo, os livros de débito dos negociantes.

Depois queixam-se de não terem o supérfluo! Eu creio-o bem: o supérfluo, vai além, é absorvido por todas as mil combinações da vaidade, por todos os cálculos que nunca param, pela febre irrequieta com a qual se espreitam todas as modas novas para se ter o primor em tudo. Por este sistema nunca haverá o supérfluo, nem mesmo com as fortunas mais consideráveis. Mas todas as invenções de palavras, todos os engenhosos pretextos do luxo, não impedirão o rico de se achar em face dos terríveis anátemas do Evangelho.

Não só o supérfluo se vai, mas vai-se também o necessário. Se agora, muitas famílias estão embaraçadas, se o seu esplendor aparente é semelhante aos castelos fantásticos em que tudo se limita a decorações exteriores, é ao progresso do luxo que é necessário atribuí-lo em grande parte. Quando se fizer o cálculo exato de todas as causas que têm levado a ruína e certos lares, ver-se-á evidentemente que uma das principais foi à facilidade da despesa em objetos de luxo, em móveis supérfluos, em ornamentos inúteis.

Ponde o dinheiro à discrição duma imaginação trabalhada pela febre da suntuosidade, pelo desejo do brilho e da profusão, e podeis ter a certeza de que as maiores fortunas, correrão como água, entre as mãos sempre abertas.

E que ventura, que vantagens podem prometer todos estes excessos?

"Por a alma inteira em vestidos" - como dizia o trágico inglês (Shakespeare, All'wel, ato II, sc. 5), ou então no esplendor dos móveis!

A Providência bem sabe encontrar o meio de punir tais excessos, sem que, todavia o castigo seja sempre visível: procura-se a estima, e, muitas vezes só se alcança o ridículo! Procura-se um alimento para o coração, e só se consegue envenená-lo de mil modos. Ora acha que o ornamento não é ainda suficientemente belo, que não obteve todos os sorrisos e cumprimentos que tinha sonhado; ora a inveja é suscitada por comparações feitas para ferirem e que parecem colocar num nível inferior a que pousava brilhar no primeiro plano.

A conclusão de todas estas vaidades é o vácuo, o enfado e o inconcebível desgosto que forma o fundo da vida humana assim praticada.

Pobre natureza! Quando compreenderás a verdade essencial a tua verdadeira ventura? E quando exclamarás:- Não: eu sou decididamente muito grande para que a inteira ventura me chegue por semelhantes futilidades! Eu estou profundamente amassada num elemento infinito, para não aspirar a outras coisas, e para não abafar no meio de semelhantes horizontes.

São Francisco de Sales foi constantemente o homem do meio, nos negócios humanos, e encontra-mo-lo aqui com a sua sabedoria ordinária: - "Eu, por mim, - diz ele - queria que o meu devoto e a minha devota, fossem sempre os melhores vestidos do rebanho, mas os menos pomposos e afetados, e como diz o provérbio, cheios de graça, decência e dignidade. São Luiz, diz que cada um se deve vestir conforme o seu estado, de modo que os sábios e os bons não possam dizer: - Fazeis de mais: - e os novos: - Fazeis pouco; - mas no caso em que estes não queiram contentar a decência, é necessário tomar o conselho dos primeiros." (Vida devota, p. 3, c. 25)

Seria impossível dizer mais, senhoras. Admirai quanto à verdadeira piedade é pouco exigente, e como se harmoniza com a sabedoria e a verdadeira razão. Tende a coragem de vos conformar nisto, e ganhareis duplicadamente. Observareis as regras duma religião esclarecida, evitareis o ridículo que se encontra nessa espécie de excessos, muito mais vezes do que se pensa, evitareis os golpes da língua que vos seguiriam pela retaguarda, pondo em farrapos todas as peças da vossa pomposa toilette, apresentando-vos, como iguaria fria, à maldade do público. Não caíreis nos exageros de modas pouco cristãs, em que as regras da modéstia nem sempre são convenientemente observadas. Tereis a estima das pessoas honestas, e retirar-vos-eis das reuniões do mundo, depois de terdes espalhado por toda a parte os perfumes duma virtude nos limites da decência. Merecereis um elogio traçado pela mão de Fénelon: "É verdade que o que já de mais estimável e mais raro é encontrar um espírito sábio e medido, que evita as duas extremidades, e que dando à conveniência o que não se lhe pode recusar, nunca transpõe este limite. A verdadeira sabedoria está em querer, para as equipagens e para o vestuário, que nada haja notar-se, nem de bom, nem de mal. Ponde-vos suficientemente bem para não vos fazerdes criticar como uma pessoa sem gosto, imprópria e muito negligente, mas que não transpasse no vosso exterior nenhuma afetação de ornatos e de fausto: assim parecereis ter uma razão e uma virtude superior aos nossos móveis, às vossas equipagens e ao vosso vestuário; servir-vos-eis de tudo, e de nada sereis escravas." (Conselhos a uma dama sobre a educação) Oxalá que vos conformeis com o

conselho do ilustre arcebispo de Cambray; chegareis assim, tanto quanto é possível, sobre a terra, a realizardes um difícilimo problema, qual o de agradardes a Deus e aos homens: - *Dilectus Deo et hominibus*. (Eccl., XLV. I)

Há uma lei, que não é talvez suficientemente notada, e que governa as relações do nosso exterior com o nosso interior. Quando uma pessoa tem gosto pela toilette e os satisfaz dum modo afetado, é um detrimento da alma, pois tanto menos a cultiva quanto mais cuida do corpo. As pessoas verdadeiramente cristãs, e que tudo fazem convenientemente, tem um exterior de decência, "são as que melhor vestem no rebanho", como diz São Francisco de Sales; não se recusam mesmo ao esplendor, se o seu estado ou as circunstâncias especiais o exigem; mas vê-se bem claro, examinando-as, que não trazem a alma no vestuário, mas que adeja acima desses ornatos, que se serve de tudo, segundo as leis da decência, conservando a alta soberania do coração e a liberdade da razão, que por coisa alguma poderia ser encadeada.

Desses cristãos pode dizer-se que têm o interior tanto mais belo, quanto menos importância ligam aos ornamentos do corpo: - *Quanto minus appetuntur ornamenta exterioris hominis, tanto magis moribus pulchris homo interior adornatur*. (Santo Agostinho, Serm., 161)

14ª CONFERÊNCIA



Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terra. Sindonen fecit et vindidit, et cingulum tradit Chananaeo.

Seu marido será ilustre nas assembléias, quando estiver assentado no meio dos senadores da terra. Ela fez estofos muito finos e vendeu-os, e deu uma facha ao mercador.

(Prov., XXXI, 23-24)

Senhoras.

A casa da mulher deve ser um modelo de ordem e de arranjo. É a mulher que pertence especialmente à guarda do lar doméstico, o cuidado da vista, a providência de tudo quanto pode interessar o futuro e a prosperidade da família. Tal é o primeiro sentido que damos às palavras da escritura: - “A mulher forte não temerá para a sua casa, nem o frio nem a neve, porque quantos a habitam têm um duplo vestuário.” Elevando-nos a um sentido espiritual, vimos que a alma também devia ter a sua provisão de vestidos divinos, e que estes eram todas as virtudes cristãs: e que deles se servia ela para se cobrir a si própria, para resguardar do frio os membros da sua família, e quantos faziam apelo à sua caridade.

O versículo seguinte conduziu-nos a dar-vos os princípios de uma santa teologia, sobre o vestuário, os adornos do corpo e os hábitos do luzo. Sob este ponto de vista, pode haver dois excessos, que são a negligência ou a demasiada suntuosidade. Este último tomou, há alguns anos, proporções espantosas: a febre do luxo apoderou-se das gerações, e as classes inferiores rivalizam, na intemperança com os ricos, a até, muitas vezes, os seus excessos são relativamente mais numerosos e mais consideráveis.

Servimo-nos da doutrina de São Francisco de Sales para vos fazer entender a linguagem da razão e da sabedoria cristã. O santo arcebispo que disse: - “Eu queria que o meu devoto e a minha devota fossem os que melhor vestissem, do rebanho”, não poderia ser acusado de não fazer largas concessões à natureza humana e às conveniências sociais.

A conferência seguinte terá por assunto estes dois versículos: - “Seu marido será ilustre nas assembléias, quando estiver assentado no meio dos senadores da terra. Ela fez estofos muito finos e vendeu-os, e deu uma facha ao mercador”.

“Seu marido será ilustre nas assembléias, quando estiver assentado no meio dos senadores da terra.”

Parece à primeira vista que deveríamos passar este versículo em silêncio, porque se apresenta como não tendo aplicação possível. Se eu pregasse em Paris, diante das mulheres dos senadores, talvez pudesse encontrar aqui matéria para alguns conselhos, e para algumas palavras de felicitação. Mas na província o texto, parece, pelo menos, supérfluo e eu estou-vos ouvindo dizer: - Vamos ao versículo seguinte, porque meu marido não é ilustre nas assembléias, nunca se sentou, e, provavelmente nunca se sentará entre os senadores.

Permiti-me, senhoras, que não seja completamente da vossa opinião, pois quero tentar, ao menos, ferir a letra do texto, como o rochedo do deserto, para ver se sai dele um veio de água fresca.

Admitamos que vossos maridos não são, nem senadores, nem membros do conselho geral; mas não serão, ao menos, membros do conselho municipal? – Não, responder-me-ia – meu marido vive retirado dos encargos e honras públicas.

Seja. Mas serão, ao menos, membros de um ou duas corporações, assistem algumas vezes a certas reuniões, freqüentam o mundo, de quando em quando, e o mundo exige em todas as classes.

Bata-me isto para eu encontrar ocasião de vos dar alguns conselhos salutareos.

Recordai primeiro o que dissemos a respeito das diferenças da natureza no homem e na mulher, de ação mútua e benéfica que podem exercer um sobre o outro, e das grandes vantagens que dela resultam.

Estou, certamente, longe de querer depreciar o homem, que tem as suas qualidades eminentes; em muitos casos, o que disser, não terá mesmo aplicação completa, pelos menos; e, todavia não creio inúteis os conselhos seguintes. Se a ação do homem se exerce muito felizmente sobre a natureza da mulher, há uma reciprocidade, que não é talvez suficientemente empreendida e apreciada.

Andai, pois, de modo, senhoras, que vosso marido, mesmo com as melhores qualidades, não seja muito inábil em mil circunstâncias delicadas da vida. Tende sobre ele a influência da boa apresentação, da civilidade, das maneiras, que acabam por se infiltrarem nas naturezas mais rebeldes, que se aperfeiçoam, às tornam flexíveis e lhes dão um ar distinto, pelo menos relativamente.

A mulher tem o instinto de muitas coisas que escapam ao homem: tem a faculdade adivinhadora, para uma multidão de minudências que parecem insignificantes, mas que exercem, muitas vezes, um papel decisivo no mundo.

O atrito do caráter da mulher sobre o do homem imita a ação da pedra-pomes: corta as asperidades, serve para polir. Ele nem sempre produz os resultados que seriam para desejar; mas quando uma mulher piedosamente hábil sabe aproveitar todas as vantagens que lhe oferecem os recursos do seu espírito e do seu coração, quando nada transtorna, e atua à semelhança do azeite, é impossível que não exerça uma verdadeira e salutar influencia. É impossível que o óleo perfumado do amor não penetre o caráter de seu marido, quando mesmo ele menos o pensa, que não lhe tempere as idéias e os sentimentos, e não lhe dê um não sei que, de esquisito nas maneiras, e de distinto nas palavras e nos atos.

Há, sem dúvida, graus nesta distinção de maneiras, mas quando não fizésseis senão preparar a conclusão, já isso seria um começo de operação salutar. A primeira martelada sobre um belo fragmento de mármore tem a sua importância; é seguida de várias outras, e a estátua chega sucessivamente ao grau de perfeição que o artista sonhara.

Recomendo-vos ainda que procureis fazer realçar as boas qualidades de vosso marido, cobrindo-lhe habilmente os defeitos; é um modo de enobrecer aos olhos do público: *nobilis in portis vir ejus*. Não imiteis as mulheres imprudentes que traem, ao menos, pela irreflexão, os segredos de suas famílias, que exploram os transtornos de seus maridos, fazendo deles um pedestal para a sua vaidadesinha. As coisas são repetidas, aumentadas, exageradas; há sempre alguma alma caridosa que se encarrega de levar a nova ao marido; ele sente-se, naturalmente, ferido, aqui está o princípio de uma divisão, que pode tornar-se talvez profunda: é o primeiro sulco de um fosso de separação, que vai sempre alargando-se. Se, ao contrário, o marido sabe de todas as delicadas

precauções de sua mulher para o fazer elevar, para o pôr em relevo, conservando-lhe os defeitos à sombra, então ele sente-se profundamente tocado, e o eu coração aproxima-se mais e mais da que tão bem sabe compreender os deveres da vida conjugal.

Há, pois, senhoras, para cada um de vós, um sentido verdadeiro e sério, nestas palavras da Bíblia: - “Seu marido será ilustre nas assembléias, quando estiver assentado no meio dos senadores da terra.” Não é mulher de senador quem quer; mas basta querer seriamente, atuar com prudente perseverança, como a vaga doce e tranqüila que a força de acariciar o rochedo da costa o pule e lhe dá o gracioso contorno das formas; basta conduzir o movimento com lentidão, sem excluir uma sábia atividade, e pouco e pouco os ângulos desaparecem, os caracteres equilibram-se, os costumes temperam-se e adoçam-se.

Depois, quando é chegado o momento de tomar lugar no conselho municipal, de presidir a uma assembléia de operários, ou, simplesmente, de assistir a uma reunião pública, a uma soirée, o marido da mulher forte distingue-se entre todos os outros: tem um cunho particular, o espírito fresco e bem disposto, o caráter cheio de amenidade, a linguagem formada de todos os elementos graciosamente harmonizados, de um espírito justo e fecundo; a não de uma mulher inteligente e sábia passou ali, deixando em tudo a sua impressão.

Admirai, senhoras, a beleza do matrimônio cristão, se ele fosse compreendido! Que bela e nobre instituição! Dois seres, completando-se um o outro, na ordem intelectual e moral! O marido inspirando a sua mulher, a força, a coragem, a perseverança, e cobrindo-a com o seu escudo protetor; a mulher adoçando o que há e varonil e muito vigoroso no caráter do homem, arredondando-lhe as formas, dando unção a todas as faculdades interiores, corrigindo a aspereza de certas tendências, o absoluto das decisões muito bruscas.

- É verdade- dir-me-eis – nada há mais belo; mas é tão raro!

Concordo que seja raro; mas não é isso uma nova razão para apresentar o modelo ao espírito e ao coração, a fim de exercitar a reproduzi-lo, ao menos em parte?

E, quando não chegássemos senão a refrescar-vos o coração pela presença de um ideal apresentado à natureza humana, haveria sempre nisso uma grande vantagem, um grande proveito no esboço dessa espécie de quadros.

Tudo quanto eleva a alma, faz-lhe bem, fortifica-a, consola-a, quando não haja outro resultado pratico.

“A mulher forte fez tecidos muito finos e vendeu-os, e deu uma facha ao mercador.”

Pode acontecer que a mulher forte esteja no comércio, e é o que supõe o versículo que acabamos de traduzir.

Dar-lhe-ei neste caso dois conselhos principais, que ela deverá seguir, tanto quanto lh’o permitir a sua posição dependente: a prática de uma constante probidade e de uma amenidade cheia de paciência.

A probidade! Onde está ela no comércio? E, entretanto, quem desejaria ser considerado como ladrão?

Imaginaram-se expedientes: vela-se, cobre-se, disfarça-se a fraude; é um roubo manifesto, porque é um engano positivo; e no mundo, isto, chama-se ser um bom negociante. A cepa espantar-se-ia muito se pudesse saber o que se vende algumas vezes por vinho; e mesmo no caso em que a base do líquido seja a uva, que mistura de raças diferentes! E, sobretudo, que enganosa etiqueta colocada na garrafa!

Aqui, as farinhas são artificiais; ali, os tecidos, as sedas, as lãs, são sofismadas. Sem dúvida, senhoras, que é preciso uma certa liberdade no comércio; o trabalho artificial nas matérias primas, quando em certos limites, não é proibido, mas com a condição de que a natureza do objeto, não seja quase completamente mudada, e que os consumidores não sejam indignamente enganados, já no valor, já na qualidade dos objetos.

- É necessário então abandonar o comércio?

Estou longe de adotar essa conclusão; antes, pelo contrário, digo que é necessário ficar nele e permanecer como perfeito homem honesto; ficando-se assim, goza-se da consideração geral, granjeia-se uma fortuna razoável, tem-se a consciência tranqüila, e a bênção de Deus derrama-se abundantemente no lar do que assim procede.

Desafio a fraude mais hábil, mais sabiamente combinada, a que produza semelhante resultados.

“A balança enganosa é abominável aos olhos de Deus – diz o Espírito Santo.” (Prov. XI)

- É muito severo.

- Concordo, mas é verdadeiro.

Julgai por vós: tendes uma numerosa família; entre os vários filhos alguns empregam os estratagemas do seu espírito em enganar seus irmãos, em lhes armar laços, em lhes tirar o que lhes pode na herança comum.

Não experimentareis um vivo sentimento de indignação?

Mas Deus é Pai de todos os homens, e vós quereis que Ele não olhe com indignação os irmãos desnaturados que enganam os membros da grande família, e se servem da inteligência e da superioridade de espírito para subtraírem dinheiro aos outros, não das algibeiras porque é um crime horrendo, mas fazendo-lhes crer que tal coisa é excelente quando é péssima, ou, pelo menos. Muito inferior ao seu preço, dando um licor intolerável pelo produto salutar e natural da vinha.

Há talvez uma diferença em vantagem do que ataca diretamente a bolsa do próximo: tem, ao menos, a franqueza do seu ato.

Na Sagrada escritura também a fraude é sempre qualificada severamente, e as expressões mais enérgicas chegam para a estigmatizar. E, por vezes, a maldição de Deus parece pesar sobre a família do negociante fraudulento. Ele julga progredir, ao menos,

no princípio; mas esse resultado é transitório, o navio avaria-se, as fendas alargam-se, e o barco submerge-se. Quando prospera nos negócios e a fortuna lhe aumenta, a Providência castiga-o nos filhos e nas pessoas mais queridas ao seu coração. A dor e a aflição, semelhantes às plantas venenosas que, num seio, cobrem a floresta e os lugares úmidos, levantam-se subitamente nas campinas que parecem verdejantes: penetram no interior da casa, deixando ali a tristeza e o desespero.

Escutai a Escritura, cujas ameaças são espantosas; mas se nós conhecêssemos a história íntima das famílias veríamos que elas se realizam muitas mais vezes do que se pensa: “O que amontoou tesouros com língua mentirosa, é um homem vão e sem juízo: cairá nos laços da morte. As rapinas dos maus serão a sua ruína; porque não quiseram obrar conforme a justiça.” (prov. XXI, 6-7) As riquezas dos homens injustos secarão como uma torrente, e serão semelhantes a um trovão que faz grande estampido durante a chuva.

Suponhamos, porém, que tudo progredia exteriormente ao hábil negociante, cuja consciência não é muito delicada: escutai um mistério da justiça de Deus, que já por vezes deixamos entrever, mas sobre o qual devemos insistir neste momento. Não são as coisas exteriores que nos fazem felizes, é a natureza e a verdade nos gozos que nelas bebemos. Não bastam as flores do jardim para se colher o mel, é necessário que haja abelhas que saibam extraí-lo; os zangões fazem grandes zumbidos, mas não podem elaborar a preciosa substância. Ora Deus tira, muitas vezes, a certos ricos o órgão com o qual a alma justa extrai das coisas deste mundo, a soma de felicidade legítima, determinada pela Providência. Longe de acharem o mel encontram um líquido amargo que lhes envenena a vida. Isto parece incrível, e, entretanto é um fato vulgar; e se pudéssemos receber certas confidências, assistir à narração de certas histórias secretas veríamos quantos enfados, desgostos e tormentos, traz ao rico, a fortuna mal adquirida. É nos subterrâneos das almas que Deus tem todos os dias os tribunais de justiça e de severa correção; e pode-se dizer que o julgamento feito pelo senhor começa neste mundo.

Pretende-se que, n’algumas cenas de magnetismo, a pessoa que está sob a influência do fluído, tem na mão um frasco cheio de certo líquido; quando bebe não sente o gosto natural do conteúdo; saboreia um gosto estranho e que é determinado pela vontade de uma terceira pessoa. Seja como for, tal experiência, sirvo-me dela para vos dizer que Deus é o grande magnetizador das almas, e que se serve do poder magnético para exercer os seus mistérios de justiça ou de terna bondade.

Vereis pessoas colocadas em horrorosas posições de corpo e alma: e segundo todas as leis da natureza devem ser horrivelmente desgraçadas. Examinai-as de perto: estão sob a influência de um encanto magnético, de um fluído divino; têm uma bebida amarga nas mãos, é verdade, mas não é essa a que eles bebem. Saboreiam um licor delicioso ao qual não sei como chamar, licor cujo paladar é determinado pela vontade divina e que se poderia chamar sucessivamente a paz, a confiança, a resignação e o amor. Oh! Meu Deus, como sois bondoso para os Vossos eleitos, mesmo quando pareceis acabrunhá-los! Ponde-lhes aos lábios a bebida da agonia, e o que parece um veneno dá-lhes vida! O que parece abster-los, levanta-os e fortifica-os! Tanto é verdade, Senhor, que *enganais* Vossos filhos; mas *enganai-los* como pai e como amigo; *enganais* com estratégias de mãe! – *Astutias illius quis agnovit?* (Eccl. I, 6)

Vede, ao contrário, o rico, o filho lisonjeado pela fortuna; nada lhe falta para ser feliz: tudo possui; honras, dinheiro, prazeres e posição social, e, entretanto, sofre, e sofre cruelmente. Quando as suas dores não são agudas, abafa, procura ar e não encontra. É ainda um homem que a Providencia magnetizou, mas em sentido inverso ao primeiro; tem junto aos lábios a taça da ventura natural e a mão, meio vingadora, meio misericordiosa do senhor, lançou nela venenos que lhe perturbam as entranhas e as agitam às vezes com um movimento frenético. Nada o satisfaz, e o último termo da sua doença é um soberano desgosto das coisas deste mundo.

Tanto é verdade que o que nos torna felizes não são as coisas externas, senão o que sabemos extrair delas, o sentido de felicidade; e este sentido na sua verdadeira acepção, é divino, concedido ou recusado pelo Senhor, conforme o mérito ou a indignidade das pessoas.

“Um pão mentiroso – diz ainda o espírito Santo – é doce ao homem, em seguida a sua boca ficará cheia de saibro. (Prov., XX.17) *Suavis est homini panis mendacii, et postea implebitur os ejus calculo.*”

A linguagem da Bíblia afeta por vezes não sei que pitoresca energia.

Já andasteis por um terreno coberto de areia?

Como o trajeto é difícil! Avança-se e recua-se ao mesmo tempo, os pés fatigam-se neste jogo interminável, e deseja-se ardentemente um terreno firme e sólido.

Vede, porém, o que seria se essa areia estivesse na vossa boca!

Estremeceis com a idéia de tal suplício, e ela basta para vos agitar os nervos. Pois é precisamente a imagem empregada pela Escritura para exprimir os enfados, as fadigas, as preocupações e as torturas daqueles que recolhem um pão mentiroso, isto é, de riquezas injustamente adquiridas. Amassa areia, e, sem dúvida, vale mais comer o pão de rala temperado em água, *et postea implebitur os ejus calculo.*

A primeira qualidade da mulher forte, quando está no comércio, é, pois a probidade. A honestidade dos negócios não a impedirá de auferir ganhos razoáveis, de preparar de antemão o futuro dos seus filhos, e de aumentar todos os dias o seu patrimônio; mas esses interesses materiais da família, esse aumento da fortuna, far-se-ão com toda a honra e lealdade; será o fruto de um labor honesto e consciencioso, a recompensa de uma vida seriamente ocupada. O pão que se come em iguais circunstâncias, é sempre doce ao paladar; nunca amontoa saibro entre os dentes, porque é um pão regado pela verdade e pelo trabalho.

A segunda qualidade que recomendo é uma amenidade cheia de paciência. Uma virtude importantíssima, difícilíssima de ter-se constantemente, sobretudo, em certas posições, é a afabilidade. Os homens julgam ordinariamente com excessiva leviandade e segundo aparências superficiais; algumas vezes um só ato transitório, sem importância séria, acarrata-nos um juízo definitivo, e com uma exatidão ainda mais escrupulosa, quando se trata de formular uma condenação: dir-se-ia que o público tem sempre a não levantada para ferir, e, raramente, para absolver.

Um homem pouco estimável será levado às nuvens, só porque tem formas graciosas, e, porque, em tal circunstância, terá dito uma palavra mentirosa de civilidade.

O caráter mais amável na essência, a melhor natureza, o homem mais honesto do mundo, será implacavelmente flagelado num momento de mau humor. Assim vai o mundo e nós não o reformaremos; vale mais, num sentido, acomodar-se às exigências, e tanto mais quanto, na espécie a amenidade é uma virtude.

Sede, pois, amenos para as pessoas que freqüentam a vossa casa: se não comprarem, ao menos que levem boas e afetuosas palavras: será o melhor meio, o meio perfeitamente legítimo, de aumentardes o número dos vossos clientes; gostar-se-á mais, algumas vezes, de pagar um pouco mais caro, e ter em face de si uma figura razoável; se ao contrário tendes um rosto de pedra e cal, afastareis todo o mundo.

Este conselho tem uma grande importância, mas às vezes é difícil de observar-se.

Uma das principais cruces dos homens sujeitos ao público é a obrigação que eles têm de se colocarem, assim, perante um número considerável de pessoas que se sucedem.

Há uma dificuldade real e séria, que só a experiência pode fazer compreender, e que poucas pessoas apreciam: é a de receber sempre com humor igual, doce e sereno.

Encontram-se, sobretudo caracteres, que podem ser excelentes na sua espécie, mas que parecem eletrizar-vos com fluído antipático: se desgraçadamente o fluído da tolice e da suficiência se acha misturado ao fluído antipático, então degenera em verdadeira perseguição: o pobre paciente está em suplício, e para conservar a doçura e a serenidade são-lhe necessárias uma energia e uma constância, não comuns.

Não se chega a isto senão por um domínio sucessivo e uma posse completa de si mesmo; e a melhor alavanca para operar este resultado, é uma piedade verdadeiramente interior, que destaca o homem de si próprio e o põe em equilíbrio por uma força completamente divina.

Possam, senhoras, estes conselhos aumentar casa vez mais a paz nas vossas famílias, auxiliar o desenvolvimento dos vossos interesses, favorecer o legítimo crescimento da vossa fortuna, e derramar em vosso lares o orvalho do céu e a seiva da terra, isto é, a dupla bênção que santifica as famílias, e lhes prepara a felicidade e a prosperidade, mesmo neste mundo: - *de rore caeli et de pinguedine terrae.*(Gen. XXVII, 28)

15ª CONFERÊNCIA



Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. Os suum aperuit Sapientiae, et lex clementiae in lingua ejus.

Uma força misturada de graça é o seu vestido, e ela terá alegria nos seus últimos dias. Ela abriu a boca à sabedoria e a lei da clemência está em seus lábios.

(Prov., XXXI, 25-26)

Nós temos o hábito de começar os nossos entretenimentos pelo resumo do entretenimento precedente: este método tem talvez, a dupla vantagem de ligar o conjunto da doutrina e recordar sucessivamente o que se disse da última reunião.

A mulher forte deve ter o talento de enobrecer seu marido pelo doce contato de uma natureza diferente, de lhe tornar flexível o caráter, de comunicar-lhe alguma coisa da estranha penetração, do olfato dos pequenos nadas, que tanta importância tem nas relações sociais. É esta uma das mais nobres e mais esplêndidas missões da mulher, quando a toma a peito dá algumas vezes um grandíssimo valor ao que estaria em estado de vinha inculta. Sobre isto explicamos as palavras da Bíblia: - "O marido da mulher forte será ilustre nas assembléias, quando sentado no meio dos senadores da terra"; e se o lugar do senador está reservado para alguns privilegiados, à mulher forte pode, todavia, praticar num sentido, o conselho do Espírito Santo: Perto dela o marido adquire uma certa distinção que lhe permite sustentar-se, ao menos, com conveniência na assembléia dos velhos e dos prudentes, pois tal é a primitiva etimologia da palavra senador.

O versículo seguinte forneceu-nos ocasião de darmos alguns conselhos práticos as pessoas envolvidas no comércio.

Recomendamos-lhes especialmente a probidade e a afabilidade: a probidade que sabe negociar honestamente e que é a mãe de um verdadeiro e sólido sucesso, e o único que

devem ambicionar o homem que atrai as práticas e que se torna uma das melhores e mais legítimas condições do bom êxito.

O texto seguinte será o tema da nossa conferência de hoje: "Uma força misturada de graça é o seu vestido, e ela terá alegria nos últimos dias. Ela abriu a boca à sabedoria, e a lei da clemência está em seus lábios."

"Uma força misturada de graça é o seu vestido."

A mulher forte tem no ar, no aspecto, na fisionomia e no olhar, uma dignidade cheia de encantos. Não é uma beleza efeminada, que se dirige principalmente aos sentidos; é um raio do céu, cuja beleza exterior não serve senão para cobrir uma nobre e varonil virtude. Caminha assim, levando aos ombros este manto de glória; e há tanta simplicidade nos seus modos, tanta bondade nas suas palavras e no seu olhar, tanta expressão na sua fisionomia, que a inveja desarma-se: admira-se e ama-se. "A raiz desta beleza - diz Santo Ambrósio - é uma virtude interior, sempre viçosa, cuja flor se projeta em todos os órgãos." (De offic., 1.I, c. 45)

A vista dessa mulher admirável eleva os pensamentos em lugar de os abaixar, e a luz do seu olhar purifica sempre. Quando a gente se encontra, lembra logo a bela máxima de Clemente de Alexandria: "O que olha a beleza com uma casta afeição esquece a beleza da carne pela da alma: só admira o corpo como uma estátua, e eleva-se por essa terrestre, até ao primeiro artista, até a própria essência da beleza. Para ele as formas exteriores são um símbolo sagrado que ele mostra aos anjos guardadores, das avenidas do Céu; é o cunho luminoso da justiça, é o perfume de uma alma perfeitamente harmonizada, é a manifestação dos sentimentos íntimos de um coração, que a presença do Espírito Santo faz estremecer." (Stromat., I. IV. cap. 13)

Eis a verdadeira beleza da mulher forte: é uma água pura que sabe de um coração virtuoso, é uma água límpida, em que se reflete a claridade de um sol interior, e que parece refrescar o olhar. A sua força é cercada de graça, e a graça é protegida pelo baluarte de uma força divina: *Fortitudo et decor indumentum ejus*.

Todas estas admiráveis qualidades, cuja base está sempre no interior, podem encontrar-se nas mulheres que não possuem precisamente, o que, por convenção, se chama a beleza física das feições. Há pessoas as quais o mundo confere, ao menos em palavras, um prêmio de beleza, e que, para o observador atento, têm uma expressão de fealdade pronunciadíssima: traem-se-lhes a alma em certas linhas fugitivas, em certas rugas que vão e vêm, produzindo um efeito que a pena não pode descrever, mas que o pensamento agarra na sua rápida passagem.

Encontram-se, ao contrário, figuras que certa gente chamaria feias, e que são admiravelmente belas na expressão e na forma imaterial.

O verdadeiro belo, o que arte da alma, está impresso na fisionomia; está sempre claro, semelhante a um formoso diamante que não estivesse ricamente lapidado, e ao qual a forma externa fornece ocasião para mais cintilar.

Contemplando-as lembra logo o pensamento de outro Padre, que já por mais de uma vez temos citado: "A virtude brilha como uma flor nos corpos em que habita e reveste-os de uma luz suave e pura." (Clem. Alex, Pedagog. I, II, c. 12)

Eu não tenho receio de entrar em todas estas minuciosidades, a fim de vos fazer compreender, mais e mais, que a religião é um aroma que conserva tudo, mesmo o que a mulher tem de mais frágil e, algumas vezes, de mais perigoso nas suas qualidades. O cristianismo é suficientemente forte para dizer tudo, mesmo sobre as matérias as mais delicadas, é suficientemente forte para tudo preservar, porque é divino.

Sejam quais forem as vossas qualidades exteriores, andai de modo que elas tenham sempre o reflexo de uma alma grande e virtuosa. Se Deus vos deu algumas vantagens corporais, seja a virtude a raiz que as alimenta: terão sempre mais frescura e verdade, semelhantes às árvores cuja profunda raiz bebe a seiva interiormente, e que se estiolam quando ela é a superfície. Se a natureza não fez por vós tudo quanto tendes, talvez, sonhado, tenha a vossa virtude uma luz mais viva; e a flor da alma, como a chamam os santos, brilhará tanto mais nos vossos órgãos, quanto a condecinha flor mais simples; o ramo de flores tem às vezes um encanto a mais, quando o vaso que o contém não encerra toda a elegância da arte.

Muitas vezes, no mundo decaído há contrastes entre a forma e a riqueza interior, e as coisas são tanto mais sólidas e seguras, quanto menos predomina nelas o elemento material. Que a força ornada da graça seja, pois, o vosso vestido: *Fortitudo et decor indumentum ejus*.

Na igreja, no passeio, em um encontro com os amigos, seja a vossa fisionomia o espelho do quanto à gente gosta de supor no coração de uma mulher virtuosa; tenha o vosso sorriso à graça de uma bondade sobrenatural; sejam os vossos olhares a pintura abreviada dos vossos sentimentos; tenha o vosso porte a dignidade e a simplicidade de uma alma verdadeira; que tudo enfim, imponha respeito, atraindo as almas e elevando os caracteres.

A Bíblia ajunta que "a mulher forte terá alegria nos seus últimos dias."

Um dos mais belos e mais enternecedores espetáculos é o de ver uma mãe de família cercada dos seus filhos, que ela educou no temor de Deus, que ela viu crescer e prosperar em torno dela, como rebentos de oliveiras, sempre verdejantes: *Sicut novellae olivarum* (Ps. CXXVII, 3.)

Expande-se-lhe o coração e sorri-lhe o rosto; é o sol que vai em breve esconder-se num céu puro, e que, antes de desaparecer no extremo do horizonte, parece deter o seu curso, lançando um olhar de saudade sobre a natureza que vivificou: *Et ridebit in die novissimo*.

Ela recorda com ventura as alegrias da sua mocidade maternal, as bênçãos que o Céu se aprazia em derramar sobre a sua família, e os puros júbilos de seus filhos e de seu marido. Os trabalhos que empreendeu, as penas que sofreu, as dores inseparáveis das felicidades deste mundo, as preocupações e os cuidados do seu amor, tudo se lhe converte em assunto de ventura: é feliz, e goza, como o jardineiro que acha, na

recordação dos seus rudes trabalhos e dos seus suores, motivo de consolação, porque recolhe no outono os frutos abundantes dos seus dias de labor e de sofrimento.

Ditosa mãe, rejubilai-vos com o bem que praticasteis, rejubilai-vos em Deus, porque essa alegria é um dom do Céu: *Hoc donum Dei est* (Ecles.I, II).

Que a ventura, a virtude, a prosperidade da vossa numerosa família formem em volta de vós uma coroa de flores, um tapete de verdura, a fim de ensombrecer-vos os últimos dias e embalsamar-vos de antemão os membros fatigados, antes de descerem ao túmulo, aonde encontrarão o derradeiro repouso: *Et ridebit in die novissimo*.

É sobretudo na derradeira hora, e sobre o leito fúnebre que o sorriso da mulher forte toma uma expressão angélica. E, como o santo patriarca, é, sem dúvida obrigada a dizer:- "A minha peregrinação foi semeada de dias curtos e maus" (Gen. XLVII), pois tal é a lei de todas as criaturas humanas, e as lágrimas da dor e do sacrifício são o melhor orvalho para certos crescimentos sobrenaturais da alma. Porém depois desta confissão, que a verdade reclama, a mulher forte deve ajuntar: - Meu Deus, acabei o meu curso, terminei a obra que me confiastes, e agora volto a Vós, como Autor de toda a paternidade, a fim de Vos amar e de Vos suplicar ainda com mais amor e fervor por aqueles que vão permanecer depois de mim.

O padre responde-lhe: - Parti alma cristã, porque o Cristo vai receber-vos nos prados verdejantes do Céu - *Intra paradisi semper amaena virentia*. (ritual romano)

A alma levanta-se com estas palavras, toma vôo, e depois de partida, fica sobre os lábios, nos olhos, e na fronte uma expressão de sorriso angélico, que é como o último adeus da alma, e que parece ficar para falar ainda da sua ventura: *Et ridebit in die novissimo*.

Ponhamos em paralelo um outro quadro: esboçemo-lo brevemente, para que não vos entristeçais.

Vede essa mulher do mundo, que nunca tomou a vida a sério. Passou a juventude nos prazeres, nas festas e no meio dos divertimentos da terra. Descurou a sua casa, não soube fixar o coração de seu marido, pelas sólidas qualidades, que são a melhor salvaguarda da afeição duradoura. Abandonou a educação dos filhos, entregou-os às primeiras mãos que encontrou, e não vigiou o seu lar; pouco e pouco a desordem introduziu-se nele sob todas as formas, as ilusões dissiparam-se, a idade avançou, as sombras sedutoras desapareceram, e começou o reino das mais amargas decepções. Acabou por sentar-se na vida como um velho tronco mirrado; olhou em roda e tudo desapareceu, exceto o fantasma das suas tristes recordações; sepultou-se-lhe o coração e agora só tem lágrimas solitárias para derramar...

Pobre alma tão desgraçada! Deixai que eu vá a vosso socorro e vos diga que nem tudo está perdido para vós, se quiserdes seguir o meu afetuoso conselho. Soa a hora de vos voltardes para Deus, pois Deus é tão bondoso que nunca acha tarde. Suplicai-Lhe com amor e arrependimento, e Ele descerá para derramar sobre vós o orvalho que prepara sempre para os corações aflitos; tomareis o vosso coração com as raízes quase secas, mergulhá-lo-eis no banho celeste, e ele rejuvenescerá ainda. Todos os dias o retemperareis com lágrimas de compunção e de esperança, e essas lágrimas misturadas

ao rocio do alto, dar-vos-ão uma existência nova, e direis a Deus com o acento de um amor penetrado de reconhecimento: O velho tronco não perdeu toda a esperança... As suas raízes envelheceram na terra, e a sua haste parecia morta ao pó, mas ele reverdeceu ao primeiro contato de água, e cobre-se de folhagem, como no dia em que foi plantado pela primeira vez: *Ad odorem aquae germinabit, et faciet comam quasi cum primum plantatum est.* (Job. XIV, 9)

"Ela abriu a sua boca a sabedoria e a lei da clemência está em seus lábios."

A reserva e o silêncio são uma das primeiras qualidades da mulher forte, e tanto mais, quanto a mulher está mais exposta a faltar a ela. Há alguns anos que consagramos três instruções aos defeitos da língua e eu não quero tratar isso agora minuciosamente. Diremos algumas palavras apenas, para explicação da sentença do sábio: - "Abriu a sua boca a sabedoria."

Quantas pessoas que abrem todos os dias a boca a tolice, a cólera, a vingança, a calúnia e ao vício da impureza!

Pois haja ao menos, aqui e ali, algumas mulheres verdadeiramente cristãs, que tenham confiado a sabedoria à chave da sua boca. Sabedoria na natureza das palavras, nada dizendo de inconveniente, nada de indigno, para uma alma religiosa, respeitando a autoridade, as crenças, a moral e as decências da sociedade. Sabedoria na parcimônia do discurso: meditai antes de falar, e não solteis o vosso pensamento com a precipitação da leviandade: algumas palavras pronunciadas com senso e sobriedade farão mais efeito que a interminável conversação dos espíritos superficiais, que dizem tudo, porque ignoram tudo. Poucas palavras e muitas ações boas, eis o meio de fazer bem, e de adquirir a reputação dos espíritos sábios e retos que sabem conter-se em justos limites. Sabedoria na oportunidade dos tempos e das circunstâncias! Tal palavra será inofensiva hoje, e amanhã será óleo sobre o lume. A conversação empenha-se em tal assunto, provoca-se o vosso parecer, e vós o dais com toda a prudência e franqueza: a vossa resposta será de um excelente efeito. Se, ao contrário provocais a conversação, se tendes ar de pôr e de querer estabelecer sentenças, fatigais o auditório e pondê-lo de prevenção contra vós.

Há, com relação a isto, uma infinidade de cambiantes imperceptíveis, que é necessário saber apanhar e compreender: é preciso tato, reserva e reflexão; tato para adivinhar a direção do vento; reserva para melhor estudar, reflexão para segui-la convenientemente.

Sabedoria na oportunidade da escolha das pessoas: estais num pequeno círculo de pessoas amigas e seguras: quantas coisas podereis dizer inocentíssimamente, e que chegariam o lume a pólvora se as proferísseis perante outras pessoas!

Por quê?

Porque as que nos escutam hoje são caracteres firmes e bem intencionados; compreendem o verdadeiro sentido das vossas palavras, o limite em que se fixa o vosso pensamento, e param sempre perante as exagerações, que é fácil prestar a uma idéia muitíssimo justa em si. Mas se essas palavras que saem do coração numa conversa íntima e sem serem alinhadas com o compasso geométrico, forem proferidas diante de pessoas desconfiadas, mal dispostas, e pouco inteligentes; diante de espíritos fracos, de

almas mesquinhas e naturalmente malévolas, sabeis o que acontecerá? Será dado a vossa conversa um sentido que exclui precisamente o vosso pensamento; apresentar-se-á como expressão da vossa idéia quanto havíeis repellido formalmente, porque tínheis recomendado que não vos invertessem as palavras e que as sustentassem nos limites, além dos quais sairiam necessariamente da verdade e da razão; envenenar-se-á a sincera candura da vossa alma; alguma viborazinha que deslize para junto de vós sem que a vejais, preparará o dardo que vos há de ferir; lançará o veneno nos vossos melhores pensamentos, nos vossos inofensivos projetos: e bem depressa receberéis pela posta do público uma segunda edição de vós próprias, não aperfeiçoada, mas malissimamente aumentada, falsificada, invertida. E não tereis quase que o direito de vos queixardes!

Porque tendes deixado cair à luz íntima da vossa vida, sobre os vidros raiados, contornados, facetados, que se chamam espíritos falsos e corações malévolos?

Não vos admireis se o objeto da vossa idéia, e a forma das vossas palavras, forem representadas inversamente, e segundo a natureza dos espíritos que vos ouviram.

Eu peço-vos, senhoras, que antes de abrires a boca, chegueis à porta a ver se é a sabedoria que bate; se for, nada de melhor, abri de pronto, abri-a de par em par. Falai com toda a confiança e Deus abençoará o que sair do vosso coração. Mas tomai cuidado: há interiormente vozes de "sereias", que pedem emprestadas a linguagem e a voz da sabedoria. Essas "sereias" são numerosas e de formas múltiplas: chama-se a intemperança da língua, a necessidade de sair da sua casa, isto é, do seu coração, a vingança, a cólera, o furor de maldizer e caluniar, o prurido desse órgão que o Apóstolo chama o *mal inquieto*. (Jac., III)

Velai senhoras, com o maior cuidado: detende-vos antes de falar, refleti, em na dúvida, guardai silêncio, estas preocupações são tanto mais necessárias, quanto, no meio de eminentes qualidades, o vosso sexo é mais fraco por este lado, a darmos crédito aos moralistas.

Eis o retrato, que a propósito deste versículo, traça um dos comentadores da Sagrada Escritura: "Há mulheres, que são ociosas e curiosas, e que falam continuamente: nem sempre têm a cabeça sólida, e agitam-se aos ventos de todas as paixões. Assim, dizem muitas imprudências, maldades, e, às vezes, até insolências: - *Multa imprudenter, dicuciter et procaciter effetiunt et vociferantur*". (Cornelius a Lapide, in Prov. XXXI)

Cito esta passagem muito convencido de que não se aplica a nenhuma de vós; mas algumas vezes é bom explicar a moral pelo exposto dos extremos.

Por fim a Escritura diz que "a lei de clemência está em seus lábios."

Que admirável sentença! Os lábios da mulher forte são depositários da lei da clemência: *Lex clementiae in lingua ejus*.

Ao homem a força, a coragem e uma certa autoridade no interior da família. Não digo mal desta austeridade, porque é necessária, e, sem ela, dissolver-se-ia a família num excesso de mole bondade; mas apesar de tudo não é ela suficiente, tem o seu complemento no coração e nos lábios da mulher.

Quando o marido faz ouvir a sua voz cheia de autoridade, que lança em tudo o movimento e a vida, chega a mulher, e, como óleo de suavidade, desliza através das engrenagens, adoça os atritos e facilita a execução. Se o pai mostra aos filhos a firmeza, que é a garantia do êxito, a mulher lá está para vigiar os movimentos muito bruscos, para os acalmar, para lhes dar flexibilidade, sem nada subtrair à sua atividade; a uma palavra enérgica e paternal, junta ela um conselho de mãe; uma frase do seu coração, um olhar afetuoso; e esta sábia combinação de esforços contrários faz com que tudo vá bem na família. O sábio disse nalguma parte, e já o citamos que, nas obras de Deus, há tendências e energias opostas. Este pensamento que bem explica contradições exteriores aplico-o à família.

Existem, devem existir no marido e na esposa aptidões diversas, operações variadas, que convergem ao mesmo fim, por caminhos aparentemente opostos.

Desgraçadamente os consortes nem sempre compreendem suficientemente esta doutrina: a mulher censura a severidade ao marido, e este, por sua vez fala da fraqueza da mulher, e estas palavras são trocadas por um e outro como censuras.

Em lugar da mutuação de recriminações, não valeria mais unir a bondade da mulher à firmeza do homem?

Nesta união encontrariam precisamente o que procuram ambos, e o que destroem por uma inteligente separação.

Que o homem conserve nos lábios uma lei de firmeza, e a mulher uma lei de clemência, e estes dois elementos fundidos por uma afeição reciprocamente, farão a felicidade e assegurarão o futuro da família.

Poder-se-ia ainda dar um outro sentido as palavras: "A lei de clemência está em seus lábios: - *Lex clementia in ore ejus.*"

"A mulher forte - diz o comentador já citado, não é impertinente, mordente nem berradora; é doce, suave, modesta e benévola: - *Non est aspera, morosa, clamorosa, iracunda, sed levis, blanda, modesta, suavis ut non nisi clementia et benevola proferat.*"

Que tristíssima coisa não é a malevolência! E, todavia, como é vulgar!

Como é rara a benevolência! E entretanto, que doce e preciosíssima qualidade da alma! Pois não só é excelente, mas até mais ordinariamente conforme com a verdade!

Quantas línguas de víboras neste mundo!

Quantas invejas a morderem e a rasgarem!

Essas, posso jurá-lo, não têm a lei da clemência sobre os lábios, mas a lei da malvadez, da perfídia e da mais negra invenção.

Quanto a vós, senhoras, conservai-vos sempre no número das mulheres fortes, tais como as quer o Espírito Santo: elaborai para vós uma lei da benevolência, da caridade, e da clemência nas imprecizações, e da benignidade nas palavras.

Como sereis mais felizes e mais tranqüilas convosco!

Quando a víbora humana entrar nos seus subterrâneos, sofre cruelmente, e a recordação do veneno que derramou não lhe permitirá dormir; mas a vida feliz e serena, os sons pacíficos são a partilha das almas cristãs, que respeitam as pessoas e as ações de seus irmãos, que espalham palavras serenas em volta de si, e que, mesmo sobre abismos, mais gostam de lançar flores do que atirar pedras.

Seguindo estas máximas atraíreis a benevolência geral, o vosso bondoso coração será conhecido, e todos confiarão nele. "A vossa memória será um excelente preparador; deixareis uma recordação, doce como mel, e harmoniosa como um concerto musical, num banquete de vinhos deliciosos." (Ps. LI)

Se, ao contrário, rasgardes os outros, em breve tereis feito uma reputação má. Cada um dirá, depois de vos ter ouvido falar do próximo: - Que afiada navalha, que serra não é esta língua: *Sicut novacula acuta!* (Isai. XXVIII)

Como corta em toda a gente! Provavelmente a minha hora soará em breve, e eu passarei também pelos dentes da serra: *In serris triturbatur* (Eccl. XLIX).

Quando uma pessoa é assim conhecida e apreciada, far-se-lhe-á talvez boa cara pela frente, porque se receia dela; mas apenas voltar às costas. A recompensa é certa, e encontram-se também instrumentos para retalhá-la.

É a pena de Talião: - *Olho por olho, dente por dente* (Lev. XXIV): os homens podem ser injustos, e o são, muitas vezes, aplicando a lei, mas outras tantas se serve a Providência da maldade deles para cumprir a obra da sua alta e onipotente justiça.

Então o culpado experimenta por sua vez a triste verdade das palavras de São Crisóstomo: "Nada há pior que a língua, pois é mais perigosa que os embustes e mais cruel que a espada". (Job, c.5)

Neste caso, senhoras, a lei da clemência em vossos lábios e nas vossas palavras! Se a grande carta da benevolência fosse adotada por todos, quanta alegria nas sociedades! Quanta sinceridade nas relações!

Juntai-lhe a lei da sabedoria, que a Sagrada Escritura recomenda também a mulher forte, e então merecereis completamente o elogio do Espírito Santo: "Ela abriu a boca a sabedoria, e a lei da clemência está em seus lábios: - *Os suum aperuit sapientiae, et lex clementiae in lingua ejus.*"

16ª CONFERÊNCIA



*Consideravit semitas domus suae,
et panem otiosa non comedit.
Surrexerunt filie jus et beatissimam praedicaverunt;
vir ejus et laudavit eam.*

*Considerou os corredores de sua casa
e não comeu o pão na ociosidade;
seus filhos levantaram-se e proclamaram-na feliz;
seu marido levantou-se também e cantou-lhe os louvores.*

(Prov., XXXI, 27-28)

Uma força misturada de graças, uma dignidade cheia de encantos, são o vestuário da mulher forte. A sua beleza é pedida à alma, impõe respeito e inspira nobres e generosos sentimentos. Nada de lânguido, de afeminado e sensual; é a virtude que se pinta em seus órgãos, e que atrai para elevar mais alto. Ela também não conhece os amargos pesares que se reservam as mulheres, cuja beleza frívola foi a causa de deploráveis desvios. A sua velhice é cercada de respeito e de afeição, e tem nos lábios, sobre o leito de morte o sorriso da alma predestinada: *Et ridebit in die novissimo.*

O Espírito Santo ajunta: - "Abriu a boca à sabedoria, e a lei da clemência está em seus lábios."

Tiramos deste texto vários conselhos relativos à conversação, à oportunidade do discurso, e recomendamos, com instância, a sobriedade e a sabedoria nas palavras: máxima sempre repetida é, no entanto, quase sempre esquecida na prática.

Afinal, senhoras, fostes apresentadas como rainhas da clemência, tendo na família o papel e as palavras da doçura e da ternura, votando pelas medidas pacíficas, fazendo inclinar o prato da justiça para o lado do perdão, e nas relações com a generalidade dos homens, inclinando-o para o lado da benevolência, que desculpa e justifica.

Sigamos hoje o nosso caminho que em breve será terminado. - "A mulher forte considerou os corredores de sua casa, e não comeu o seu pão na ociosidade; seus filhos levantaram-se e proclamaram-na feliz; seu marido levantou-se também e cantou-lhe os louvores."

"Considerou os corredores de sua casa: *Consideravit semitas domus suae.*"

Já o dissemos muitas vezes: - a guarda da casa, pertence especialmente à mulher: ao homem, os negócios externos, as grandes empresas, as excursões longínquas. A mulher, semelhante à mãe dos passarinhos, fica no ninho da família, chocando tudo com o seu amor e com a sua ativa providência. Nada lhe escapa; e se Deus lhe deu o sentido "advinhador", que presente as coisas, se é dotada de rara perpiscácia, para entrever e suspeitar o que se quer afastar da sua vista, é então que ela tem uma missão providencial, qual a de guardar o interior da sua família, de preservá-la do perigo, alimentando-lhe sempre uma vida cheia de confiança: - *Sicut vir publicis officiis, ita mulier domesticis ministeriis habilior destimatur.* (Santo Ambrósio. De Parad., nº 50).

Feliz a família que repousa assim no coração de uma mulher piedosa!

Feliz o ninho em que as asas maternas se estendem para aquecer, ou voam ao redor dele, para se certificarem se nada há a recear pela ventura dos seus filhos!

A família pode repetir com a tranqüilidade da confiança, a frase do Profeta: - "Morrerei no meu ninho de amor, e, todavia multiplicarei os meus dias, como os da palmeira: *In nidulo meo moriar*" (Job. XXIX, 18).

Tendes praticado este conselho do sábio?

Tendes considerado bem os corredores de vossa casa? Sabeis por quem são freqüentados e quais as suas desembocaduras?

Entremos, se quereis, nalgumas minuciosidades.

Tendes criados: sabeis bem quem eles são?

Estais suficientemente ao fato da sua moralidade, probidade e discrição?

Sabeis quais são as pessoas com quem convivem, e quais as que introduzem em casa?

Tendes, sobre a sua conduta, dados suficientes para vos certificardes?

Não vos contentais com esses quases, que têm, ordinariamente, por conclusão, as mais deploráveis conseqüências?

Longe estou de querer transformar-vos em inspetoras oficiais, com a aspereza das posições e das palavras que se censuram na vigilância pedagógica: é necessário uma vigilância ativa, porém cheia de bondade; possuir o talento de ver sem espionagem; de inspecionar do modo mais natural e sem afetação.

Nestas condições, a fiscalização de uma dona de casa não pesa como um sonho horrível, aceita-se sem dificuldade, ainda mesmo que se receie, e compreende-se-lhe a necessidade, ainda que se procure fugir a ela.

A vigilância quotidiana e de quase todos os instantes, é exercida por vós, a respeito do que tendes de mais caro, em vossos filhos queridos?

Conheceis os lugares e as pessoas que freqüentam? Sabeis qual a natureza das companhias que eles gostam de escolher? Que digo, sabeis o que eles se tornam em vossa própria casa?

Há mães, às quais estas interrogações admirariam profundamente, porque nunca as dirigiram a si, nem supunham que se pudesse fazer.

Seus filhos!

Elas ocupam-se pouco deles, exceto talvez na hora da refeição, porque é preciso fazer-lhes justiça, elas trabalham para que se saiba e se diga que seus filhos são perfeitamente alimentados, que a saúde passeia em rubras cores nos seus rostos, fazendo, deste modo, a honra à cozinha da casa. Em tudo o mais está à menor das suas ocupações.

Outras ligarão uma grande importância ao êxito dos seus filhos; e o que mais a lisonjeia, é o ponto de honra, a vaidade maternal que se acha assim agradavelmente acariciada; mas a moralidade, a conduta, o espírito religioso de seus filhos, é um cuidado a que nunca se entregaram, porque têm muitos outros.

Estou, por sem dúvida, muito longe de repreender as solitudes e os passos para os legítimos e razoáveis sucessos dos filhos, e para o seu avançamento no mundo, contanto que as regras da moderação e da sabedoria cristã sejam observadas.

Mas o futuro dos filhos não consiste somente nestas coisas; e concedendo de boa vontade aos legítimos interesses um lugar conveniente nas providências, é necessário não abandonar o mais essencial: *Haec oportuit facere et illa non omittere* (Math., XXIII,23).

Vigiai a educação de vossos filhos, a cultura do seu espírito, e empregai todos os meios que estão à vossa disposição para lhes preparardes bom êxito, mas não esqueçais a cultura da alma. Recordai-vos de que, no jardim da vida, há uma flor necessária, a da fé - e que aonde ela não medra, essa planta celeste - outras flores emurchecem rapidamente, sobretudo, a da verdadeira ventura.

Como mulheres cristãs, podeis, sobre este assunto, exercer uma poderosa influência, pelos vossos exemplos, pelos vossos conselhos, pela vossa bondade, pela vossa paciência, e, sobretudo, pela oração.

Não há dúvida que, quando a criança chega a uma certa idade, parece escapar-vos a sua inteligência e fugirem-vos as rédeas do seu espírito, e, no entretanto, o vosso poder é mais forte e mais extenso do que aparenta.

É incessante a vossa influência sobre o coração quando sabeis dirigi-la, e a vossa palavra, quando é inspirada pelo amor maternal, é um orvalho que sabe sempre encontrar as raízes da vida, mesmo na vida intelectual.

O coração e a alma influem mais do que se julga nas convicções, e quando a mãe sabe ferir as cordas do coração nada há inteiramente perdido.

Um doce olhar, um conselho afetuoso, um nobre e doloroso silêncio, operarão, algumas vezes, prodígios sobre uma alma que tiver escapado às mais eloqüentes predicas.

A recordação de Santa Mônica, fez mais, talvez, depois da graça, pela conversão de Santo Agostinho, que todos os outros meios exteriores.

Para preparardes de antemão todos estes felizes resultados, vigiai vosso filho desta tenra idade; examinai as freqüentações externas e internas; dai-vos conta do emprego do seu dia; no momento em que a vossa vigilância ficar inativa, soará talvez a hora do perigo e da queda. O gênio do mal vela também a alma de vosso filho, e ele tem desgraçadamente uma inteligência inerente à natureza humana, e que é, muitas vezes, de uma precocidade espantosa nas crianças; é a corrupção nativa, que embaraça os mais hábeis esforços, e que inspira à mocidade meios conhecidos dela, para escapar à vigilância mais desenvolvida; é ela que lhe ensina os estratagemas e os desvios e que os colorea com todas as aparências da candura.

Vigiai especialmente as leituras de vossos filhos, e insistimos neste ponto, embora tenhamos de repetir. Tende a precaução e a coragem de subtrair aos seus filhos todas as publicações que tanto mal fazem na nossa época. Se tendes biblioteca, não a conserveis aberta à vossa jovem família, senão com a prudência da mais severa reserva. Não falo aqui de obras essencialmente más, pois suponho que não as possuís. Muitas vezes, obras boas, ou, pelo menos, indiferentes, em si, podem ser relativamente perigosas para o coração de vossos filhos.

Há licores que sustentam e fortificam o homem chegado à idade madura, e que matariam o ser débil, cujo temperamento só suporta ainda o licor do seio maternal.

É este o princípio de sabedoria vulgar, que se põe habitualmente de lado, na prática da vida, e em particular na educação dos filhos; e, muitas vezes, uma ciência intempestiva, inoportuna e prematura, produziu na alma da mocidade horrosos estragos.

Tais são, senhoras, os vossos principais deveres para a vigilância de vossos filhos.

Para melhor os cumprirdes ponde sempre nos vossos atos, nas vossas palavras e olhares, a bondade do coração maternal que obtêm facilmente tudo quanto quer porque se impõe com afeição.

Quanto mais ativa for à vigilância sobre a família, tanto mais deve ser cercada de amor e verdadeira dedicação: chegareis assim a fazer saborear, ou, pelo menos, a suportar o que em si é de natureza indigesta, para a independência da mocidade. Recordai-vos do que éreis outrora, e tende piedade dessa pobre mocidade: se as vossas apreciações se modificaram pela madureza dos anos e a experiência da vida, há uma coisa que não se modifica e cuja idade nos demonstra mais e mais a utilidade: é a benevolência, e a afeição, condimento sempre essencial no banquete da vida, sobretudo quando o alimento preparado tem alguma amargura.

Essa amargura é necessária, concordo; é indispensável para melhor assegurar o futuro; mas que, ao menos, seja temperada por uma mistura de amor e de suavidade.

"A mulher forte considerou os corredores de sua casa."

Não é bastante vigiar os criados e os filhos. Lançai os olhos e tudo quanto se passa em vossa casa, para que nada vos escape, para que certas idas e vindas, sejam por vós analisadas e compreendidas; sabei prever e impedir, tereis mil meios despercebidos de resistência, achareis mil processos naturalíssimos, para desfazer certas intrigas: e a mulher, sem que o pense, pode muito habilmente cortar os tramas mais invisíveis. Mas para isto é necessário que vigie, que conheça todos os caminhos que conduzem a sua casa, e todos os que lhe dão saída: - *Consideravit semitas domus suae*; é necessário que ela adeje, como a ave, sobre o seu ninho, e que saiba ver claramente, mesmo nas trevas. Nada de rumor, nada de violências, nada de palavras imprudentes; uma ação firme, lenta e doce; a energia e a tranqüila ação da vaga tranqüila, quando arrasta os restos do naufrágio sobre a praia, pois os conduz docemente sobre a areia, e a sua ação é tão forte, é tão irresistível quanto é calmo o seu movimento.

Ouço as almas indolentes soltarem um grito de espanto.

- Na verdade que trabalho nos tendes preparado! Que atividade exigis de nós! Que serviço constante! Que ocupações de todas as horas! Ainda mesmo que se pareça estar na ociosidade!

- É verdade senhoras, que para a prática destes conselhos é preciso não dormir, porque se dormis, o homem inimigo virá e semeará o joio no campo da vossa família. Para seguirdes estes conselhos é necessário estar sempre na brecha.

Mas a verdadeira vida é uma atividade perpétua; essa atividade é uma fonte de ordem, de riqueza, de prosperidade e ventura. A preguiça, ao contrário, é a mãe de todos os vícios, de todas as desordens, de todas as desditas. Sem a atividade e o trabalho do corpo ou do espírito, vossa casa semelhar-se-á a um campo coberto de espinhos e silvedos; e oxalá que esse campo não seja o covil de serpentes venenosas!

O sábio compreendia muito bem essa atividade continua da mulher forte, porque ajunta: "Ela não comeu o seu pão na ociosidade: Panem otiosa non comedit." São Paulo dizia:

"Não deve comer quem não trabalha." (II Tes. III,10) Se se apertasse com o rigor da letra desta palavra, quantas pessoas deveriam jejuar absolutamente todos os dias!

A mulher forte, pelo contrário, não come o seu pão na ociosidade, porque está sempre ocupada. Madruga, ordena tudo, distribui o serviço pelas suas pessoas, excita-as com o seu exemplo, gosta do trabalho manual, e não despreza a cultura da inteligência.

Navio carregado de ricas mercadorias entra em cada tarde no porto da família, trazendo consigo preciosísimos tesouros. Se às vezes parece inativa, é que, semelhante à abelha, esta encerrada na colméia, preparando o mel delicioso, o mel dos santos pensamentos, das conversações íntimas, o mel colhido nas flores mais delicadíssimas da sua inteligência e do seu coração.

Outras vezes, derramará secretamente o suor de sua alma, e a sua vida gastar-se-á num trabalho subterrâneo silencioso, e tanto mais ativo e mais penoso quanto menos o pensam os homens. Mas sejam quais forem a natureza do seu trabalho e a esfera da sua atividade, a mulher forte não come nunca o seu pão na ociosidade: *Panem otiosa non comedit.*

Quantas mulheres, ao contrário, que fazem da ociosidade vida, e cujos dias se arrastam pesadamente num estado que se assemelha a uma indolência perfeita! Dir-se-ia que dormem habitualmente, como a tardia criatura que os naturalistas chamam - preguiça. Em casa delas só um membro trabalha - a língua, e forçoso é confessar-se que trabalha superabundantemente, e que substitui, de um modo completo, a ação de todos. Parece que os outros lhe passaram procuração, e que, querendo descansar, lhe legaram a missão de se agitarem à vontade, e asseguro-vos que nenhum testamenteiro compreendeu tão bem o seu encargo.

Entretanto, a língua é o membro que precisamente, mais vezes devia descansar, e cujo exercício importuno é também nocivo aos nossos interesses e aos do próximo: e notou-se que, justamente quando está mais ativo é sempre com prejuízo das verdadeiras e serias ocupações.

Segui desde pela manhã até a noite a mulher leviana: que faz ela? Nada, ou quase nada. Passa metade do dia em visitas completamente inúteis, em conversações, pelo menos, frívolas, em entretenimentos, que se não deixam, de ordinário, sem se terem ferido pelo menos dois ou três mandamentos de Deus.

O resto da sua vida é uma nuvem que vagueia nos espaços: sonha, e, muitas vezes à beira dos abismos; a sua imaginação incandescente espalha-se como a lava nas proximidades; o seu espírito mais ou menos romanesco enche-se de chimeras, de planos impossíveis; ou então encerra-se nos seus aposentos e conversa com os livros frívolos e perigosos, de cujas páginas saem, mais ou menos emanações postilentas, em que o veneno está quase que sob cada palavra em dose invisível, matando as almas lentamente. Valeria muito mais para esta desgraçada mulher um sonho completo e uma ociosidade em que todas as faculdades do espírito e do corpo estivessem completamente adormecidas. Seria, ao menos, sob muitos pontos de vista, um sono inofensivo; mas a ociosidade do mal da frivolidade, o sono, em que nos mergulham os sonhos da imaginação, atacam a vida moral! É um veneno disfarçado sob formas que seduzem e conduzem em breve a uma letargia mortal.

A Bíblia acrescenta: "Os filhos da mulher forte levantaram-se e proclamaram-na feliz; e seu marido levantou-se também e publicou-lhe os louvores."

Que há mais belo e mais consolador, do que ver uma mulher venerável, uma mãe de família, cercada de estima, de confiança e de amor de seus filhos e de seu marido?

Quando anda em casa com um aspecto cheio e graça e de dignidade, dir-se-ia que toda a família se levanta, para lhe fazer um cortejo de honra e dizer à porfia: - Eis a nossa glória, a raiz da nossa vida e da nossa ventura, o centro do nosso amor, centro querido onde todos os corações vão fundir-se e estreitar os seus laços, purificando-se. É a sombra tutelar aonde íamos descansar e desencalmar-nos, e como os rendez-vous dados outrora junto ao velho carvalho, é junto do coração, sempre jovem, da esposa e da mãe, que a família se reúne, onde tudo se acalma, tudo se purifica, onde as nuvens da vida desaparecem, e onde a alegria renasce com amor puro.

Taça deliciosa do coração da mãe, vós sois necessária para ministrardes a todos a embriaguez da felicidade doméstica; perto de vós esquecem-se os pesares da existência, e o licor que dais a beber, junto à doce harmonia dos vossos sentimentos, recorda a palavra da Bíblia: - "O bom vinho e a música rejubilam o coração do homem: - *Vinum et musica laetificat cor.*" (Eccl. XL,20)

Pode haver, senhoras, e há desgraçadamente muitas nuvens na vida da família: os caracteres são tão diferentes, as paixões tão múltiplas e tão complicadas no seu jogo, que a serenidade completa é impossível. Mas quando uma mulher cumpriu bem os seus deveres, quando foi seriamente cristã, quando constantemente fez face a todas as suas obrigações com a constância da força, a ternura perseverante do amor, e a longanimidade da paciência, a hora da justiça e do reconhecimento soa mais tarde ou mais cedo. Um dia seu marido levanta-se fazendo sinal a seus filhos e todos se inclinam com respeito, saudando o anjo do lar doméstico, proclamando-a ditosa, e suplicando-lhe para alargar mais o seu coração, para nele dar abrigo a um novo amor da família, e que parece renascer para uma vida nova! *Surrexerunt filii ejus, et beatissimam proedicaerunt; vir ejus et laudavit eam.*

Nesse dia há um grande júbilo no coração da mãe, e ele é ainda mais feliz com a alegria da sua família do que com a sua própria, ou antes, estas suas alegrias só fazem uma.

O Profeta disse que, "ordinariamente se semeia em pena e em lágrimas, mas que se colhe em alegria". (Ps., C.XXV,5)

Não é este o resumo da vida da mulher?

Semeia em penas, em dor e em trabalho: após as sementeiras vem, muitas vezes, o frio, as brumas, a neve e os ardores do sol. Mas que rico outono! Que doce estação aquela em que se recolhe o que se semeou, em que se recolhe uma colheita, tanto mais abundante, quanto maior foi o sofrimento!

A vida é assim: vai-se e vem-se, lançando a semente dos seus pensamentos, das suas palavras, dos seus atos e benefícios; espalha-se muitas vezes exteriormente, o que há de

melhor na alma, e chora-se para regá-la: - *Euntes ibant et flebant, mittentes semina sua... Qui seminant in lacrymis.*

Correi em abundância, lágrimas da vida, lágrimas do coração: correi sempre, e cai sobre a terra que deveis fecundar. A vossa emissão faz, às vezes, sofrer cruelmente o que vos dá, porque vos formais arrancando as gotas mais íntimas do coração: as lágrimas verdadeiras - dizem os santos - são o sangue da alma, e, algumas vezes, os suores da agonia. (S. Agostinho, Sermão. 351, nº 7).

Não importa: correi sempre; ou vos chamem o sangue do coração, o suor da vida íntima, ou a derivação de uma alma liquificada pela dor e por um penoso trabalho, correi sempre, pois sois vós que preparais as verdadeiras colheitas, colheitas das almas, tesouros de virtudes, de sabedoria e de prosperidade.

Seja assim entre vós, senhoras.

Oxalá que possais, depois de terdes sofrido muito, assistir um dia a essas ceifas espirituais, no interior de vossas famílias, quando os corações de vossos filhos e de vossos maridos, como cachos de uvas, pareçam aproximar-se de vós, na vossa passagem, convidando-vos a colhê-los; quando vosso marido e vossa família se reunirem em derredor de vós como os feixes de centeio de que falava o jovem José, e vos oferecerem a homenagem do seu respeito, do seu amor e do seu reconhecimento: *Putabam nos ligare manipulos in agro et quasi consurgere manipulum meum et stare, vetrosque manipulos circumstantes adorare manipulum meum.* (Gen. XXXVII,7).

Não quero terminar esta instrução sem me levantar também para vos proclamar cheias de piedade filial, e vos agradecer paternalmente todos os vossos bons sentimentos, durante a curta doença que sofri, e todas as vossas excelentes orações.

O resultado harmonizou-se com os vossos votos, e eu posso hoje cumprir à letra a palavra da Escritura, que modificarei levemente, para vos dizer, mudando-lhe um único termo: - O arcebispo pode levantar-se, também, para louvar e agradecer à mulher forte: *Surrexerunt filii ejus, et laudaverunt eam; vir ejus et laudavit eam.*

17ª CONFERÊNCIA



Mulier filiae congregaverunt divitas: tu supergressa es universas. Fallax gratia, et vana est pulchritudo: mulier timens Dominum ipsa laudabitur. Date ei e fructu manuum suaram et laudent eam in portis opera ejus.

Muitas donzelas juntaram riquezas, mas vós excedeste-as. A graça é enganadora e a beleza é vã: a mulher que teme o Senhor é a que será louvada. Dai-lhe o fruto de suas mãos; que suas próprias obras a louvem na assembléia dos juízes.

(Prov., XXXI, 29-31)

Senhoras.

A mulher forte deve examinar os atalhos de sua casa, e ter os olhos abertos sobre tudo quanto se passa interior e exteriormente. Semelhante a um pássaro é necessário que não abandone o ninho da família, ou que adeje em volta dele para examinar e temer as precauções necessárias. Os criados, os filhos, as pessoas que entram ou saem, as mil pequeninas coisas do lar doméstico, nada deve escapar-lhe. Esta vigilância deve ser exata, mas doce e afetuosa, pois é deste modo que a mulher forte corrige, e tempera o que pode haver de amargo nas advertências e correções que tenha a fazer.

Para o cumprimento destes deveres urge uma continua atividade. Pois o sábio disse que “a mulher forte não come o seu pão na ociosidade.”

Madruga, ordena tudo, e preside a todas as coisas: como a abelha industriosa atua tanto mais, quanto mais gosta de esconder-se na colméia do seu interior, sendo muito diferente dessas mulheres levianas, cuja vida é passada a conversar, a sonhar, a fazer visitas, muitas vezes inúteis, e a ler obras frívolas, senão perigosas ou más.

Uma doce recompensa espera a mulher forte: é muitas vezes tardia, mas coroa pelo menos os últimos anos da sua vida. As virtudes que a adornam, talvez que por muito tempo desconhecidas, acabam por ser apreciadas, e, cedo, ou tarde, seu marido e seus filhos se reúnem em volta dela e a saúdam com respeito, como o centro do seu amor, a

raiz da sua vida e da sua felicidade: *Surrexerunt filli ejus, et beatissimam praedicaverunt: vir ejus et laudavit eam.*

Há então uma grande alegria no coração da mãe e da esposa, pois tendo semeado nas lágrimas, ceifa agora nos júbilos.

Hoje, senhoras, terminamos estas conferências, talvez que demasiado longas, sobre a mulher forte, e vamos comentar os últimos versículos que me têm servido de texto.

“Muitas meninas juntaram riquezas, mas foram por vós excedidas.”

O comentário deste texto impõe-nos a obrigação de resumir as numerosas e admiráveis qualidades da mulher forte, e isto será um como ramo destas instruções.

A mulher forte está na família como um navio carregado de ricas mercadorias; por sábias economias, por uma inteligente atividade e pelo seu hábil sentido nos negócios, aumenta o patrimônio da família e faz prosperar as rendas das suas terras e dos seus capitais; sabe, de tal modo prever e combinar, que nada lhe falta em casa, que todas as previsões são em abundância e que nada tem a recear dos rigores das estações, nem da desventura do tempo: - *Nom tomebit domui suae a frigoribus nivis*; mesmo sob este ponto de vista, pode dizer-se que a mulher forte tem uma superioridade notável sobre todas as outras mulheres: *Tu supergressa es universas*. Semelhante a mãe de São Gregório Naziano “ela é de tal modo ocupada nos interesses terrestres, que parece esquecer Deus; e, todavia, de tal modo se une a Ele, que parece estranha ao mundo.” (Greg. Naz. Orat. XVIII.)

Mas não está nisso o principal tesouro da mulher forte. Possui uma rica superioridade de natureza, e, todos os dias com o socorro da graça, aumenta este capital divino. Ela enriqueceu o espírito com todos os conhecimentos que podem ser úteis ao seu sexo, ou que o ornamentam; tem no coração uma fonte perene de nobres e puros sentimentos, de afeições divinas, de vista elevadas e de generosos projetos; e o seu caráter compõe-se de graça e de dignidade, de doce amenidade e de elevação temperada pela simplicidade.

Todo o seu ar nos parece formado de cambiantes delicadas em que cada cor oposta completa uma outra cor, e cuja reunião é um deslumbrante quadro de virtudes amáveis e de encantos, misturados de austera gravidade. É como o navio elegante e forte, que navega no alto mar, mundo de velas e de mastros, com leme de um sábio piloto. É feliz a sua derrota, e quando entra no porto, espera-a a família na praia, a saúda-a com amor e com o justo sentimento de altivez, que deve inspirar uma mãe tão perfeita e tão venerável.

Ela constitui a glória de seu marido, sustenta-o nos pesares, recebe no coração as lágrimas que ele derrama e transforma-as em rosas de afeição; é para ele uma fonte de bons conselhos e de sábia apreciação dos homens e das coisas, e, sob este ponto, completa a inteligência do homem. Com o seu delicadíssimo tato e a sua fina observação descobre os tramas ocultos em toda a parte e adivinha, muitas vezes o que não poderia ser evitado no momento de perigo. Pela doce influencia do seu espírito e do seu coração corrige as asperezas do caráter do homem, arredonda os ângulos e dá-lhe ao

espírito e aos modos um cunho de maior distinção, ou, pelo menos, subtrai à sua natureza o que fatigaria a vista do mundo, ou atritasse nos contatos: - *Nobilis in portis vir ejus*. Quantos homens se têm aperfeiçoado assim, nas suas relações da alma com uma mulher virtuosa, e nas aproximações da vida quotidiana, em que uma pedra fina e delicada sabe gastar e polir a mole que ela toca! Assim, o coração do marido deposita nela inteira confiança e não carece outras riquezas, porque tudo encontra no coração de sua mulher, a ali repousa em paz: - *Confidit in ea cor viris ui et spoliis nom indigebit*.

A mulher forte é também para seus filhos uma fonte de bons conselhos e sábias advertências. Aperfeiçoa todos os dias, a vida que lhes deu, do mesmo modo que o jardineiro cultiva e desenvolve com amor a planta que fez nascer no céu canteiro. Ela dirige-lhes a parte superior da alma para o céu, e, no entanto, deixa-lhes tomar raiz sobre a terra, a fim de que possam cumprir um dia a missão que Deus lhe confiar. Vigios com contínua ansiedade e uma terna inquietação, corrige-os com afeição, corta-lhes os ramos inúteis ou perigosos e dá a seiva o andamento regular, e a prudente direção que evita os desvios e nada deixa incompleto.

Em todas as ocasiões difíceis ou delicadas, a mulher forte é o apoio de sua casa: na desgraça desenvolve uma rara energia e torna-se para todos o rochedo inabalável às bordas do oceano, em que se podem amarrar os restos do navio.

Conheceis a mulher forte?

Tendes a felicidade de ser admitidas mais ou menos, a sua intimidade?

Que riqueza lhe deveis descobrir todos os dias! Que veios de ouro, desconhecidos do vulgo! Que bondade no coração! Que finura no espírito! Que benevolência nas ocasiões! Que paciência nas minuciosidades! Que resignação serena e forte nas dores da vida! Que luz intensa e doce na inteligência! Que calor na alma! E que nobreza no coração!

Sim, se conheceis a mulher forte, ide muitas vezes, saquear as flores de seu jardim secreto, e voltareis dizendo que as suas riquezas excedem as riquezas de todas as outras mulheres: *Multae filiae congregaverunt divitias; tu supergressa es universas*.

Mas, sobretudo, que tesouros descobrireis se puderdes penetrar no santuário da mulher forte, no lugar abençoado e oculto, que parece tocar o céu! Que perfume de piedade nesse oratório íntimo! Que suave profunda união com Deus!

É ali que vereis a geração divina de todo o bem que se opera nesta alma escolhida, para, em seguida, se derramar nas obras de zelo religioso, de maternal dedicação e de benevolência social. Vós sois a fonte primária que rega todo o jardim, que aperfeiçoa e refresca todas as qualidades da ordem natural, e que arrasta nas suas águas sementes de virtudes, que nunca a natureza poderia produzir. Semelhante à montanha dos Períneos, que dá nascimento a uma multidão de fontes variadas, que a mão do Criador, criou de propósito para a cura de numerosas doenças, a piedade esclarecida da mulher forte, é, para ela, uma fonte de mil veios diversos, em que todo o seu ser se retempera todos os dias, e que se torna alternativamente princípio de cura e de energia vital, princípio de força, de doçura, de sabedoria, de amor, de inteligência, de serenidade, de paciência e de resignação.

Ah! Se sempre vos fosse dado conhecer os segredos dessa alma, e, sobretudo, os segredos da parte elevada, que está em comunicação direta com céu, com que alegria, misturada de uma santa inveja, não exclamaríeis: - As outras mulheres poderão juntar algumas riquezas, mas nada é comparável aos tesouros amontoados pela mulher forte: - *Multae filiae congregaverunt divitias, tu supergressa es universas.*

“A graça é enganadora – continua o Espírito Santo- e a beleza é vã: a mulher que teme o Senhor é a que será louvada.”

Como é de uso nosso, não depreciarmos os dons do Criador, repetiremos ainda que a beleza, em si, é uma preciosa qualidade, e que vem de Deus, como tudo o mais que neste mundo se chama esplendor, bondade e verdade. “Senhor – dizia Santo Agostinho- Vós que sois o bem e o belo por excelência, Vós em que e por quem subsiste tudo o que é bom e belo.” (Soliloq., 1. I, c.3.) – “Toda a bondade da criatura – diz outro santo Padre, - é uma imagem da ternura de Deus pelos homens, e uma prova visível da bondade do Criador.” (Basil. Selenc. Orat. 12, nº 1,) – “É também uma coisa maravilhosa – acrescenta São João Clímaco – ver a alma pura servir-se, como de uma escada para ir a Deus, de quanto é muitas vezes para outros uma ocasião de ruínas.” (Grad., 15)

Ninguém me acusará, pois, de depreciar os dons de Deus; mas no estado de decadência, esse dom de Deus que se chama a beleza, não se torna muitas vezes uma grande vaidade, um laço, um engano, um perigo?

É certo que entre os objetos visíveis nada há que mais faça lembrar a grandeza e a beleza de Deus, do que um nobre caráter da mulher, do que uma alma elevada e virtuosa, cujo corpo é o esplêndido vestuário que a cobre.

Mas como é raro tomarem-se as coisas por este lado, e como teve razão o sábio em dizer “que a graça é enganosa, e como a beleza é vã!”

É vã e enganosa, principalmente porque passa com rapidez. É a flor matinal, é a flor que desabrocha da aurora e se emurchece à tarde.

Daqui, entre muitas pessoas, o enfado de envelhecer, o qual se lhes torna insuportável: antes quereriam ser assadas lentamente. As rosas estiolam-se em breve, mas essas, ao menos, têm o espírito da sua situação: porque tão depressa murcham como se escondem e desaparecem.

Acontece sempre o mesmo com as rosas da humanidade?

Quantas não têm dado lugar a esta espiritual nota de São Francisco de Sales: - “Zomba-se sempre dos velhos, quando querem fazer-se bonitos; é uma loucura que só é suportável na mocidade.” (Vida devota, c. 25)

Tristes ilusões da vida! Uma mulher nova ou é ou se julga bela; mas após algumas primaveras, é uma rosa que empalidece, sem que ela o veja, porque o seu espelho e os seus olhos a enganam. Envelhece: que digo eu? É já velha, segundo os outros, e falo da velhice das coisas exteriores a qual importa pouco à alma justa. Mas, entretanto, julga-se sempre na estação das flores; e quando alguém a vê passar com ingênua confiança na

estrela da sua mocidade recorda involuntariamente a palavra do santo arcebispo de Gênova: “A graça é enganadora e a beleza é vã”, porque muitas vezes, ambas elas, se convertem num perigo.

No estado de justiça original, a beleza não era para alma sempre pura, mais que a imagem da beleza de Deus, imagem que descia do céu, e nos transportava depois às regiões elevadas; era também o espelho em que as perfeições da alma inocente vinham refletir-se com visível expressão.

Após a queda a tendência da alma para com as coisas inferiores, a beleza tornou-se um laço, e o cristão deve marchar com cautela á margem dos precipícios. Sem dúvida nada é necessário de aflitivo e de escrupuloso; o receio do perigo provoca-o muitas vezes, o temor da vertigem pode dá-lo.

Quando o coração é simples e a intenção reta, é preciso ir redondamente e lembrar a frase do Apóstolo: - “Tudo é ouro nas consciências puras: - *Omni munda mundis.*” (Tit. 1-15) E muitas vezes, como notou São João Clímaco, e, antes dele muitos outros Doutores, a alma justa acha assunto para louvar a Deus e ocasião para se elevar até Ele, aonde as outras encontram uma tentação e uma queda. Isto recorda-me o pensamento de um moralista que dizia: - “Quando apanho conchas e encontro pérolas, tomo estas e abandono aquelas.” (Pensamento de Joubert)

Mas pessoas há quem têm, pelo contrário, o talento de abandonar as pérolas, guardando somente as conchas, e algumas vezes a lama que as sustenta.

A beleza é ainda vã, porque, segundo notam vários filósofos e o testemunho da experiência, acontece muitas vezes que ela é o apanágio das pessoas sem juízo.

É italiano o seguinte provérbio: A beleza e a loucura convivem em ternura.

Que quereis senhoras?

A natureza nem sempre é um marasmo injusto, dando a uns, e recusando tudo aos outros: são necessárias muitas compensações e recompensas para as pessoas feias.

Estou longe de querer que a fealdade seja um prêmio e uma condição da virtude; mas de fato, quantas pessoas que, deserdadas sob o ponto de vista da beleza física, são riquíssimas em qualidades morais, e que fazem valer admiravelmente este fundo primitivo! As suas feições não são regulares, a sua fisionomia é privada das cores perfeitamente esbatidas que formam o que se chama a beleza do mundo; mas têm a alma maravilhosamente dotada: são cheias de juízo, sábias, prudentes e virtuosas. Todas estas qualidades interiores formam um como ramo, cujas raízes estão dentro, e cujas flores, projetando-se na fisionomia constituem, aos olhos do verdadeiro observador uma beleza muito superior a outra, a beleza de uma alma nobre e reta, “que se expande sobre todos os órgãos com os perfumes de uma flor divina: - *Virente substantia virtutis, decorum illud tanquam flos emicat.*” (Santo Ambrósio, De offic. 1.1) – Mas “a beleza numa mulher que não tem senso – diz o Espírito Santo – é como um anel de outro nas narinas de um animal, que não pode nomear-se aqui em latim: *Circulus aureus in naribus suis, mulier pulchra et fatua.*” (Prov. XI, 22).

A beleza finalmente é vã, porque segundo o trágico grego, “a beleza de uma mulher não a auxiliou nunca a reter o coração de um esposo, enquanto que a virtude tem sido sob este ponto de vista, útil a um grande número delas.” (Eurípedes)

Não, senhoras, não é a beleza a que prende o coração; pode atraí-lo um momento, mas a retirada é súbita quando ela é só. Deus estimou muito o coração do homem para lhe permitir que se entregasse completamente, que se desse sempre por uma coisa tão vã como a beleza das formas exteriores. Ainda mesmo que Ele o quisesse, o coração do homem não pode dar-se assim: há nele instintos superiores que reagem energicamente, e esses instintos podem conduzi-lo até a vergonha de si próprio, na hora da decepção, em que encontra a verdade, em que nada acha que seja digno de si, na retaguarda dessa estátua animada, cuja inteira riqueza é o que a Bíblia chama “uma graça enganadora e uma beleza vã.” O que verdadeiramente encanta o coração do homem, o que o seduz de um modo constante, são as qualidades do espírito, é a virtude doce e firme, a amenidade de todos os instantes, a paciência a toda a prova, a força suave nas contrariedades da vida; é, sobretudo, a profunda piedade, a piedade esclarecida, cuja prática aperfeiçoa e salvaguarda todas as belas qualidades da mulher, lhe eleva o caráter e a virtude a uma altura, que a natureza abandonada às suas próprias forças não atingiria nunca.

A mulher verdadeiramente cristã é na sua casa, “um como vaso de ouro sólido, ornado de toda a espécie de pedras preciosas: - *Quasi vasa uri solidum, omni lapide pretioso ornatum.*” (Eccl., L,10.)

Então já não é um vão ornamento destinado a agradar alguns dias, nem um instrumento de prazeres e de cansaços frívolos ou maus; é alguma coisa santamente bela, é uma imagem sagrada da bondade e da beleza de Deus, é o vaso de ouro precioso, cujo metal brilha tanto mais, quanto mais profundamente se cava, e de que as pérolas da sua ornamentação são tanto mais valiosas quanto mais parte tomam num todo perfeitamente sólido: - *Quasi vas auri solidum.*

É a mulher assim, modelo de perfeição verdadeira, que o Espírito Santo destina todos os Seus elogios: - *Mulier timens Dominum ipsa laudabitur.*

A Escritura acrescenta: - “Sai-lhe do fruto de suas mãos, e que as suas obras a louvem na assembléia dos juizes.”

Dai-lhe do fruto de suas mãos; que ela possa saborear e provar. Por sua vez, todas as boas coisas que produziu; que veja prosperar a sua casa, seu marido cercado de estima e de confiança, seus filhos felizes em seu caminho, e a sua posteridade estendendo uns como ramos cheios de honra e de graça: - *Rami honoris et gratiae.* Que ela goze da união e da consideração de toda a sua família e de todas as pessoas que a conhecem; que os pobres, sobretudo, que os doentes e os aflitos só lhe pronunciem o nome com um sentimento de respeito e de terna veneração; que a sua recordação fique gravada no coração de todos aqueles que têm lágrimas para chorar, que têm necessidade de conselhos, e aos quais a esmola de uma amizade franca e verdadeira fez tanto bem, sobretudo, em certas horas da vida em que tudo parece fazer falta à alma exilada: - *Data ei de fructu manuum suarum.*

Sim, dai-lhe a comer nos dias de velhice desses frutos tão doces e tão saborosos, que nem os poderia haver melhores na terra, e o próprio paraíso quase que invejaria essa

abundante colheita de pomos de paciência, de dedicação, de ternura e de misericórdia, frutos que não podiam crescer e amadurecer aonde não existisse a dor e o sofrimento.

Servi a essa mulher generosa, servi-lhe, com fartura, esses numerosos produtos das árvores que plantou, e que o perfume deles vá refrescar-lhe a medula dos ossos: *Irrigatio ossium...* (Prov. III, 8.). *Fama bona impinguat ossa.* (Idem, XV,30)

“Que as suas obras a louvem na assembléia dos juizes”, que as suas ações sejam como um cântico de louvores em sua honra: *Laudent eam in portis opera ejus.*

A mulher forte nada fez para o louvor; fez tudo pelo bem, e a sua intenção era tão pura, quanto era sincera a sua dedicação. Deus, o bem da sua família e da humanidade, tal há sido a sua constante divisa; e no eixo das suas obras, nunca aceitou voluntariamente senão o que era necessário à boa edificação do próximo, conforme o preceito evangélico: “Que a vossa luz brilhe na presença dos homens, a fim de que eles a vejam e de que glorifiquem vosso Pai que está no céu.” (Idem, XV, 30.)

Mas o senhor que não tem os mesmos motivos de reserva, quer que as obras da mulher forte fiquem como um monumento da sua virtude, da sua ternura conjugal, do seu amor maternal, da sua misericórdia pelos pobres, da sua enérgica atividade, da sua benevolência e da sua caridade por todos; quer que os homens graves e sérios, que são como os juizes da terra, a mostrem com respeito às gerações presentes e futuras, dizendo: - Eis o modelo da mulher, da mãe e da esposa: contemplai esta rica natureza, porque tem duas faces que parecem opostas, mas que se completam: numa, está uma alma de mulher com toda a delicadeza, com toda a previdência, com a sabedoria prática e a ternura feminina; na outras está o espírito varonil e vigoroso com os recursos, a força, a energia, a atividade e a firme perseverança que se admira nos caracteres viris: - *Femineae cogitationi masculinum animum inserens.* (II. Mach. VII,21)

Eu não poderia terminar melhor estas instruções, do que pelas palavras dos livros do Macabeus: é a mais bela, a mais simples e a mais completa explicação dos dois termos que serviriam de tema para os nossos entretenimentos, e que contêm um admirável poema em ação: - *A mulher forte.*

Oxalá que não tenhamos sido o indigno historiador da sua glória e das suas virtudes!

Mulier fortem quis inveniet?